

Dorival Gonçalves Santos Filho

**PADRÃO TIPOLOGICO DO PORTUGUÊS: UM ESTUDO  
DOS VESTÍGIOS DE SATÉLITES NA EXPRESSÃO DO  
MOVIMENTO E DO TRAJETO.**

Dissertação de Mestrado  
submetida ao Programa de  
Pós-Graduação em Linguística  
da Universidade Federal de  
Santa Catarina para a obtenção  
do Grau de Mestre em  
Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Heronides  
Maurílio de Melo Moura.

Florianópolis  
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santos Filho, Dorival Gonçalves

Padrão tipológico do português : um estudo dos vestígios  
de satélites na expressão do movimento e do trajeto /  
Dorival Gonçalves Santos Filho ; orientador, Heronides  
Maurílio de Melo Moura - Florianópolis, SC, 2013.  
148 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-  
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Semântica Cognitiva. 3. Padrão  
tipológico. 4. Prefixo. 5. Satélite. I. Moura, Heronides  
Maurílio de Melo. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III.  
Título.

Dorival Gonçalves Santos Filho

**PADRÃO TIPOLÓGICO DO PORTUGUÊS: UM ESTUDO  
DOS VESTÍGIOS DE SATÉLITES NA EXPRESSÃO DO  
MOVIMENTO E DO TRAJETO.**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Linguística” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 19 de setembro de 2013.

---

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariângela Rios de Oliveira  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edair Maria Gorski  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leandra Cristina de Oliveira  
Universidade Federal de Santa Catarina



Este trabalho é dedicado a minha mãe,  
meus irmãos e a Jeane.



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus.

Ao meu orientador, professor Dr. **Heronides Maurílio de Melo Moura** que acreditou no meu trabalho. “Muito obrigado pela confiança”.

Ao professor **João Roberto Inácio Ribeiro** que me deu suporte no difícil início do percurso acadêmico. “Muito obrigado pela ajuda”.

Ao professor **Cadu** que me orientou na IC.

À **Inez Barchi Felisardo** sempre disposta a me ajudar. “Muito grato”. À Dr<sup>a</sup> **Adriana Barchi**, por iluminar o meu sorriso.

À **Marta Xavier Ruisca Nunes da Costa**, pelo enorme coração.

Ao professor **Mário Eduardo Viaro**, pela sugestão de livros.

Aos meus colegas de mestrado, **Vanessa e Odair**.

Aos meus colegas do NES.

À **Ana Patrícia**, pela sincera amizade e por nossas inúmeras discussões sobre a teoria de Talmy.

Ao meu querido amigo **Lucas Lacerda**, pela parceria.

À professora **Jeane Mari Sant’Ana Spera**, fonte de inspiração, que por anos acompanha meu percurso acadêmico e sempre me dá as mãos quando mais necessito, mesmo eu não sabendo como retribuir tamanha gentileza. “Imensamente grato”. Ao **Ézio**, pelo apoio de sempre.

Às professoras **Regina Rezende e Araci**, por acreditar.

**Mãe e irmãos**, meu muito obrigado por tudo.





A mente humana é capaz de interpretar um cenário específico de diversas formas.  
(Pinker, 2008, p. 41)

## RESUMO

Esta dissertação discute algumas questões ligadas ao padrão tipológico do português na expressão de eventos de movimento, norteados pela teoria de Leonard Talmy (2000). A partir da análise de alguns prefixos e verbos, objetivamos demonstrar que, em algumas ocorrências, a expressão do evento não se encaixa plenamente nas características do padrão tipológico proposto pelo teórico. Na classificação inicial do autor, as línguas românicas pertencem a uma categoria em que o verbo converge, para si, os componentes semânticos de MOVIMENTO e TRAJETO; se o MODO ou CAUSA forem explicitados, será, geralmente, por uma construção gerundiva ou adverbial. Ao contrário, em línguas de origem germânica, os verbos lexicalizam, simultaneamente, componentes semânticos de MOVIMENTO, MODO ou CAUSA; já o TRAJETO é expresso por um elemento gramatical associado ao verbo. Com base em alguns conceitos da semântica cognitiva e do estudo diacrônico do prefixo estudado, será possível apresentar alguns indícios de que a expressão dos eventos de movimento em português pode, também, ser feita por uma tipologia distinta. Além de apresentar os casos em que o português faz uso de elementos de outra tipologia, propomos analisar alguns verbos do padrão tipológico central do português, ou seja, aqueles que expressam MOVIMENTO e TRAJETO na raiz verbal, e apontar, por meio de comparações entre línguas de padrão distinto, que o português possui resquícios de um padrão tipológico diferente.

**Palavras-chave:** Semântica cognitiva; Padrão tipológico; Prefixo; Lexicalização; Satélite.



## **ABSTRACT**

This dissertation discusses some issues related to the typological pattern of Portuguese expression of motion events, guided by the theory of Leonard Talmy (2000). From the analysis of some prefixes and verbs, we objective is to demonstrate that in some instances, the expression of the event does not fit fully the characteristics of typological pattern proposed by the theorist. In the initial classification Talmy classifies Romance languages into a typological category in which the verb converges to each other, so the semantic components MOTION and PATH. If MODE or CAUSE are explicit will usually be by a construction gerundive or adverbial. To the contrary, Germanic language the verbs lexicalizes both semantic components of MOTION and MODE or CAUSE and the PATH is expressed by a grammatical element associated with the verb. Based on some concepts of Cognitive Semantics and diachronic study of the Latin prefix, it will be possible to present some evidence that the expression of motion events in Portuguese can also be made by a different typological pattern. We analyze some instances of the lexicalization pattern in Portuguese that makes use of elements of another type and we propose to analyze some verbs typological pattern of Portuguese, indicating by means of comparisons between languages of distinct pattern grammatical and semantic features that show features of other lexical patterns in the language.

**Keywords:** Cognitive semantics; Typological pattern; Prefix; Lexicalization; Satellite.



## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1: VERBO SAIR .....	41
FIGURA 2: VERBO DESCER .....	41
FIGURA 3: VERBO ATRAVESSAR .....	42
FIGURA 4: VERBO PASSAR .....	42
FIGURA 5: TRAJETO EM LFV .....	64
FIGURA 6: TRAJETO CIRCULAR.....	102
FIGURA 7: TRAJETO DE DENTRO PARA FORA .....	113
FIGURA 8: TRAJETO DE FORA PARA DENTRO .....	127



## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: ESTRUTURA CONCEPTUAL DO MACROEVENTO .....	20
QUADRO 2: ESTRUTURA CONCEPTUAL DO FRAMING EVENT .....	20
QUADRO 3: MAPEAMENTO SINTÁTICO DO MACROEVENTO.....	22
QUADRO 4: MAPEAMENTO SINTÁTICO DO MACROEVENTO EM LFV .....	22
QUADRO 5: SEGMENTAÇÃO 1 - DISPOSIÇÃO SINTÁTICA DOS ELEMENTOS EM LFS .....	48
QUADRO 6: SEGMENTAÇÃO 2 - DISPOSIÇÃO SINTÁTICA DOS ELEMENTOS EM LFS - LATIM63	
QUADRO 7: SEGMENTAÇÃO 3 - DISPOSIÇÃO SINTÁTICA DOS ELEMENTOS EM LFV.....	65
QUADRO 8: SEGMENTAÇÃO 4 - SATÉLITE DE COEVENTO .....	68
QUADRO 9: O PREFIXO CIRCUM.....	80
QUADRO 10: O PREFIXO EX .....	84
QUADRO 11: O PREFIXO IN .....	88
QUADRO 12: ESTRUTURA DO FRAMING EVENT - EXEMPLO (54).....	100
QUADRO 13: MAPEAMENTO SINTÁTICO DO MACROEVENTO EM LFV - EXEMPLO (54) ..	101
QUADRO 14: COMPONENTES DO TRAJETO - EXEMPLO (54) .....	102
QUADRO 15: ATRAÇÃO GRAVITACIONAL – EXEMPLO: 54 .....	103
QUADRO 16: ESTRUTURA DO FRAMING EVENT - EXEMPLO (55).....	104
QUADRO 17: MAPEAMENTO SINTÁTICO DO MACROEVENTO EM LFV - EXEMPLO (55) ..	104
QUADRO 18: COMPONENTES DO TRAJETO - EXEMPLO (55) .....	104
QUADRO 19: ATRAÇÃO GRAVITACIONAL – EXEMPLO (55) .....	105
QUADRO 20: ESTRUTURA DO FRAMING EVENT - EXEMPLO (56).....	106
QUADRO 21: MAPEAMENTO SINTÁTICO DO MACROEVENTO EM LFS - EXEMPLO (56) ..	107
QUADRO 22: COMPONENTES DO TRAJETO - EXEMPLO (56) .....	107
QUADRO 23: ATRAÇÃO GRAVITACIONAL – EXEMPLO (56) .....	108
QUADRO 24: ESTRUTURA DO FRAMING EVENT - EXEMPLO (57).....	109
QUADRO 25: MAPEAMENTO SINTÁTICO DO MACROEVENTO EM LFS - EXEMPLO (57) ..	110



QUADRO 26: COMPONENTES DO TRAJETO - EXEMPLO (57) .....	110
QUADRO 27 – ATRAÇÃO GRAVITACIONAL: EXEMPLO (57) .....	111
QUADRO 28: ESTRUTURA DO FRAMING EVENT - EXEMPLO (58) .....	111
QUADRO 29: ESTRUTURA DO FRAMING EVENT - EXEMPLO (59) .....	113
QUADRO 30: MAPEAMENTO SINTÁTICO DO MACROEVENTO EM LfV - EXEMPLO (59)..	114
QUADRO 31: COMPONENTES DO TRAJETO - EXEMPLO (59) .....	114
QUADRO 32: ATRAÇÃO GRAVITACIONAL – EXEMPLO (59) .....	115
QUADRO 33: ESTRUTURA DO FRAMING EVENT – EXEMPLO (60) .....	116
QUADRO 34: MAPEAMENTO SINTÁTICO DO MACROEVENTO EM LfS – EXEMPLO (60) .	116
QUADRO 35: COMPONENTES DO TRAJETO – EXEMPLO (60) .....	117
QUADRO 36: ATRAÇÃO GRAVITACIONAL – EXEMPLO (60) .....	117
QUADRO 37: ESTRUTURA DO FRAMING EVENT – EXEMPLO (61) .....	118
QUADRO 38: MAPEAMENTO SINTÁTICO DO MACROEVENTO EM LfS – EXEMPLO (61) .	118
QUADRO 39: COMPONENTES DO TRAJETO – EXEMPLO (61) .....	119
QUADRO 40: ATRAÇÃO GRAVITACIONAL – EXEMPLO (61) .....	119
QUADRO 41: ESTRUTURA DO FRAMING EVENT – EXEMPLO (62) .....	120
QUADRO 42: MAPEAMENTO SINTÁTICO DO MACROEVENTO EM LfS – EXEMPLO (62) .	120
QUADRO 43: COMPONENTES DO TRAJETO – EXEMPLO (62) .....	121
QUADRO 44: ATRAÇÃO GRAVITACIONAL – EXEMPLO (62) .....	121
QUADRO 45: ESTRUTURA DO FRAMING EVENT – EXEMPLO (63) .....	122
QUADRO 46: MAPEAMENTO SINTÁTICO DO MACROEVENTO EM LfS – EXEMPLO (63) .	123
QUADRO 47: COMPONENTES DO TRAJETO – EXEMPLO (63) .....	123
QUADRO 48: ATRAÇÃO GRAVITACIONAL – EXEMPLO (63) .....	124
QUADRO 49: ESTRUTURA DO FRAMING EVENT – EXEMPLO (64) .....	124
QUADRO 50: MAPEAMENTO SINTÁTICO DO MACROEVENTO EM LfS – EXEMPLO (64) .	125
QUADRO 51: ATRAÇÃO GRAVITACIONAL – EXEMPLO (64) .....	125
QUADRO 52: ESTRUTURA DO FRAMING EVENT – EXEMPLO (65) .....	127

QUADRO 53: MAPEAMENTO SINTÁTICO DO MACROEVENTO EM LfV – EXEMPLO (65)	128
QUADRO 54: COMPONENTES DO TRAJETO – EXEMPLO (65)	128
QUADRO 55: ATRAÇÃO GRAVITACIONAL – EXEMPLO (65)	129
QUADRO 56: ESTRUTURA DO FRAMING EVENT – EXEMPLO (66)	130
QUADRO 57: MAPEAMENTO SINTÁTICO DO MACROEVENTO EM LfS – EXEMPLO (66)	130
QUADRO 58: COMPONENTES DO TRAJETO – EXEMPLO (66)	131
QUADRO 59: ATRAÇÃO GRAVITACIONAL – EXEMPLO (66)	131
QUADRO 60: ESTRUTURA DO FRAMING EVENT – EXEMPLO (67)	132
QUADRO 61: MAPEAMENTO SINTÁTICO DO MACROEVENTO EM LfS – EXEMPLO (67)	132
QUADRO 62: COMPONENTES DO TRAJETO – EXEMPLO (67)	133
QUADRO 63: ATRAÇÃO GRAVITACIONAL – EXEMPLO (67)	133
QUADRO 64: ESTRUTURA DO FRAMING EVENT – EXEMPLO (68)	134
QUADRO 65: MAPEAMENTO SINTÁTICO DO MACROEVENTO EM LfS – EXEMPLO (68)	134
QUADRO 66: COMPONENTES DO TRAJETO – EXEMPLO (68)	135
QUADRO 67: ATRAÇÃO GRAVITACIONAL – EXEMPLO (68)	136



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABL Ablativo

EM Evento de movimento

Ill Ilativo

LFE Línguas com frames equivalentes

LFF Línguas com frame na figura

LFN Línguas com frame no núcleo

LFNN Línguas com frame não-nuclear

LFS Línguas com frame no satélite

LFV Línguas com frame no verbo

N Nominativo

Mov. Movimento

PST past – passado

RDP Reduplicação

Sat. Satélite

1,2,3 Entonação em exemplos de mandarim



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
1.1 ESQUEMA BÁSICO DO EVENTO DE MOVIMENTO	2
1.2 METODOLOGIA	6
1.2.1 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS	8
1.3 HIPÓTESES E QUESTÕES	9
1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	10
<b>2 A PROPOSTA DE LEONARD TALMY</b>	<b>13</b>
2.1 PADRÃO TIPOLÓGICO	13
2.1.2 <i>Algumas características da lexicalização</i>	13
2.1.3 <i>O evento</i>	14
2.1.3.1 <i>Macroeventos</i>	15
2.1.3.2 <i>Integração de eventos</i>	16
2.1.4 <i>A expressão do MOVIMENTO nas línguas</i>	23
2.1.4.1 <i>Os componentes do TRAJETO</i>	23
2.1.4.2	28
2.1.5 <i>Refutação do padrão LFE</i>	33
2.1.6 <i>Esquema do EM</i>	39
2.2 PADRÃO LFS	43
2.2.1 <i>O conceito de satélite</i>	43
2.2.2 <i>Discutindo o conceito de satélite</i>	50
2.2.3 <i>O padrão tipológico latino</i>	62
2.3 O PADRÃO TIPOLÓGICO DO PORTUGUÊS	63
2.3.1 <i>O satélite de coevento</i>	65
2.3.2 <i>Expressão de MOVIMENTO: agente (agentive) e sem-agente (nonagentive)</i>	70

3. SATÉLITES EM ÓRBITA .....	73
3.1 ORIGEM DOS PREFIXOS .....	74
3.2 OS PREFIXOS LATINOS SEGUNDO ROMANELLI .....	76
3.2.1 <i>O prefixo circum</i> .....	77
3.2.2 <i>O prefixo circum nas gramáticas</i> .....	80
3.2.3 <i>O prefixo ex</i> .....	80
3.2.4 <i>O prefixo ex nas gramáticas</i> .....	84
3.2.5 <i>O prefixo in</i> .....	85
3.2.6 <i>O prefixo in nas gramáticas</i> .....	88
3.3 RESQUÍCIOS DE PADRÕES TIPOLÓGICOS .....	89
3.3.1. <i>A procura de vestígios de um padrão distinto</i> .....	89
<b>4 ANÁLISE DO PADRÃO TIPOLÓGICO: CRUZANDO FRONTEIRAS.</b>	<b>99</b>
4.1 O PREFIXO <i>CIRCUM</i> COMO HERANÇA .....	100
4.2 O PREFIXO <i>EX</i> COMO HERANÇA.....	112
4.3 O PREFIXO <i>IN</i> COMO HERANÇA.....	126
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>137</b>





## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação emerge de leituras feitas de vários autores que procuraram descrever alguns aspectos da expressão de movimento nas línguas, como Talmy (1985, 2000a, b, 2008), Slobin (1996, 2000, 2004, 2006), Batoréo (2000, 2006), Kewits (2011), entre outros. Leonard Talmy é, sem dúvida, o autor mais expressivo no que se refere a padrão tipológico.

Ao sugerir que a partir dos eventos de movimento é possível caracterizar padrões tipológicos nas línguas, Talmy (1972, 1985) desencadeou o interesse de vários pesquisadores em investigar esse fenômeno. Inúmeros estudos surgiram com críticas ou complementos a suas teorias, como se nota em alguns dos autores mencionados acima. Slobin (2004) realiza um estudo procurando diferenciar padrão tipológico do inglês e do espanhol por meio de narrativas de cunho infantil, destacando que essas línguas nem sempre se submetem ao seu padrão tipológico central, ou seja, às categorias semânticas que permitem agrupar as línguas em padrões tipológicos distintos. Batoréo (2000, 2006) pesquisa a expressão do espaço no português europeu e também descreve a tipologia do espaço e a expressão do movimento em água (*AQUA-motion*). Kewitz (2011) faz uma abordagem cognitiva da noção de deslocamento no português paulista em que analisa *corpus* dos séculos XVIII a XX baseando-se nos padrões tipológicos propostos por Talmy, Kopecka (2004) estuda a hibridização do padrão tipológico francês, etc.

Neste estudo, pretendemos seguir uma linha de investigação que se situa na descrição de alguns aspectos do evento de movimento (EM), a partir do português, com base em algumas noções da classificação das línguas feita por Leonard Talmy, como, por exemplo, o *TRAJETO*. Nosso foco é estudar o EM, mas levaremos em conta estudos mais recentes do autor que sugerem que outros domínios semânticos podem configurar as línguas em padrões como: *DELINEAMENTO TEMPORAL*, *MUDANÇA DE ESTADO*, *CORRELAÇÃO DE AÇÃO* e *EVENTO DE REALIZAÇÃO*, a fim de identificar os padrões tipológicos do português. Ao fazer a descrição desses eventos no português, é possível verificar a presença de alguns padrões tipológicos não centrais na língua, ou seja, aqueles padrões que permitem certa regularidade, agrupando-os. Emerge daí o interesse em desvendar a natureza da existência de tal fenômeno. Tomaremos por base de

discussão alguns pressupostos da semântica cognitiva e o estudo diacrônico de alguns prefixos. Ressaltamos que, apesar da abordagem de alguns críticos à teoria talmyana, nosso trabalho partilha dos pressupostos de Talmy, principalmente, em relação ao polêmico conceito de satélite que tomamos na acepção formulada pelo autor.

## 1.1 ESQUEMA BÁSICO DO EVENTO DE MOVIMENTO

Para que se tenha uma noção do tipo de estrutura que temos em mente ao falar de eventos, apresentamos um esboço de como é, para Talmy, a configuração do EM.

Ao cunhar a noção de EM, Talmy (1972, 1985, 1991, 2000b) afirma que EM ocorre em situações que envolvem tanto deslocamentos quanto situações estáticas. Propomos discutir, inicialmente, casos que envolvem apenas deslocamento. Para o autor, EM é constituído por vários elementos semânticos: MOVIMENTO, FIGURA, TRAJETO, FUNDO e MODO/CAUSA. MOVIMENTO<sup>1</sup> refere-se ao fato de que um objeto muda a sua localização. O objeto em movimento é chamado de FIGURA, que se desloca em relação a outro objeto de referência, chamado de FUNDO. O TRAJETO é o caminho transcorrido pela FIGURA. MODO e CAUSA são eventos que se relacionam com o MOVIMENTO, caracterizando o MODO ou a CAUSA do movimento da FIGURA. No segmento abaixo, o autor explicita essa configuração:

O evento de Movimento básico consiste em um objeto (Figura) movendo-se ou localizado em relação a outro objeto (o objeto de referência ou Fundo). É analisado como tendo quatro componentes: além de Figura e Fundo, há o Trajeto e Movimento. O Trajeto (com T maiúsculo) é o caminho ou local ocupado pelo objeto Figura em relação ao objeto do Fundo. O componente de Movimento (com M maiúsculo) refere-se à presença *per se* ou movimento ou situação estática no evento. Apenas estes dois estados motrizes são estruturalmente distinguidos

---

<sup>1</sup> Os domínios semânticos aparecerão em caixa alta.

pela linguagem. (Talmy, 2000b, p.25, tradução nossa)<sup>2</sup>

A partir desse esquema básico, o autor assevera que é possível caracterizar as línguas do mundo em três grupos: línguas com *frame* no satélite (doravante LFS<sup>3</sup>), línguas com *frame* no verbo (doravante LFV<sup>4</sup>) e línguas com *frame* na figura (doravante LFF<sup>5</sup>).<sup>6</sup> Na família de línguas indo-europeias (menos as neolatinas), Chinês, Ojibwa, dentre outras, o EM desse padrão tipológico comporta os elementos semânticos de MOVIMENTO e coevento<sup>7</sup>, como se observa nos exemplos de Talmy (2000b, p.28).

- (1) The rock *slid/rolled/bounced* down the hill.  
 “A pedra *deslizou/rolou/quicou* ladeira abaixo.”

No exemplo acima, o EM é composto pelos domínios semânticos que, segundo Talmy, são universais: a FIGURA (*rock*), o MOVIMENTO e MODO do movimento expressos pelos verbos (*slid/rolled/bounced*), o TRAJETO (*down the hill*), marcado por uma partícula associada ao verbo (*down*), e o FUNDO (*hill*), servindo de ponto de referência para a FIGURA.

Para Talmy (2000b), línguas que possuem uma configuração em que a raiz verbal lexicaliza MOVIMENTO e MODO ou CAUSA (coevento) fazem parte de um grupo de línguas do padrão tipológico

---

<sup>2</sup> O original é: The basic Motion event consists of one object (the Figure) moving or located with respect to another object (the reference object or Ground). It is analyzed as having four components: besides Figure and Ground, there are Path and Motion. The Path (with capital P) is the path followed or site occupied by the Figure object with respect to the Ground object. The component of Motion (with a capital M) refers to the presence per se of motion or locatedness in the event. Only these two motive states are structurally distinguished by language.

<sup>3</sup> Proponho a sigla LFS para se referir a línguas com *frame* no satélite.

<sup>4</sup> Proponho a sigla LFV para se referir a línguas com o *frame* no verbo.

<sup>5</sup> Proponho a sigla LFF para se referir a línguas com *frame* na FIGURA.

<sup>6</sup> Em sua tese de doutorado, Talmy (1972) propõe uma classificação das línguas do mundo em três grupos: *manner languages*, *path languages* e *figure languages*. Nos estudos posteriores, o autor configura dois padrões: *verb-framed languages* (LFV) e *satellite-framed languages* (LFS).

<sup>7</sup> Para mais exemplos, cf. Talmy (2000b, p.58).

LFS. Segundo Talmy (2000b, p. 21), elementos semânticos de superfície como afixos, adposições e orações subordinadas são caracterizados como satélites. O autor conceitua o termo satélite:

É a categoria gramatical de qualquer constituinte que não seja um sintagma nominal, preposicional ou um complemento e que está em uma relação de irmã para a raiz do verbo. Refere-se à raiz verbal como dependente de um núcleo. O satélite, que pode ser um afixo ou uma palavra livre, visa, assim, abranger todas as seguintes formas gramaticais, que tradicionalmente têm sido amplamente tratadas independentemente uns dos outros [...] (TALMY, 2000, p. 102, tradução nossa).<sup>8</sup>

Então, para Talmy, satélite abrange as partículas verbais do inglês, afixos aspectuais do alemão, prefixos verbais do latim e do russo, complementos verbais do chinês etc.

Nesses tipos de línguas, fundem-se na raiz do verbo o MOVIMENTO mais um coevento, deixando para o satélite a função de expressar o evento principal, daí a sigla LFS, já que o *frame* é construído a partir do satélite, que é o seu centro. Na teoria de Talmy, o esquema central (*core schema*) refere-se à informação principal de um evento e, nessas línguas, tal informação é dada por meio de satélites. As línguas neolatinas possuem uma configuração tipológica diferente da configuração das línguas de satélite. Elas pertencem a um grupo chamado de LFV, pois no EM a raiz verbal lexicaliza, ao mesmo tempo, os elementos semânticos de MOVIMENTO e TRAJETO; o verbo codifica o evento principal, portanto, estrutura o evento, como se observa no exemplo de Talmy (2000b, p.49) abaixo:

(2) La botella entró a la cueva (*flotando*).

---

<sup>8</sup> O original é: It is the grammatical category of any constituent other than a noun-phrase or prepositional-phrase complement that is in a sister relation to the verb root. It relates to the verb root as a dependent to a head. The satellite, which can be either a bound affix or a free word, is thus intended to encompass all of the following grammatical forms, which traditionally have been largely treated independently of each other [...]

“A garrafa entrou na gruta (flutuando)”<sup>9</sup>

Nota-se que o verbo (*entró*) em espanhol não necessita da associação de um componente semântico para indicar o TRAJETO (de fora para dentro), uma vez que esta informação está embutida na raiz verbal. Em verbos desse tipo, as informações de MOVIMENTO e TRAJETO são lexicalizadas na raiz do verbo. Se for necessário expressar o MODO ou CAUSA, será, como já dito, por uma construção gerundiva ou adverbial. No exemplo (2) citado, o MODO do movimento é expresso por um gerúndio (*flutando*).

Além dos grupos LFS e LFV, há um terceiro grupo de línguas denominado por Talmy (1972, 1985, 1991 e 2000) de *Figure languages* (LFF). Essa sigla representa certas línguas em que o foco do evento incide sobre a FIGURA que é o objeto do EM, o qual se movimenta ou permanece estático em relação a um ponto de referência. Nesse padrão tipológico, além do MOVIMENTO, a raiz verbal traz uma informação sobre a FIGURA, que acaba sendo o evento principal. O Atsugewi<sup>10</sup>, uma língua Honkan do norte da Califórnia, constitui um exemplo por excelência desse padrão. Talmy (2000b, p.58) dá exemplos do funcionamento desse padrão, como se observa abaixo.

-lup- para um objeto que seja pequeno, esférico e brilhante. (um doce redondo, um globo ocular, um granizo, etc.).

-caq- para um objeto viscoso. (um sapo, excremento, etc.).

-swal- para um objeto mole e linear suspenso por uma ponta. (uma camisa no varal,)<sup>11</sup>

Apresentamos, brevemente, os principais padrões tipológicos propostos por Talmy, mas reafirmamos que muitos estudos surgiram após as publicações do autor, com complementos e críticas. Sempre que for relevante para nosso trabalho, recorreremos a outros autores para tornar mais clara a nossa investigação.

Após essas considerações sobre os padrões tipológicos, ressaltamos que, na literatura subsequente, Leonard Talmy, em seus

---

<sup>9</sup> Tradução nossa.

<sup>10</sup> Segundo o site <http://www.ethnologue.com>, não há falantes conhecidos dessa língua desde 1998.

<sup>11</sup> Tradução nossa.

estudos, dá maior atenção nos padrões LFS e LFV. Neste trabalho, nosso foco também será a descrição dos padrões LFS e LFV, pois iremos compará-los a fim de demonstrar que o português, em algumas ocasiões, configura o EM no padrão que não é prototípico em sua tipologia.

## 1.2 METODOLOGIA

Como já salientamos, primeiramente apresentaremos não só a estrutura do EM proposta por Talmy (2000b) como também alguns conceitos de outros domínios semânticos, como, por exemplo, os de DELINEAMENTO TEMPORAL, MUDANÇA DE ESTADO, CORRELAÇÃO DE AÇÃO e EVENTO DE REALIZAÇÃO, reafirmando que só evocaremos esses domínios a fim de comprovar o padrão tipológico de cada língua em questão. Como detectamos o domínio MUDANÇA DE ESTADO em nosso *corpus*, analisaremos pelo menos um exemplo que possui esse domínio semântico.

Por se tratar de um estudo que investiga os padrões tipológicos das línguas, é fundamental que o *corpus* ofereça vários exemplos que atestem o EM, partindo das sentenças simples para as mais complexas. Por meio de exemplos retirados do *corpus* composto pelas obras *Harry Potter e a pedra filosofal*, *Harry Potter and the Sorcerer's Stone*, *Harrius Potter et philosophi lapis*, propomos descrever o EM dos padrões LFV e LFS. Ressaltamos que os exemplos retirados dessas obras servirão apenas para a descrição do EM, sendo, portanto, o ponto de partida para expor o funcionamento do EM em cada um dos padrões tipológicos investigados. Iremos descrever, primeiramente, os EM, segmentando cada um dos componentes do evento, comparando, quando possível, dois padrões tipológicos e três línguas: português, inglês e latim, dependendo, é claro, de qual padrão tipológico estiver sendo discutido. A escolha das obras de ROWLING, J. K. se justifica pelo fato de possuir inúmeros exemplos de EM e de a versão latina servir de base para contrastar com o português, uma vez que este é uma língua filha do latim. À medida que os padrões tipológicos forem explicitados, utilizaremos, aleatoriamente, exemplos que sirvam de ilustração para atestar cada um dos padrões discutidos. Os livros de Harry Potter possuem vários exemplos em que é possível verificar o EM em cada uma das versões. Nesse sentido, vamos mostrar por meio de figuras e quadros como cada evento é descrito e como os domínios semânticos são sintaticamente dispostos na sentença. Para tal empreitada, ilustraremos cada um dos elementos semânticos que compõem o EM:

MOVIMENTO, FIGURA, TRAJETO, FUNDO e MODO/CAUSA. Nesse estágio da pesquisa discutiremos mais profundamente o conceito de satélite, que tem provocado inúmeras críticas como, por exemplo, as de Beavers et al. (2010) e de Croft et al. (2010).

Em seguida, apresentaremos o processo de transformação de alguns prefixos ao longo do tempo. Para isso faremos um levantamento diacrônico, baseado nos estudos de Romanelli (1964) e de alguns gramáticos históricos, como Coutinho (1969) e Said Ali (1971) e de outros mais contemporâneos como Cunha & Cintra (2001), Bechara (2005) e Azeredo (2008), dos seguintes prefixos latinos: *ex*, *circum* e *in*, desde a sua origem. Nessa etapa, os exemplos que atestam o uso dos prefixos *circum*, *ex* e *in* latinos como satélites serão retirados da versão latina do livro de Harry Potter com a respectiva tradução em português. Apoiando-nos em alguns autores como Kopecka (2004), Iacobini e Fagard (2011) e Ibarretxe Antuñano (2009), que tratam de questões relacionadas ao processo de mudança de um padrão tipológico a outro, pretendemos relacionar os prefixos em uso no português com o conceito de satélite, a partir da discussão a ser desenvolvida, a fim de verificar se os prefixos podem ou não ser considerados satélites. Os estudos desses autores serão úteis para essa discussão, embora não constituam um tema no qual pretendamos nos aprofundar.

Na seção de análise, faremos a comparação entre os padrões tipológicos nas línguas em questão. Para tanto, com base nos pressupostos de Talmy, com recurso também aos estudos que propõem complementar a tipologia talmyana, pensamos poder demonstrar a configuração da tipologia do português. Para desenvolver esta análise, utilizaremos uma metodologia dividida em três passos: no primeiro passo serão utilizados os esquemas e conceitos de macroevento e integração de eventos a fim de circunscrever cada uma das ocorrências em seu padrão tipológico, ou seja, LFV e LFS. O segundo passo busca demonstrar o funcionamento dos componentes do TRAJETO inseridos nos exemplos selecionados para análise. Acreditamos que a aplicação desses dois passos inserem os exemplos em cada um dos padrões tipológicos, mostrando quando alguma ocorrência cruza a fronteira de seu padrão prototípico. O terceiro passo tem por objetivo verificar se, de fato, a sentença é composta por satélite nas definições de Talmy. Para esse intento, ilustraremos com quadros que procuram mostrar se os prefixos gravitam em torno do verbo. O *corpus* utilizado para a análise é formado por diversos exemplos retirados dos jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo na versão *on-line*.

Temos por objetivo geral revelar sinais do padrão tipológico latino na configuração da tipologia do português sugerido no título do trabalho: *Padrão tipológico do português*: um estudo dos vestígios de satélites na expressão do movimento e do trajeto. Para isso, especificamente, nossos objetivos consistirão em descrever os EM em cada um dos padrões tipológicos detectados na investigação. Para tornar essa tarefa mais clara possível, demonstraremos, ilustradamente, à luz das traduções das obras, como cada língua configura os elementos semânticos do EM. Ao comparar os EM em cada língua, apontando as diferenças e semelhanças, esperamos mostrar que outros domínios semânticos podem ser representados no português por meio de prefixos.

### 1.2.1 Constituição do corpus

Nosso *corpus* é constituído pelas obras *Harry Potter and the Sorcerer's Stone* (1998), *Harry Potter e a pedra filosofal* (2000), traduzido por Lia Wyler<sup>12</sup>, e *Harrius Potter et philosophi lapis* (2003), com tradução de Peter Nedham<sup>13</sup>.

Leonard Talmy (2000b) recorre a várias línguas a fim de atestar seus pressupostos, e uma das línguas abordadas, embora brevemente, pelo autor, é o latim. Como não encontramos trabalhos que tratassem especificamente dessa língua em relação ao padrão de lexicalização, achamos interessante basearmos nosso estudo não só no inglês para explicar o padrão LFS, mas também na língua latina. Optamos por escolher uma obra infanto-juvenil para compor parte do nosso *corpus*, pois era sabido que havia uma edição latina desse livro. A obra em português representa o padrão LFV, sendo assim, podemos comparar os dois padrões, apontando em que medida se aproximam ou se distanciam um do outro. Como já mencionado anteriormente, tomaremos por base as comparações entre essas línguas, conscientes de que, obviamente, nem sempre as traduções descrevem exatamente os domínios

---

<sup>12</sup> (Lia Carneiro da Cunha Alverga Wyler) nasceu em Ourinhos, São Paulo. Estudou na PUC-RJ, onde fez Licenciatura e Bacharelado em Letras “Português-Inglês”, com especialização em Tradução. Na ECO-UFRJ recebeu o título de Mestre em Comunicação em 1995, defendendo a dissertação *Tradução no Brasil: o ofício de incorporar o outro*, e na USP cursou os créditos de doutoramento

<sup>13</sup> Para a edição Latina, Bloomsbury, a Editora, contratou Peter Needham, que ensinou latim e grego em Eton College por mais de 30 anos.



semânticos que pretendemos estudar. Apesar dessa limitação, a maioria dos exemplos retirados não causa prejuízo a nossa proposta de descrever os EM, pois as obras possuem o padrão tipológico correspondente a cada língua, o que determinou a cada um dos tradutores mudarem de um padrão a outro.

Para análise, procuramos por exemplos retirados do banco de dados *on-line* dos jornais eletrônicos como a Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo, já que apresentam diversos textos que podem servir de exemplificações para a comparação de padrões. Nestes exemplos em português, podemos verificar que em algumas construções o EM não se comporta como o padrão prototípico do português (LFV), mas como o padrão tipológico do inglês ou do latim (LFS). Os nossos exemplos partem do *corpus* composto por narrativas fictícias, servindo de modelo para explicar o padrão tipológico nas línguas, para exemplos de EM do cotidiano retirados de notícias dos jornais da internet.<sup>14</sup> Seleccionamos doze exemplos de jornais da internet para serem analisados: quatro para o prefixo *circum*, cinco para o prefixo *ex* e três para o prefixo *in*. Vale salientar que, em cada conjunto de prefixos analisados, temos um exemplo de uso de prefixo latino retirado da versão latina de Harry Potter, que serve de base para mostrar o padrão prototípico.

### 1.3 HIPÓTESES E QUESTÕES

Nossas hipóteses são tributárias da afirmação de que os prefixos presentes nos verbos em português são resquícios de um padrão tipológico não central na nossa língua. Portanto, nossa primeira indagação refere-se ao fato de que se o português, sendo originário do latim, teria constituído um padrão tipológico a partir dessa língua. Nesse sentido, questionamos se os vestígios das características do padrão latino presentes no português se devem a esse parentesco. Outra questão muito importante para este trabalho é se os prefixos latinos que formam diversos verbos de movimento podem ser considerados satélites. Se isso se confirmar, a que padrão tipológico, de fato, pertenceria o português? LFV, LFS ou a ambos?

---

<sup>14</sup> Embora a narrativa seja fictícia, os EM retirados para exemplificação podem ser concretos.

## 1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, dividido em várias seções, apresentamos uma introdução aos conceitos gerais do padrão tipológico proposto por Talmy, a fim de elucidar o que o autor tinha em mente ao tentar agrupar as línguas do mundo em padrões tipológicos distintos. Expomos a nossa metodologia, a constituição do *corpus* e algumas hipóteses e questões.

No capítulo dois, por sua vez, empregaremos exemplos retirados do *corpus*, mostrando como cada língua é padronizada em relação ao EM. Como parte da problematização, recorreremos a autores diversos que procuram complementar ou até mesmo criticar os pressupostos de Talmy, como Matsumoto (2003), Slobin (2006) etc., encerrando essa parte com a resposta de Talmy aos críticos de sua tipologia.

Na seção dois deste primeiro capítulo, afunilaremos o padrão tipológico de Talmy, apresentando o padrão LFS, acompanhado de uma discussão importante a respeito do conceito de satélite. Vários exemplos tentam demonstrar o que é satélite para Talmy e o que é satélite para outros autores como, por exemplo, Beavers et al. (2010), que procuraram reformular esse conceito desvinculando-o profundamente de sua aceção original formulada por Talmy. Na seção seguinte, apresentamos um breve esboço do padrão tipológico latino LFS. Na seção quatro, finalmente, centramos no estudo do padrão tipológico do português. Nessa etapa, procuramos mostrar a tipologia pura do português, munidos de vários exemplos que mostram a dinâmica do EM. Agregamos nesta seção o que Talmy chama de satélites de coevento presentes nas línguas com essa tipologia.

No capítulo três, ater-nos-emos ao estudo dos prefixos *ex*, *circum* e *in*. Tomaremos como base o estudo diacrônico de Romanelli (1964) e alguns gramáticos históricos e contemporâneos que discutem a questão do uso desses elementos gramaticais. Como uma de nossas hipóteses centra-se no questionamento sobre a possibilidade de os prefixos usados em português serem considerados satélites, esperamos que alguns estudos que questionam a tipologia binária de Talmy possam ser úteis para responder a essa indagação.

O capítulo quatro destina-se à análise de diversas sentenças retiradas dos jornais online, segmentando cada um dos EM das diferentes línguas abordadas.

Encerraremos o estudo com uma retomada das principais questões discutidas e das hipóteses a que chegamos. Com um olhar

prospectivo, procuramos entrever em que medida nosso estudo, ao buscar descrever nosso objeto de pesquisa, poderia iluminar pesquisas futuras, circunscrevendo nosso trabalho no âmbito das pesquisas sobre padrão de lexicalização no PB.



## 2 A PROPOSTA DE LEONARD TALMY

### 2.1 PADRÃO TIPOLÓGICO

Talmy (1972, 1985, 1991, 2000b) elaborou um estudo que aborda a relação sistemática na linguagem em que componentes semânticos podem combinar-se com elementos de superfície como verbos, adposições (elementos invariáveis como advérbios e preposições) ou subordinadas, baseado na hipótese de que, apesar de não haver uma relação de um-para-um, esses elementos linguísticos obedecem a certas regras de correlação entre sentido e forma. Uma das investidas principais do autor nesses estudos foi encontrar essas regras, observando o seu comportamento em línguas distintas, com o intuito de descobrir se elas possuem um padrão tipológico ou se podem ser aplicadas a todas as línguas, ou seja, se são universais. A raiz verbal foi o objeto escolhido a ser estudado por Talmy, buscando quais elementos semânticos, como MOVIMENTO, TRAJETO, FIGURA, FUNDO, MODO ou CAUSA, são lexicalizados nas raízes verbais e por quais elementos de superfície (gramaticais), por exemplo, verbos, adposições, orações subordinadas ou satélites, esses elementos semânticos são expressos.

#### 2.1.2 Algumas características da lexicalização

Para Talmy (2000b, p.23), um significado pode ser associado a formas de superfície, principalmente pelo processo de lexicalização. Compreendemos esse fenômeno como a associação regular de certos componentes semânticos a um morfema particular. Em geral, Talmy define lexicalização como a associação regular de um significado ou um conjunto de significados a um morfema particular ou item lexical.

Mais amplamente, o estudo da lexicalização deve, segundo Talmy (2000, p.24), resolver casos em que um conjunto de componentes do significado, tendo uma relação particular com outro, está em associação particular com um determinado morfema, tornando-se todo o significado do morfema. Nesse sentido, uma composição semântica de um morfema é equivalente ao de um conjunto de outros morfemas numa construção sintática, onde cada um dos últimos morfemas tem um dos significados dos componentes morfêmicos iniciais. O autor exemplifica com *matar* (*kill*) e *fazer morrer* (*make die*) em que *matar* incorpora o

componente do significado do morfema *causa*. Em síntese, o processo de lexicalização é uma relação entre conceitos e léxico. O autor ressalta que é imprudente fundamentar uma abordagem da lexicalização sobre equivalências semânticas exclusivamente com morfemas que são existentes em uma língua. Em seguida, baseando-nos em Talmy (2000b, p.169, tradução nossa) iremos expor o esquema de relações que podem ocorrer entre o nível semântico e o superficial. Observemos a tabela seguinte:

<b>Tipos de lexicalização</b>	
<b>Nível semântico</b>	<b>Nível superficial</b>
A) nenhum conteúdo semântico	1) nenhum elemento superficial
B) um elemento semântico	2) um morfema
C) combinação de elementos semânticos	3) combinação de morfemas
<b>Correspondência entre o nível semântico e superficial</b>	<b>Estrutura da superfície</b>
A-1	
A-2/A-3	elemento/expressão <i>dummy</i>
B-1/C-1	zero ou forma subjacente apagada/omitida
B-2	morfema simples
B-3	expressão idiomática
C-2/C-3	Combinação

### 2.1.3 O evento

Para Talmy (2000b, p. 215), evento é conceituado como processos cognitivos mais gerais que ele chama de *conceptual*

*partitioning* (porção conceitual)<sup>15</sup> e *ascription of entityhood* (atribuição de entidade)<sup>16</sup>.

[...] a percepção ou concepção da mente humana pode estender um limite em torno de uma parte do que seria, de outra forma, um continuum, seja de espaço, tempo ou outro domínio qualitativo, e atribui aos elementos extraídos dentro desse limite a propriedade de uma entidade unitária. Entre várias possibilidades, uma categoria dessa entidade é percebida e conceptualizada como um evento. (TALMY, 2000b, p.215, tradução nossa).<sup>17</sup>

Para Pinker (2008), um evento é um período de tempo. Em suas palavras: “a mente humana esculpe esse tecido em pedaços independentes a que chamamos *events*.” PINKER (2008, p.16). Dessa forma, a mente humana pode “recortar” parte de um domínio conceitual como tempo e espaço.

Assim, evento é uma parte da realidade recortada pela mente humana e compreendida como única.

### 2.1.3.1 Macroeventos

Ao descrever as associações entre significados e elementos de superfície, Talmy (1972, 1985) analisou sentenças com verbos de movimento que ligam dois eventos, formando os macroeventos. Para o autor, macroeventos são divididos em duas partes: evento principal (*framing event*) e coeventos. Nesse sentido, macroeventos podem ser representados por dois eventos simples que tendem a ser conceptualizados como um evento unitário. Segundo Talmy (2000 apud Moura e Berger, 2012, p. 119):

---

<sup>15</sup> Tradução nossa.

<sup>16</sup> Tradução nossa.

<sup>17</sup> O original é: [...] the human mind in perception or conception can extend a boundary around a portion of what would otherwise be a continuum, whether of space, time, or other qualitative domain, and ascribe to the excerpted contents within the boundary the property of being a single unit entity. Among various alternatives, one category of such an entity is perceived or conceptualized as an event.

De um lado, um macroevento é expresso por uma única sentença (*clause*) e é regularmente conceitualizado como um evento unitário. De outro, uma análise sintática e semântica mais aprofundada destas sentenças simples mostra que a estrutura conceitual e o conteúdo em muito se assemelham ao de um evento complexo de certo tipo e que, na verdade, podem geralmente ser expressos de outra maneira por sentenças complexas.

Portanto, numa sentença complexa, o evento principal (*framing event*) seria o evento FIGURA enquanto o coevento seria o evento FUNDO, relacionando-se com o anterior. Talmy reinterpreta a relação FIGURA e FUNDO, baseando-se na psicologia Gestalt.

Os termos Figura e Fundo foram retirados da psicologia da Gestalt, mas Talmy (1972) deu-lhes uma interpretação semântica distinta que continua aqui. A figura é um objeto em movimento ou conceitualmente móvel cujo trajeto ou localização está em questão. O fundo é um quadro de referência, ou um objeto de referência situado dentro de um quadro de referência, em relação ao qual o trajeto da figura ou localização é caracterizado. (TALMY, 2000b, p. 26, tradução nossa)<sup>18</sup>

### 2.1.3.2 Integração de eventos

---

<sup>18</sup> O original é: The terms Figure and Ground were taken from Gestalt psychology, but Talmy (1972) gave them a distinct semantic interpretation that is continued here. The Figure is a moving or conceptually movable object whose path or site is at issue. The Ground is a reference frame, or a reference object stationary within a reference frame, with respect to which the Figure's path or site is characterized.



Em uma integração de eventos ou, no dizer do autor, *complex event*, o evento principal organiza a estrutura conceptual, chamada de *framing event*. Ou seja, desempenha o papel principal no evento complexo. O evento principal e o coevento formam o macroevento. Nos estudos de Talmy, a integração de eventos pode ser constatada da seguinte maneira: na organização conceptual subjacente à linguagem, há certo tipo de evento complexo denominado macroevento. Vale ressaltar que Talmy define macroevento sintaticamente, ou seja, dois eventos em uma mesma sentença (entidade sintática). Em suma, ele pode ser conceituado como composto por dois eventos simples mais a relação existente entre eles, mas pode também ser formado por eventos fundidos numa única sentença, como o autor aponta a seguir.

Três achados básicos convergem neste estudo. A primeira constatação é que, na organização conceitual subjacente de linguagem, existe certo tipo de evento complexo, o que chamamos de "macroevento", que é fundamental e generalizado. Por um lado, o macroevento pode ser conceituado como composto de dois eventos simples e a relação entre eles. (TALMY, 2000b, p. 213, tradução nossa)<sup>19</sup>

Nesse sentido, um macroevento é resultado da integração conceptual de um evento complexo em um evento único. Dessa maneira, algumas línguas podem sintaticamente expressar um evento complexo em uma única sentença enquanto outras línguas expressam sintaticamente em duas orações.

Os exemplos de Talmy (2000b, p.216) a seguir procuram representar como um evento complexo (3a) pode ser representado por um macroevento (3b).

(3)

(a) The aerial *toppled* because I did something to it.

---

<sup>19</sup> O original é: Three basic findings converge in this study. The first finding is that, in the underlying conceptual organization of language, there is a certain type of event complex, what we term the "macro-event", that is fundamental and pervasive. On the one hand, macro-event can be conceptualized as composed of two simpler events and the relation between.

“A antena caiu porque eu fiz alguma coisa para ela” (cair)<sup>20</sup>

(b) I *toppled* the aerial.

“Eu derrubei a antena”<sup>21</sup>

No exemplo (3a), temos uma sentença complexa em que há dois eventos simples separados, mas que mantêm relação (integração de eventos). Podemos dividir essa sentença em duas partes: (i) The aerial *toppled*; (ii) I did something to it. Em (i) “a antena caiu”, e em (ii) “eu fiz alguma coisa para ela cair”. Verifica-se, claramente, uma relação de subordinação da sentença (ii) em relação à sentença (i). A relação entre esses dois eventos simples compõe o evento complexo; no entanto, a sentença simples (3b) semanticamente representa um macroevento porque o verbo *toppled* lexicaliza MOVIMENTO e a CAUSA do movimento, ou seja, a sentença (3b) traduz o mesmo significado que a sentença complexa (3a), mas com estrutura sintática distinta.

Vale lembrar que, dentre os eventos que compõem a macroevento, temos o evento principal (*framing event*), que estrutura todo o macroevento e pode incluir outros domínios semânticos.

Atualmente, o *frame event* pode abranger cinco domínios diferentes - uma constatação com base em seu tratamento semântico e sintático comparáveis entre as línguas. Estes cinco tipos incluem um evento de movimento ou de localização no espaço, um evento de contorno no tempo (aspecto), um evento de mudança ou constância entre os estados, um evento de correlação entre as ações, e um evento de cumprimento ou confirmação no domínio da realização. (TALMY, 2000b, p. 217-218, tradução nossa)<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> Tradução nossa.

<sup>21</sup> Tradução nossa.

<sup>22</sup> O original é: At present, the framing event can be seen to schematize five different domains - a finding based on their comparable semantic and syntactic treatment across language. These five types include an event of motion or location in space, an event of contouring in time (aspect), an event of change or constancy among states, an event of correlation among actions, and an event of fulfillment or confirmation in the domain of realization.

Neste estudo, o foco principal é o EM, primeiro domínio semântico mapeado por Talmy. No entanto, quando for necessário evocar esses outros domínios, a fim de explicar a tipologia, nós o faremos, tendo em mente que o objetivo principal é descrever o EM e o objetivo secundário é comparar as tipologias. A seguir, selecionamos alguns exemplos de Talmy (2000b, p. 214, adaptado) que servem de amostra de outros domínios semânticos que vão em direção à proposta do autor para a classificação das línguas em tipologias.

**(a) o TRAJETO num EM**

The ball rolled *in*. (A bola rolou e entrou). A partícula *in* indica que a bola entrou em determinado lugar rolando.

**(b) O aspecto em um DELINEAMENTO TEMPORAL.**

They talked *on*. (Eles continuam conversando). A partícula *on* indica que a conversa continua.

**(c) O evento de MUDANÇA DE ESTADO.**

The candle blew *out*. (A vela apagou com um sopro). A partícula *out* indica que a chama da vela se extinguiu como resultado de algo que soprou sobre ela.

**(d) A CORRELAÇÃO em um evento.**

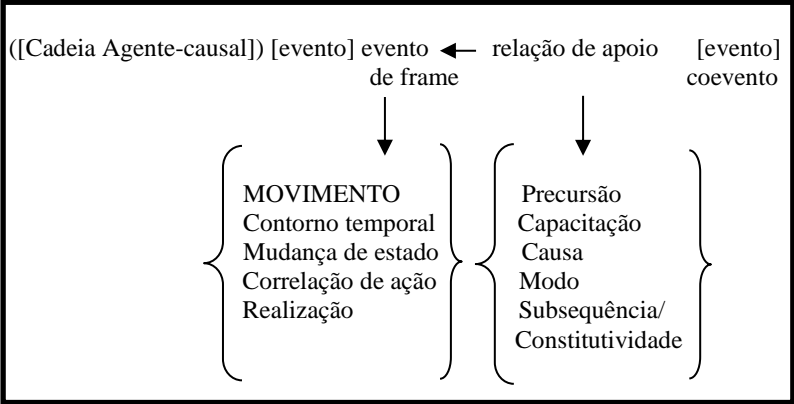
She sang *along*. (Ela cantou acompanhada). A partícula *along* indica que ela cantou acompanhada.

**(e) Um EVENTO DE REALIZAÇÃO.**

The police hunted the fugitive *down*. (A polícia prendeu o bandido) a partícula *down* indica que a polícia efetivou o objetivo em capturar o fugitivo.

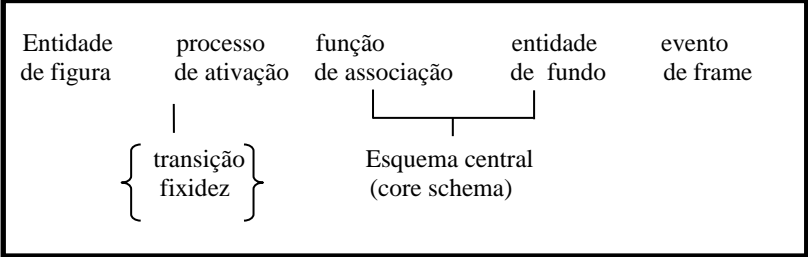
Dessa maneira, Talmy propõe uma estrutura conceptual do macroevento e a estrutura conceptual do *framing event*, como se observa nos quadros seguintes:

Quadro 1: estrutura conceitual do macroevento



(TALMY, 2000, P. 221, tradução nossa)

Quadro 2: estrutura conceitual do *framing event*



(TALMY, 2000, p. 221, tradução nossa)

É possível verificar nesses quadros que o macroevento pode incluir diversos tipos de eventos e eventos de apoio que, dependendo de como eles são sintaticamente expressos, atestam que as línguas podem ser classificadas em duas tipologias. No quadro que trata da estrutura do *framing event*, podemos visualizar cada componente do EM. A seguir, retomaremos o exemplo (1) para entender o funcionamento desses quadros.

(1\*) The rock *slid/rolled/bounced* down the hill.

Considerando o quadro que trata da estrutura conceptual do macroevento, podemos dizer que no último exemplo o *down* representa o TRAJETO do MOVIMENTO, portanto corresponde ao evento principal. Já os verbos *slid/rolled/bounced* representam o evento de apoio (coevento); nesse caso, representam o MODO do movimento. Considerando o quadro que trata da estrutura do *framing event*, podemos notar que possui, também, quatro elementos:

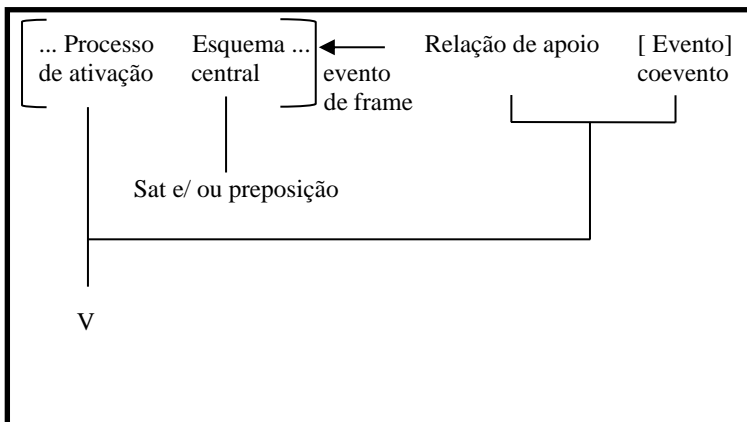
- a) Uma entidade chamada de FIGURA (*figure*) que constitui o foco da cena verbal;
- b) Uma entidade que é chamada de FUNDO (*ground*) e serve de ponto de referência para a FIGURA.
- c) Um processo de ativação que equivale ao fator de dinamismo (MOVIMENTO) do evento. Geralmente o evento de frame só expressa dois valores: transição ou fixidez. Assim, por exemplo, no domínio MOVIMENTO, esses dois valores são realizados como *movimento* e *imobilidade*, enquanto no domínio MUDANÇA DE ESTADO eles são realizados como *mudança* e *estagnação*. Isso ocorre porque uma FIGURA pode estar em MOVIMENTO ou em situação estática em relação ao FUNDO.
- d) Uma função de associação que estabelece uma relação particular entre FIGURA e o FUNDO. (TALMY, 2000, p. 218).

Retomando o mesmo exemplo, temos:

- a) Uma FIGURA: *The rock*
- b) Um FUNDO: *hill*
- c) Um processo de ativação: MOVIMENTO expresso pelos verbos *slid/rolled/bounced*
- d) Uma função de associação: TRAJETO expresso pelo satélite *down*.

O autor apresenta um esquema que permite mapear sintaticamente essas tipologias.

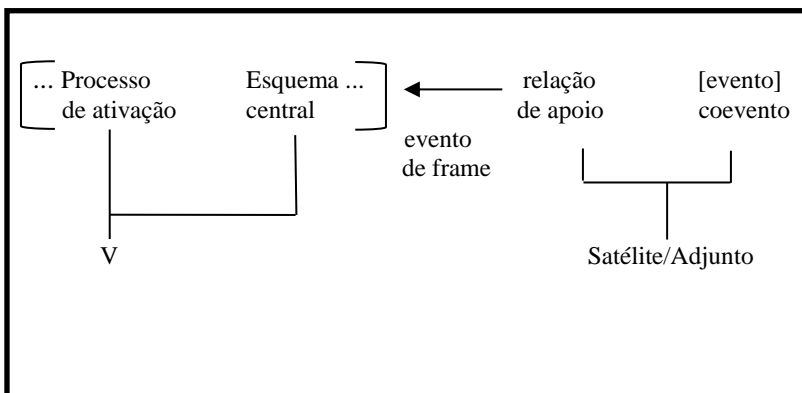
Quadro 3: mapeamento sintático do macroevento



(TALMY, 2000, p. 223, tradução nossa)

Nas línguas LFS, como já mencionado, o processo de ativação corresponde ao fator de dinamismo do MOVIMENTO, ou seja, o MOVIMENTO em seu sentido básico ou uma situação estática. O esquema central corresponde ao evento principal de uma sentença que, nessa tipologia, é representado por um satélite. A relação de apoio de evento corresponde ao MODO ou CAUSA de um evento que, nesse padrão tipológico, aparece na raiz verbal.

Quadro 4: mapeamento sintático do macroevento em LFV



(TALMY, 2000, p. 223, tradução nossa)

No quadro 4, mapeamento sintático das línguas LFV, notamos que o processo de ativação e o esquema central estão fundidos num só elemento que é a raiz verbal. A relação de apoio se dá por meio de um satélite ou adjunto.

Após a publicação desses pressupostos, no entanto, autores em diferentes partes do mundo perceberam que algumas línguas não se encaixavam nessa classificação do autor. Muitos autores como Matsumoto (2003), Slobin (2004, 2006), Beavers et al. (2010), Croft et al (2010) etc. criticaram e buscaram revisar essa teoria, como se observará a partir da seção 2.1.4.2. Dada essa generalização e considerando preferencialmente o MOVIMENTO, veremos agora como Talmy especificou o padrão tipológico nas línguas.

## 2.1.4 A expressão do MOVIMENTO nas línguas

### 2.1.4.1 Os componentes do TRAJETO

Para Talmy (2000b, p. 53), há três subcomponentes principais nas línguas faladas: Vetor, Configuração<sup>23</sup> e Dêitico. O autor argumenta que esses três componentes fazem parte das línguas faladas porque as línguas de sinais podem ter Contorno e Direção.

O vetor compreende a direção do movimento da FIGURA em relação ao FUNDO. São três os tipos básicos de vetor: chegada, passagem e partida, ou seja, MOVIMENTO a partir de uma fonte (mover-se de), passando ao longo de um marco (passar por) ou para uma meta (mover-se para). A FIGURA realiza esses subcomponentes do TRAJETO em relação a um FUNDO, como se observa nos exemplos seguintes.

(4) Enquanto conversavam, o trem *saiu de* Londres. (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p.90 ).

(5) Nenhum deles reparou em uma coruja parda que *passou*, batendo as asas, *pela* janela. (op. cit. p. 8).

---

<sup>23</sup> Baseamo-nos na tradução de Kewitz (2009)

(6) Recebeu uma coruja urgente do Ministro da Magia e *partiu* em seguida *para* Londres. (op. cit. p. 229).

Na sentença (4), a FIGURA *trem* realiza um TRAJETO de *sair* de um FUNDO (Londres), portanto o vetor realizado é *mover-se de*. No exemplo (5), a FIGURA *coruja parda* realizou o TRAJETO *passar* em relação ao FUNDO (janela); nesse caso o vetor é *passar por*. Por fim, no exemplo (6), a FIGURA (ele/ela) realizou o TRAJETO de *partir para* um FUNDO (Londres), ou seja, o vetor é *mover-se para*. Em todos esses exemplos, a FIGURA se relaciona com um FUNDO e o vetor representa a direção do movimento.

Configuração é um componente que relaciona a geometria de um FUNDO a um aspecto do movimento. Podemos entender geometria de um FUNDO como, por exemplo, um recipiente, um volume. Talmy (2000b, p. 54) alerta que “cada idioma lexicaliza seu próprio conjunto de complexos geométricos.”<sup>24</sup> Por exemplo, em inglês, podemos ter a seguinte relação:

- a. Em um ponto que está no interior de [um recipiente] *in* = dentro de [um recipiente]  
Em um ponto que está na superfície de [um volume] *on* = de/por cima de [um volume]
- b. Para um ponto que é no interior de um [um recipiente] *in ( to)* = para dentro de [um recipiente]  
Para um ponto que é na superfície de [um volume] *on ( to)* = em/por cima de [um volume]
- c. De um ponto que é de dentro de [um recipiente] *out of* = fora de [um recipiente]  
De um ponto que é da superfície de [um volume] *off (of)* = de cima de [um volume].  
(Adaptado de Talmy, 2000b, p. 55)

Segundo Kewitz (2009, p. 3):

Ainda que haja diferença no uso desses elementos em inglês, de maneira geral, uma

---

<sup>24</sup> Tradução nossa.



superfície pode ser mentalmente visualizada como um recipiente, em que se cria todo o seu contorno. Daí poder-se dizer entrar na cama, no campo de futebol, sair da praça, geometricamente concebidos como áreas.

Vale ressaltar que Moura e Damázio (2012, p.1) orientam que em português a preposição *em* forma uma rede polissêmica com base em três esquemas imagéticos<sup>25</sup>: CONTENTOR, CONTATO e TRAJETO. De acordo com os autores, esses esquemas se ramificam em outros gerando um total de sete. Assim, “a enorme variação polissêmica da preposição *em* se organiza em torno de coordenadas espaciais, definidas pelos esquemas imagéticos”. (*op. cit.* p. 2). Diante disso, os esquemas imagéticos associados são: contentor 2D, localização pontual, suporte e proximidade.

O último componente é o dêitico, que apresenta duas opções: o TRAJETO em direção ao falante ou em qualquer outra direção que não seja a direção ao falante.

Agora podemos caracterizar com mais precisão o EM no português. No padrão tipológico do português, geralmente, a raiz verbal conjuga os componentes de vetor e configuração no TRAJETO. A preposição que ocorre com um FUNDO representa o vetor sozinho; então, na fórmula: F sair de G<sup>26</sup>, o verbo significa “passar de um ponto do interior de [um recinto]”, enquanto a preposição *de* representa o vetor *origem*. Da mesma maneira, na fórmula F passar por G, o verbo significa movimento através de um ponto, passando para o lado de um ponto, à medida que a preposição representa o vetor via. Para mais detalhes sobre as preposições espaciais no português, ver Ilari et al. (2008). Já Pinker (2008, p. 204) apresenta uma extensa lista de preposições, com diversos usos espaciais.

Talmy afirma que os três componentes podem coocorrer em inglês, mas verificamos esse fenômeno, também, no latim. Nos exemplos (7a-b), a seguir, os satélites *into* do inglês e o satélite *in*, preso ao verbo em latim, combinam o vetor e a configuração, pois em ambas as sentenças a FIGURA atingiu seu objetivo ou ponto final do movimento, que é um recipiente. No exemplo (8), o verbo *sair* funde

---

<sup>25</sup> Para os autores, esquemas imagéticos são esquemas compartilhados pelos falantes em geral e são motivados diretamente pelos conhecimentos básicos de nossa experiência. (MOURA e DAMÁZIO, 2012, p. 2).

<sup>26</sup> Conferir Talmy (2000b, p. 52)

vetor e configuração, enquanto a preposição *de* codifica apenas o vetor (a partir de um recipiente).

(7)

(a) cum striges, ut solebant, in Atrium Magnum *influxissent*, [...] (*Harrius Potter et philosophi lapis*, p132)

(b) As the owls *flooded into* the Great Hall as usual, [...]. (*Harry Potter and the Sorcerer's Stone*, p. 164).

“Quando as corujas *invadiram* o salão, como de costume [...].” (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 143).

(8) Os dois *saíram* depressa do salão, [...] .” (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 144).

Dessa maneira, Talmy caracteriza os componentes do TRAJETO para especificar melhor como funciona esse padrão em inglês e espanhol, línguas alvo de seus estudos. Essa caracterização do TRAJETO feita pelo autor também recebeu reformulações. Nesse caso, podemos citar Slobin (2008), que propõe um quarto componente para o TRAJETO, chamado de *Earth-grid Displacement*, que se baseia nos pontos cardeais norte-sul-leste-oeste, cima-baixo, e as coordenadas absolutas jusante e montante, como, por exemplo, os verbos em espanhol citados por Cifuentes Ferez (2008, p. 123): *ascender e descender*.

Betherle (2004) também propõe uma leve reformulação na configuração de TRAJETO proposto por Talmy. O autor cita o estudo de Wälchli (2001), que propõe um refinamento nos componentes do TRAJETO elaborados por Talmy. Para Wälchli, o TRAJETO possui seis componentes de deslocamento, baseando-se nas seguintes preposições latinas<sup>27</sup>:

(a) *Ad* = a FIGURA se move para o FUNDO.

(b) *In* = a FIGURA se move para dentro do FUNDO.

---

<sup>27</sup> Tradução e adaptação baseadas em Berthele (2004, p. 8)

- (c) *Super* = a FIGURA se move na superfície de um FUNDO.
- (d) *Ab* = a FIGURA se move (afasta-se) de um FUNDO.
- (e) *Ex* = a FIGURA se move para fora de um FUNDO.
- (f) *De* = a FIGURA desce de um FUNDO.

No entender do autor, há três *loci* na expressão do TRAJETO nas línguas: codificação na raiz verbal, codificação adnominal (preposição, posposição e marcação de caso) e codificação adverbial (verbo, afixos ou partículas verbais). Então, a codificação na raiz verbal pertence às línguas LFV e as codificações adnominal e adverbial pertencem às línguas LFS. Ao analisar o *Evangelho segundo Marcos*, em quarenta (40) línguas, o autor pôde verificar um cruzamento de codificações nas línguas que podiam codificar, por exemplo, na raiz verbal e no nível adnominal.

Berthele (2004, p. 8) propõe reformular essa configuração de Wälchli por entender que, apesar de considerar que esse esquema fornece uma imagem mais adequada dos componentes do TRAJETO, o *corpus* é, em sua visão, problemático, além de levar em conta apenas um tipo particular de deslocamento.

A seguir, expomos as adaptações do esquema proposto por Berthele (*op. cit.*), a partir do esquema de Wälchli (2001).

- (a) *Ad* = F desloca para G.
- (b) *In* = F se desloca para dentro de G.
- (c) *Super* = F se desloca para cima.
- (d) *Ab* = F se desloca para longe de G.
- (e) *Ex* = F se deslocar para fora de G.
- (f) *De* = F se desloca para baixo.

O autor propõe “categorizar os caminhos cardeais de uma forma mais geral, não especificando a fonte ou a meta na dimensão vertical.”

(BERTHELE, 2004, p. 8, tradução nossa).<sup>28</sup> Nota-se que, diferentemente da proposta de Wälchli, nesta proposta, quando se trata dos esquemas verticais, ou seja, para cima e para baixo, a origem do TRAJETO e a META não são especificadas.

Segundo Talmy (1972, 1985, 1991), a forma como as línguas naturais expressam o MOVIMENTO permite caracterizar as línguas em diferentes grupos. A partir disso, Talmy configura o que ele chama de esquema básico de evento de movimento (EM). Dessa maneira, o autor apresenta três modelos básicos que compõem o padrão tipológico, separando as línguas do mundo em três grupos distintos: LFS, LFV e LFF, como já mencionamos na introdução. Mas o autor reconhece outras formas de lexicalização menores encontradas nas línguas, admitindo que a maior parte das línguas se caracteriza por um desses três padrões. "Os três padrões de fusão para os verbos de movimento discutidos até agora são, aparentemente, os principais encontrados em todas as línguas. Mas outros padrões podem ocorrer."<sup>29</sup> (Talmy, 2000b, p. 61, tradução nossa). Neste trabalho, essas outras possibilidades de lexicalização nas línguas não serão discutidas.

Para este estudo, vamos utilizar somente os padrões LFS e LFV, uma vez que o terceiro padrão LFF não faz parte do objetivo do trabalho porque não se faz presente em nenhuma das línguas estudadas. Vale ressaltar que, na literatura subsequente, Talmy (2000b) propõe uma dicotomia – LFS e LFV, argumentando que o terceiro tipo LFF se resume a um pequeno número de línguas. Surge, então, a dicotomia de línguas em que o evento principal é expresso por um satélite e línguas em que o evento principal é expresso no verbo. Após propor essa divisão binária, outros autores publicaram artigos questionando e propondo complementos à dicotomia talmyana.

#### 2.1.4.2 o padrão *equipollently-framed*

Slobin, o primeiro autor abordado, é um dos mais conhecidos no que se refere à reformulação e complementação da tipologia de Talmy. Slobin (2004, 2006) trata dessa questão dicotômica e se diz obcecado por descrição

---

<sup>28</sup> O original é: I propose to categorize the cardinal paths in a more general manner, not specifying for source or goal in the vertical dimension.

<sup>29</sup> O original é: The three conflation patterns for Motion verbs discussed so far are apparently the main ones found across languages. But other patterns occur or, in some cases, fail to occur.

linguística que trata do EM. Segundo Slobin (2006, p. 2, tradução nossa), “A dimensão do modo de movimento é particularmente rica para explorar efeitos das características tipológicas das línguas no discurso e cognição.”<sup>30</sup>

Slobin (op. cit.), ao fazer seus estudos acerca de descrições do EM e verificar que várias línguas não se encaixam na dicotomia de Talmy, propõe uma terceira tipologia, transformando a dicotomia talmyana em uma tricotomia: apresenta uma terceira possibilidade que abarque línguas com verbos seriais, verbos genéricos e verbos bipartidos. A essa possibilidade, Slobin chama de *equipollently-framed*, ou seja, línguas em que o MODO do movimento e o TRAJETO são expressos por formas gramaticais equivalentes. “Esta terceira classe de padrões de lexicalização pode ser designado como *equipollently-framed*, que é um tipo de concepção em que tanto o trajeto e o modo têm aproximadamente igual estatuto morfossintático. (SLOBIN, 2006, p. 5).<sup>31</sup> Mas o autor alerta que há pelo menos três subtipos de *equipollently-framed* (doravante LFE)<sup>32</sup> com base em critérios morfológicos.

- Verbos seriais - nem sempre é evidente qual verbo da série (se houver) é o principal. Exemplos dessas línguas são: Niger-Congo, Hmong-Mien, Sino-Tibetano, Tai-Kadai, Mon-Khmer, línguas austronésias.<sup>33</sup>

Slobin (2006, p.4) dá o seguinte exemplo, em mandarim, a fim de atestar a inclusão do padrão LFE.

---

<sup>30</sup> O original é: The dimension of manner of motion is particularly rich for exploring effects of typological characteristics of languages on discourse and cognition.

<sup>31</sup> O original é: This third class of lexicalization patterns can be designated as *equipollently-framed*—that is, a kind of framing in which both path and manner have roughly equal morphosyntactic status.”

<sup>32</sup> Proponho a sigla: LFE – línguas com *frames* equivalentes.

<sup>33</sup> O original é: **serial-verb languages** in which it is not always evident which verb in a series, if any, is the “main” verb: Niger-Congo, Hmong-Mien, Sino-Tibetan, Tai-Kadai, Mon-Khmer, (some) Austronesian. (SLOBIN, 2006, p. 5)

(9) *fei1 chu1 lai2 yi1 zhi1 mao1 tou2 ying1*<sup>34</sup> = an owl flew out<sup>35</sup>

fly exit come one only owl

voar sair vir uma só coruja

Essa sentença chama a atenção para o fato de haver três verbos, sendo que dois deles expressam o TRAJETO. O autor argumenta que Talmy classifica essa língua em LFS, pois o verbo *chu* seria um satélite, uma vez que claramente marca o TRAJETO “movimento de dentro para fora”. No ponto de vista de Slobin, no entanto, isso é um equívoco, pois esse verbo pode aparecer sozinho em uma sentença. Sendo assim, contraria o critério de Talmy que define que o satélite está em uma relação de irmã para com o verbo principal. Para Slobin, não há um limite entre os três verbos, já que eles podem aparecer sozinhos em uma oração.

- Verbos genéricos - como a língua australiana Jaminjung (SCHULTZE-BERNDT, 2000), com um léxico verbal muito pequeno, com cerca de 24 "verbos função". Para codificar o evento de movimento, um dos cinco verbos é usado, expressando uma função dêitica ou aspectual: 'ir', 'vir', 'cair', 'bater', 'fazer'. Estes verbos são combinados com elementos como satélites, "coverbos", isto é, codificam tanto o TRAJETO e MODO da mesma forma. Nessas línguas, nem o TRAJETO nem o MODO são o elemento "principal" de uma sentença. (tradução nossa)<sup>36</sup>

Para Schultze-Berndt (op. cit, p. 70), o termo coverbo é usado em seu trabalho estabelecendo um paralelo em relação ao termo *preverb*

---

<sup>34</sup> Em análise do mandarim, os números 1,2,3 após as palavras significam a entonação.

<sup>35</sup> “uma coruja voou para fora” (tradução nossa)

<sup>36</sup> O original é: **generic verb languages**, such as the Australian language Jaminjung (Schultze-Berndt, 2000), with a very small verb lexicon of about 24 “function verbs.” For encoding motion events, one of five verbs is used, expressing a deictic or aspectual function: ‘go’, ‘come’, ‘fall’, ‘hit’, ‘do’. These verbs are combined with satellite-like elements, “coverbs,” that encode both path and manner in the same fashion. In such a language, neither path nor manner is unequivocally the “main” element in a clause.

(prevérbio); ou seja, diferente desse, coverbo não sugere uma posição fixa em relação ao verbo. A autora afirma, também, que a distinção de verbo e coverbo é simples, pois somente os verbos são flexionais. Ela, então, sugere que coverbo não flexiona devido à reminiscência da classe advérbio de muitas línguas. A seguir, temos alguns exemplos da autora na língua Jaminjung para tentar ilustrar os coverbos:

(10) nga-**jga**-ny    ngiya-ngunyi    **warrng- warrng**

1sg-GO.PST    PROX-ABL    RDP-walk

‘I went walking from here’

“Eu estava andando daqui”<sup>37</sup>

(SCHULTZE-BERNDT, 2000, p 72)

Nessa sentença, o coverbo *warrng-warrng* marca o MODO do movimento e pode ser considerado como um modificador de um verbo de locomoção, ou seja, especifica o MODO como ocorreu o deslocamento marcado pelo verbo *jga*. Portanto, ele pode ser opcional, mas, segundo a autora, nem todos coverbos são opcionais, como se observa a seguir:

(11) janju=biyang,    bottle=malang,    **bily**    ga-**jga**-ny \

DEM=NOW    bottle=GIVEN    burst    3sg-GO-PST

‘that one then, the bottle, it burst’

“Que então, ele explodiu a garrafa”<sup>38</sup>

(SCHULTZE-BERNDT, 2000, p262)

Podemos notar que o verbo *jga*, que significa *ir*, aqui serve para indicar MUDANÇA DE ESTADO, uma vez que é sabido que *ir* é um MOVIMENTO que significa a passagem de um estado a outro, mas, nesse caso, somente se estiver combinado com o coverbo *bily*. Nesse exemplo, o coverbo não é opcional como na sentença (10), pois, segundo a autora, a omissão desse coverbo resultaria numa construção sem sentido, por isso, na sentença (11), o coverbo não pode ser considerado um modificador.

---

<sup>37</sup> Tradução nossa.

<sup>38</sup> Tradução nossa.

- Verbos bipartidos - tais como os idiomas Hokan e Penutian, descritos por DeLancey (1989, 1996), nos quais o verbo consiste em dois morfemas de nível igual: um expressa o MODO e o outro expressa o TRAJETO. Talmy (2000, p. 113) fornece uma descrição semelhante de prefixos de modo do Nez Perce, como *quqú--láhsa* - 'galope ascendente' (AOKI, 1970). Richard Rhodes (comunicação, 2003) relata que tais construções são típicas de línguas algonquianas, atabascana, hocanas, e Klamath-Takelma. Huang e Tanankingsing (2004) relatam que pelo menos uma língua Austronésia, Tsou, tem aparentemente desenvolvido verbos bipartidos MODO-TRAJETO de construções verbais seriais. (tradução nossa)<sup>39</sup>

Os exemplos de Talmy citados por Slobin se referem à língua Nez Perce. Talmy (2000b) considera esta estrutura um tipo de construção rara. Segundo o autor, em frases que expressam movimento, a raiz verbal é como em línguas LFV, ou seja, MOVIMENTO e TRAJETO, mas ao mesmo tempo uma raiz adjacente específica o MODO como o MOVIMENTO é executado. No exemplo do autor (op. cit. p. 113), reproduzido a seguir, podemos ver como ocorre esta construção.

(12)/hi-            quqú.-            láhsa            -e/ => [hiqqoláhsaya]

### **3d person- galloping- go-up- PAST**

Literalmente: '**He/she** ascended galloping'

"ele/ela ascendeu galopando"<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> O original é: **bipartite verb languages**, such as the Hokan and Penutian languages described by DeLancey (1989, 1996), in which the verb consists of two morpheme of equal status, one expressing manner and the other path. Talmy (2000, p. 113) provides a similar description of Nez Perce manner prefixes, such as *quqú--láhsa* 'gallop-ascend' (Aoki, 1970). Richard Rhodes (personal communication, 2003) reports that such constructions are typical of Algonquian, Athabaskan, Hokan, and Klamath-Takelman. Huang and Tanankingsing (2004) report that at least one Austronesian language, Tsou, which has apparently developed bipartite manner-path verbs from serial-verb constructions. (idem)

<sup>40</sup> Tradução nossa.



Tradução livre: ‘**He** galloped uphill  
 “Ele subiu galopando”

Na sentença em pauta, o verbo *láhsa* funciona como o padrão LFV, em cuja raiz verbal são especificados os elementos semânticos de MOVIMENTO e TRAJETO, mas outra raiz *quqú-* é incorporada a essa raiz verbal, especificando o MODO desse movimento. A língua Nez Perce, portanto, seria um bom exemplo para ilustrar esse subtipo.

### 2.1.5 Refutação do padrão LFE

Propostas de reformulações à tipologia talmyana surgem conforme as línguas são estudadas, no entanto, temos que dosar essas críticas e reconhecer a contribuição que o seu trabalho oferece ao estudo das línguas no que se refere à semântica cognitiva. Talmy (2008) contesta algumas críticas à sua tipologia, apontando um aparente equívoco no padrão LFE proposto por Slobin (2004, 2006). Com a análise de algumas línguas que, segundo Slobin, pertenceriam ao padrão LFE, Talmy refuta esse padrão, mostrando o seu ponto de vista.

Um dos principais argumentos dos que propõem reformular a tipologia de Talmy centra-se na questão de que as línguas do mundo diferem na atribuição do estatuto de verbo principal numa sentença. Nesse sentido, para esses autores, em algumas línguas, não está claro qual constituinte possui o estatuto de verbo principal e qual possui o estatuto de satélite. Ao contestar o padrão LFE, Talmy afirma que esses críticos tratam, primeiramente, dos elementos da tipologia como constituídos apenas de um par especial dentre os cinco que constituem o EM. Assim, as línguas nem sempre privilegiam os componentes TRAJETO e coevento como sendo o verbo principal ou algum outro tipo de núcleo ou outra categoria dominante; nem atribuem ao constituinte coevento como sendo exclusivamente um tipo de satélite ou outra categoria dependente ou subordinada. Outro problema apontado por Talmy na tipologia LFE diz respeito o fato de os críticos conceberem o TRAJETO como sendo unitário e não constituído de três partes: Vetor, Configuração e Dêitico; além disso, tratam o coevento somente como MODO, deixando a CAUSA de fora.

Ao rebater as críticas à sua tipologia e refutar o padrão LFE, Talmy (2008) propõe, primeiramente, que, para a identificação de uma

categoria que possui o status de verbo principal, devemos considerar um conjunto amplo de critérios. Para o autor:

Quanto mais fatores convergem para um determinado tipo de constituinte especial em uma língua, mais esse tipo de constituinte está sendo privilegiado com o status de verbo principal. Algumas línguas apresentam o que pode ser considerado um sistema de divisão do estatuto de verbo principal. (TALMY, 2008, p. 5, tradução nossa)<sup>41</sup>

### Critérios para o status de verbo principal.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> The more factors that converge on a particular constituent type in a language, though, the more that that constituent type is being privileged with main verb status. Some languages exhibit what can be considered a split system of main verb status.

<sup>42</sup> Tradução nossa. O original é: a. morphology

if it can take inflections or clitics for such semantic categories as tense, aspect, mood, evidentiality, negation, causation, voice, transitivity, or the person, number, and gender of the subject (and object), while the other constituent type cannot.

b. syntax

if it functions as a head directly or nestedly in construction with the other constituent type itself; particles for place, time, aspect, quantity (e.g., floats), negation, etc.; adverbs; or a subject or object nominal, while the other constituent type does not.

c. cooccurrence patterns

if it must appear in the sentence or within a particular sentence component across all the patterns these may take while the other constituent type can or must be absent from some of those patterns.

d. class size

if it has more morpheme members or is open-class while the other constituent type has fewer morpheme members or is closed-class.

e. phonology

1. if its morpheme members have a greater average phonological length than those of the other constituent type.

2. if its morpheme members vary over a greater range of phonological length or pattern than do those of the other constituent type.

- a) **morfologia:** se ele pode tomar flexões ou clíticos para categorias semânticas como tempo, aspecto, modo, a evidencialidade, a negação, a causalidade, a voz, a transitividade, ou a pessoa, número e gênero do sujeito (e objeto), enquanto o outro tipo de constituinte não pode.
- b) **Sintaxe:** se ele funciona como um núcleo diretamente ou agrupadamente em construção com outro tipo de constituinte; partículas de lugar, tempo, aspecto, quantidade (por exemplo, flutuantes<sup>43</sup>), negação, etc, advérbios, ou um sujeito ou objeto nominal, enquanto o outro tipo de constituinte não.
- c) **padrões de coocorrência:** se ele deve aparecer na sentença ou dentro de um componente de sentença particular em todos os padrões que estes podem ter, enquanto em outros tipos de constituintes podem ou devem estar ausentes em alguns desses padrões.

---

3. if its morpheme members include phonemes ranging over a greater portion of the phonemic inventory of the language than do those of the other constituent type.

f. semantics

1. if the meanings of its member morphemes tend to have more substantive content, greater specificity, and a greater number of more varied conceptual components associated together in more intricate relationships, while those of the other constituent type tend to have less of these.

2. if the meanings of its member morphemes range over a greater variety of concepts and types of concepts and trail off into more outlying conceptual areas, while those of the other constituent type tend to fit a more stereotyped semantic category.

3. if it seems to contribute the criterial component of "actuation" to the proposition that the whole sentence represents, while the other constituent type does not. (Talmy, 2008, p. 5-6)

<sup>43</sup> As partículas flutuantes podem ocupar diversas posições na sentença e são de dois tipos: (i) as que não se associam a um constituinte e (ii) as que vêm justapostas à direita do constituinte sobre o qual têm seu escopo. Para mais detalhes, conferir GOMES, A. P. Q. (2006).

d) **tamanho da classe:** se ele tem mais membros morfêmicos ou é de classe aberta enquanto o outro tipo de constituinte tem menos membros morfêmicos ou é de classe fechada.

e) **fonologia:**

1. Se os seus membros morfêmicos têm a maior média do comprimento fonológico do que outro tipo de componente.
2. Se os seus membros morfêmicos variarem ao longo de uma maior faixa de comprimento fonológico ou padrão do que os de outro tipo de constituinte.
3. Se os seus membros morfêmicos incluem fonemas variando sobre uma parcela maior do inventário de fonemas da língua do que as do outro tipo de constituinte.

f) **semântica:**

1. Se os significados de seus membros morfêmicos tendem a ter mais conteúdo substancial, uma maior especificidade, e um maior número de componentes conceituais mais variados associados em relações mais complexas, enquanto os do outro tipo de constituintes tendem a ter menos destes.
2. Se os significados de seus membros morfêmicos variarem ao longo de uma maior variedade de conceitos e tipos de conceitos e diminuir em áreas conceituais mais periféricas, enquanto os do outro tipo constituinte tendem a atender a uma categoria semântica mais estereotipada.
3. Se parece contribuir para o componente criterial de "atuação" para a proposição de que toda a frase representa, enquanto o outro tipo de constituinte não.

Os critérios para configuração de verbo principal apresentados por Talmy servem para demonstrar qual constituinte possui, de fato, o status de verbo principal nas línguas. O autor aplica esses critérios nas línguas que serviram de base para a criação do padrão LFE, ou seja, línguas com formação polissintética com verbos bipartitivos, línguas com verbos seriais e línguas com verbos genéricos e coverbos. Vamos apenas reproduzir a aplicação desses critérios feitos por Talmy à língua inglesa; em seguida, apresentaremos algumas conclusões do autor.

(13) Sam sometimes rolls a log down to the beach for people to sit on.

“Sam às vezes rola um tronco até a praia para as pessoas se sentarem.”<sup>44</sup>

Talmy aplica os critérios a essa sentença da qual extrai os seguintes resultados: o constituinte *roll* está numa posição mais alta do que o constituinte *down* em todos os fatores elencados acima, menos para o critério fonológico (e). Considerando o primeiro fator (a), o verbo *roll* flexiona representando presente, aspecto habitual e modo indicativo, bem como terceira pessoa e número singular do sujeito. O constituinte *down* não flexiona.

No fator (b), por exemplo, *roll* é o núcleo da construção que forma com *down* e não vice-versa. E possui mais funções como núcleo – envolvendo vários graus de assentamento – que forma, com a partícula temporal, às vezes (*sometimes*), com o objeto nominal, o tronco (*the log*), e com o sujeito nominal, *Sam*. Já *down* não funciona como um núcleo em qualquer uma dessas relações.

Expondo a fator (c), o constituinte *roll* é um representante que deve estar presente em quase todos os padrões que expressem um evento de movimento, bem como de alguns que representam outros tipos de proposição. Por outro lado, o tipo de constituinte instanciado por *down* pode ou deve ser excluído de muitos desses padrões. Quanto a uma situação inversa, são mínimos os padrões de sentença em que o tipo de componente *down* tem de estar presente, enquanto o tipo de constituinte *roll* é opcional ou bloqueado.

O tipo de constituinte aqui representado por *roll*, adicionalmente fator (d), é uma classe aberta, com centenas de membros morfêmicos,

---

<sup>44</sup> Tradução nossa.

enquanto o tipo de constituinte representado por *down* é uma classe fechada, com apenas algumas dezenas de membros.

O constituinte representado por *roll* exibe todas as três partes do fator (f). Assim, de acordo com (f1), os seus membros morfêmicos têm em média maior e mais específico conteúdo semântico, e combina mais elementos semânticos de tipos diferentes juntos. Por exemplo, o *roll* inclui os conceitos de um objeto sólido redondo girando sobre um eixo central e faz isso progredindo ao longo de um TRAJETO linear, enquanto em contato com uma superfície abaixo dele, onde o atrito deste contato provoca a rotação. Em contrapartida, *down* indica simplesmente um TRAJETO no sentido da gravidade.

Conforme (f2), os membros morfêmicos do primeiro tipo constituem também uma maior variedade de significados. Isto pode ser visto, contrastando vários exemplos do primeiro tipo de componente, tal como *rolar roll*, *jorrar* verbo, *jato* substantivo (*gush*) e *debandada* (*stamped*) com exemplos do segundo tipo de constituinte, como *down out* e *across*. O último tende a preencher uma categoria semântica mais estereotipada do TRAJETO.

Por fim, como por (f3), um membro do primeiro tipo de constituinte fornece a característica de impulsionar ou dinamizar uma proposição – como o *roll*, mas, nesse exemplo, *down* não apresenta essas características.

A reprodução dos critérios aplicados à sentença em língua inglesa mostra um contra-argumento ao fato de os autores como Slobin e Zlatev proporem um terceiro padrão. Podemos notar que, por esse critério, o status de verbo principal numa sentença fica mais evidente. Talmy aplica esses critérios para analisar as línguas atsugewi, mandarim e jaminjung e chega à conclusão de que o padrão LFE, quando surge, é um fenômeno aparentemente muito mais raro do que é afirmado. O atsugewi, por exemplo, afirma Talmy, apresenta uma raiz verbal que expressa o MOVIMENTO e a FIGURA, o TRAJETO é expresso por um sufixo da raiz verbal, o coevento é expresso por um satélite subordinado à raiz do verbo principal.

(14)/ W-'- ca-st'aq'-ic't-a / -> [c'wast'aq'ic'ta]

A raiz do verbo principal especificando a FIGURA : -st'aq'- “um material nojento que se move / permanece localizado.”

O prefixo especificando a CAUSA: ca- “como resultado do vento soprando sobre a FIGURA.”

O sufixo especificando o TRAJETO + FUNDO: *-icv't* “em líquido.”

Os afixos flexionais: *w-'--* uma “3ª pessoa sujeito / factual probatório.”

Literalmente: “icky material moved into liquid as the result of wind blowing on it.”

“o material nojento se deslocou para o líquido como resultado da ação do vento sobre ele.”<sup>45</sup>

Tradução livre: “The guts blew into the creek.”

“O vento soprou as tripas no riacho”. (Talmy, 2008, p.13, tradução nossa).

Com essa análise, Talmy procura demonstrar que o padrão LFE não configura a língua atsugewi como propõe Slobin.<sup>46</sup> Somos partidários de que não há necessidade de inserir mais um padrão tipológico nas línguas. Atestamos apenas que as línguas podem configurar um padrão tipológico não central, como se observará no decorrer desse estudo. Vale ressaltar que Talmy afirma que as línguas podem cruzar a fronteira de um padrão tipológico distinto do seu, mas que, nesses casos, não configuram o padrão central dessas línguas. Obviamente, muitos estudos devem ser feitos em diferentes línguas, a fim de atestar o padrão tipológico binário. Neste trabalho, propomos alguns casos raros em língua portuguesa em que o padrão tipológico não é LFV, o que ocorre em função da diacronia desta língua.

### 2.1.6 Esquema do EM

Os componentes semânticos que basicamente formam o EM são: MOVIMENTO (Motion), TRAJETO (Path), objeto (Figure) e FUNDO (Ground), e os coeventos MODO (Manner) e CAUSA (Cause). Para aprofundar um pouco mais nessa discussão, veremos cada um desses elementos isoladamente, ou melhor, focalizaremos cada um deles nas cenas, a fim de demonstrar como funcionam esses mecanismos. Em

---

<sup>45</sup> Tradução nossa.

<sup>46</sup> Para mais dados, cf., Talmy (2008).

seguida, poderemos ver em conjunto o funcionamento desses componentes numa determinada cena do EM.

MOVIMENTO (*Motion*) para Talmy pode ser tanto um MOVIMENTO no sentido básico da palavra quanto uma localização fixa. O MOVIMENTO é o deslocamento da FIGURA ou uma situação estática, como se nota nos exemplos a seguir.

- (15) Passaram pelo fantasma de uma bruxa alta que *deslizava* na direção oposta, mas não viram mais ninguém. (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 181)
- (16) Havia uma única varinha *sobre uma almofada* púrpura desbotada, na vitrine empoeirada. (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 74)

No exemplo (15), o verbo (*deslizar*) configura uma situação em que um objeto muda a sua localização. No sentido do autor, essa cena exemplifica o MOVIMENTO em seu sentido básico. Já no exemplo (16), temos um evento em que os componentes da cena permanecem estáticos; a FIGURA está localizada em relação a um ponto de referência.

O TRAJETO é o caminho percorrido pelo objeto. Significa que um objeto se desloca de um ponto A para um ponto B. Vejamos os exemplos.

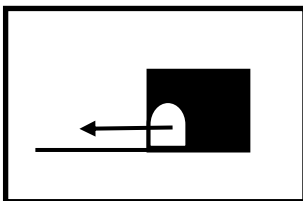
- (17) E *saiu* sorrateiro do dormitório, *desceu* as escadas, *atravessou* a sala comunal e *passou* pelo buraco do retrato. (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 177)

Nessa sentença, podemos observar diversos TRAJETOS: o verbo *sair* indica o TRAJETO da FIGURA de “dentro para fora”, como exemplifica o quadro a seguir que representa a primeira oração da sentença (17).



(17a) E *saiu* sorrateiro do dormitório.

Figura 1: verbo *sair*

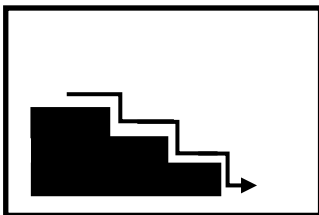


Fonte: Elaborada pelo autor.

*Descer* é um verbo que marca um TRAJETO em que a FIGURA percorre um caminho “de cima para baixo”, ilustrado na oração e no quadro seguinte.

(17b) *Desceu* as escadas.

Figura 2: verbo *descer*

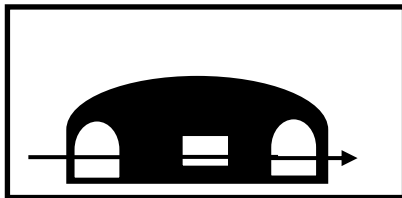


Fonte: Elaborada pelo autor.

O verbo *atravessar* representa o TRAJETO da FIGURA que, ao se deslocar, “passa através de”, “cruza” um local que nesse caso é uma sala. Veja abaixo.

(17c) *Atravessou* a sala comunal.

Figura 3: verbo *atravessar*

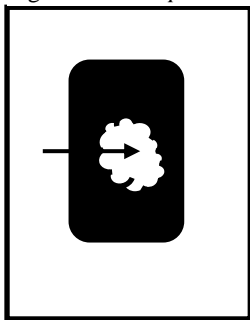


Fonte: Elaborada pelo autor.

No exemplo final dessa sentença, o verbo *passar* significa que a FIGURA atravessou ou transpôs um local. Na sentença é representado por um buraco num quadro.

(17d) *Passou* pelo buraco do retrato.

Figura 4: verbo *passar*



Fonte: Elaborada pelo autor.

O FUNDO é o ponto de referência para a FIGURA que se desloca ou ocupa um determinado lugar. Nos exemplos anteriores, está representado pelos predicados: *dormitório*, *escada*, *sala comunal* e *buraco no retrato*. Nota-se que todos esses locais serviram de ponto de referência para a FIGURA se deslocar ou permanecer estática.

A combinação desses elementos semânticos como, por exemplo, o MOVIMENTO mais o TRAJETO em uma determinada direção na raiz verbal é chamada pelo autor de *conflation*, ou seja, a fusão de dois conteúdos semânticos num mesmo item lexical. Mas podem aparecer independentemente lexicalizados. Dependendo de como se comportam, esses elementos são categorizados nos três grupos de línguas apontados por Talmy (2000b). Reiteramos que, desses três grupos tipológicos, trataremos neste estudo dos dois primeiros padrões. Também não consideraremos o terceiro padrão LFE proposto por Slobin.

## 2.2 PADRÃO LFS

O primeiro padrão proposto por Talmy é aquele em que as línguas lexicalizam na raiz verbal o MOVIMENTO mais o (coevento) MODO/CAUSA. O TRAJETO, principal elemento semântico do EM, é expresso por uma partícula ou satélite, ou seja, está associado ao verbo. Incluem-se nessa tipologia as seguintes línguas ou famílias de línguas: indo-europeias (exceto as neolatinas), chinês, ojibwa etc. O autor chama línguas com essa configuração de *satellite-frame languages* – línguas com *framing* no satélite (LFS). Quando propusemos essa sigla, baseamo-nos no princípio de que nesse padrão é o satélite que estrutura o evento, portanto é o principal elemento, como se observará no decorrer do estudo.<sup>47</sup>

### 2.2.1 O conceito de satélite

Para entendermos o que Talmy considera como satélite é necessário que vejamos mais de perto o que o termo satélite significa em análise linguística. Provavelmente, ao cunhar esse termo em semântica cognitiva, Leonard Talmy tenha se inspirado no artigo *Nuclear structures in linguistics* (1948) de Richard S. Pittman. Estruturas nucleares, para Pittman, era um termo já usado sob o nome de constituintes imediatos. Esse autor propôs alguns critérios para definir melhor esse conceito. Para ele, o princípio que rege os constituintes imediatos pode ser descrito como uma atração gravitacional entre certos morfemas ou grupos de morfemas. Ao empreender a descrição de um

---

<sup>47</sup> A criação dessas siglas é de responsabilidade do autor da dissertação.

determinado idioma, temos que considerar o que se pode chamar de concomitância ou afinidade ou a tendência de uma determinada classe de sequências que ocorre apenas com determinadas classes selecionadas de sequências. Desse modo, observa-se algum tipo de afinidade essencial existente entre eles. O autor exemplifica, mostrando a afinidade que existe entre *red* e *ish*, mas não entre *red* e *ing*.

A utilidade deste princípio consiste na simplificação considerável de análise que ele proporciona. Se a pessoa não aceitar a hipótese de CI, é quase obrigada a considerar cada morfema em um enunciado como pertinente para a descrição de qualquer outro morfema. Mas uma boa análise em termos de CIs geralmente reduz o total dos fatores ambientais possíveis de um dado morfema ou sequência de morfemas para um: em outras palavras, ele afirma que o único ambiente pertinente de um determinado CI é a sua concomitante (o outro CI). (PITTMAN, 1948, p. 287, tradução nossa).<sup>48</sup>

Para Pittman (1948), certos constituintes podem ser rotulados de principal ou central, que podem ser raízes, radicais, bases, temas, núcleos, substantivos, verbos, oração principal etc.; e a outros constituintes ele atribui o *status* de subordinado ou lateral, que podem ser afixos, enclíticos, formativos, atributos, modificadores, orações subordinadas, etc.; a partir desses atributos, os constituintes centrais são chamados de núcleo e os constituintes laterais são chamados de satélites. A pergunta que fica é: qual a vantagem de rotular constituintes em centrais e laterais? O autor responde que o principal ganho em dicotomizar os constituintes em classes maiores e classes menores gira em torno do fato de que essa classificação mostra o núcleo em níveis, permitindo arranjo descritivo dos satélites que podem ser agrupados

---

<sup>48</sup> O original é: The usefulness of this principle consists in very considerable simplification of analysis which it affords. If one does not accept the IC hypothesis, one is almost compelled to regard every morpheme in an utterance as pertinent to the description of every other morpheme. But a good analysis in terms of ICs usually reduces the total possible environmental factors of a given morpheme or sequence of morphemes to one: in others words, it states that the only pertinent environment of a given IC is its concomitant (the other IC).

com os seus respectivos núcleos. Pittman (1948, p. 288, tradução nossa) faz a seguinte analogia: “Assim como um astrônomo acha mais fácil descrever a relação da lua com a terra do que a sua relação com o sol, para um linguista, ao analisar a sentença *Eat your bread* (Coma seu pão), é mais fácil descrever a relação *your* (seu) para *bread* (pão) que sua relação com *eat* (comer).<sup>49</sup>

O autor propõe dez critérios de análise que podem ajudar o linguista a decidir o que é um núcleo ou um satélite. Como ilustração, indica que a seta aponta para o núcleo do satélite: *my* → *hat*.

1. Independência. Se um dos dois CI ocorre sozinho, mas o outro não, o primeiro, geralmente, é considerado central e sua concomitante lateral. Em português, o substantivo *navegação* pode ocorrer sem o prefixo *circum*, mas o contrário não. O autor afirma que quanto mais dispensável o elemento dos dois CIs for, este será, geralmente, considerado satélite.
2. Tamanho da classe. Se um dos dois CIs pertence a uma classe com mais membros do que a outra, geralmente, será considerado central e sua concomitante lateral. Se A da sequência  $A_1B_2$  representa a classe de 50 membros e  $B_2$  a classe de cinco membros, provavelmente A será central e B lateral. *Eu* → *ando*. *Andar* ← *depressa*.
3. Versatilidade. Se um dos dois CIs tem uma gama potencial de ocorrência em mais diferentes classes será, geralmente, considerada central e a concomitante lateral. Se A, da sequência AB, ocorre com cinco classes diferentes de concomitantes, enquanto B ocorre com apenas duas, provavelmente, A será considerada núcleo e B satélite. *In* → *side*, *come* ← *down*.

---

<sup>49</sup> O original é: Just as an astronomer finds it simpler to describe the moon's relation to the earth than its relation to the sun, so a linguist, in analyzing the sentence *Eat your bread*, finds it simpler to describe the relation of *your* to *bread* than its relation to *eat*.

4. Endocentricidade. Se um constituinte pertence à mesma classe como um dos seus CIs, geralmente, é interpretado como um núcleo e a concomitante um satélite. Se a sequência AB pertence à classe 1 e o componente de B também pertence à classe 1, B, provavelmente, será considerado núcleo. *Can* → *read*. *Big* → *dog*. *A pobre mulher chegou*. *Pobre* → *mulher*.
  
5. Frequência de classe. Se uma das duas classes de CIs ocorre com mais frequência do que o outro, é suscetível de ser considerado central e a concomitante lateral. Se  $A_1$  da sequência  $A_1B_2$  ocorre de 100 a 10 vezes para a ocorrência de  $B_2$ , provavelmente a classe  $A_1$  será considerada como central.
  
6. Frequência individual. Um componente individual que ocorre com mais frequência do que o seu concomitante é suscetível de ser lateral e a concomitante central. O exemplo para a aparente contradição em relação ao critério 5 se dá, por exemplo, na língua náuatle<sup>50</sup>. Nesse grupo de línguas, as bases não ocorrem sem afixos, o que faz que sejam mais frequentes do que qualquer outra classe.
  
7. Prosódia. Em algumas línguas, fatores como duração silábica ou entonação, para ficar só em dois fatores, podem influenciar na posição que pode ocupar, como central ou como lateral.
  
8. Comprimento. Se nada se sabe a respeito dos CIs, exceto a sua extensão (número de fonemas), provavelmente o maior número de fonemas será considerado nuclear e o menor será satélite.

---

<sup>50</sup> Também chamado de asteca, é um grupo de línguas e dialetos pertencentes ao ramo asteca da família linguística uto-asteca.

9. Significado. O autor afirma que os conceitos de substantivos e verbos são fortemente associados na nossa mente como núcleos linguísticos.
10. Padrão. Elementos que são desconhecidos podem ser interpretados por analogia com aqueles que são familiarizados. *Cran* é interpretado como lateral para *berry* porque *black*, por exemplo, é lateral para *berry*.

O autor alerta que esses critérios podem ser úteis dependendo da língua em análise e que os quatro primeiros critérios são especialmente úteis. Pittman não deixa de mencionar que sempre há exceções e apresenta casos em inglês em que uma palavra pode ser núcleo e satélite ao mesmo tempo, como, por exemplo, *very good idea* em que *good* é simultaneamente núcleo para o satélite *very* e um satélite para o núcleo *idea*.

É possível ver uma clara inspiração de Talmy nesse trabalho de Pittman, embora não possamos afirmar isso categoricamente. O conceito inicial de satélite, formulado por Talmy (1985, p.102, 148-149), é que são constituintes imediatos da raiz verbal que não sejam elementos flexionais, auxiliares ou argumentos nominais. O autor reconhece que há muita dificuldade em determinar quais constituintes associados a uma raiz verbal podem ser considerados como satélite, e dá como exemplos de satélite as partículas verbais do inglês, os prefixos dos verbos latinos, complementos resultativos do chinês, os afixos não flexionais do verbo polissintético do atsugewi e os afixos aspectuais do alemão. Portanto, para o autor, satélite é um tipo de classe fechada de elementos de superfície. Trata-se de uma categoria gramatical que está em uma relação de irmandade com a raiz do verbo, referindo-se a ela como dependente de um núcleo. É um elemento que se junta ao verbo mudando o seu conteúdo semântico. No dizer de Talmy (2000b, p. 102), é um tipo de classe fechada de constituintes gramaticais. Essa definição de satélite proposta por Talmy provocou inúmeras críticas a esse conceito, as quais abordaremos nesta seção. Cabe agora exemplificar, com o nosso *corpus*, o que é satélite para Talmy.

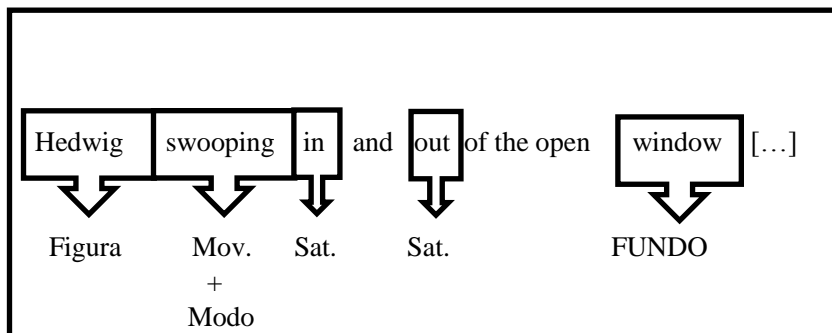
(18) Hedwig swooping *in* and *out* of the open window as she pleased. (*Harry Potter and the Sorcerer's Stone*, p.88)<sup>51</sup>

“*Hedviga ad libitum intra extra per fenestram apertam volante.*”  
(*Harrius Potter et philosophi lapis*, p. 71)

“Edwiges voava para dentro e para fora da janela, quando queria”  
(*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 80).

Segundo Talmy (2000b, p. 103), os satélites em inglês podem aparecer sozinhos ou junto de uma preposição. Sabendo que o EM constitui-se do MOVIMENTO, TRAJETO, FIGURA, FUNDO e coevento, cabe agora observar esses fenômenos mais de perto. Como ilustração, vamos segmentar o EM do exemplo (18), a fim de mostrar a posição ocupada pelo satélite.

Quadro 5: segmentação 1 - disposição sintática dos elementos em LFS



Temos, na cena acima, a seguinte configuração: a FIGURA representada pela coruja (*Hedwig*) se desloca de um determinado MODO *precipita-se* (*swooping*). Esses TRAJETOS da FIGURA representa um deslocamento para dentro (*in*) e para fora (*out of*). O deslocamento da FIGURA se dá em relação a um ponto de referência, a janela (*window*). O verbo (*swoop*) funde o MOVIMENTO e o MODO do movimento, ou seja, no verbo há a fusão (*conflation*) dos elementos

<sup>51</sup>Nos exemplos retirados do *corpus* colocaremos as respectivas traduções, ou seja, os exemplos aparecerão nas três versões – inglês, latim e português.



MOVIMENTO e MODO do movimento. Mas, nesse momento, o que mais interessa aqui é o satélite que está representado pelas partículas (*in*) e (*out of*). O elemento mais importante desse EM é o TRAJETO e quem o marca são essas partículas. Como satélite é um elemento que gravita em torno do verbo, pode parecer que nesse caso o núcleo do evento seria o verbo, mas vale ressaltar que no EM é o TRAJETO da FIGURA que está em questão.

Mas o conceito de satélite para Talmy não é tão simples assim, como se verifica no exemplo (18). A marcação do TRAJETO para fora (*out of*) é composto por uma partícula direcional (*out*) e uma preposição (*of*). Para o autor, satélite e preposição são coisas distintas, razão pela qual ele propõe um método para distinguir um de outro. Segundo Talmy (1985, p. 105), o elemento semântico FUNDO ou ponto de referência é opcional com um satélite, mas não com uma preposição. Alguns satélites em inglês funcionam como preposições, por exemplo, *in (the house)*, *on (the roof)*<sup>52</sup>, enquanto algumas preposições são apenas preposições, por exemplo, *em into \*(the house)*, e alguns satélites são apenas satélites, por exemplo, *forth (\* the house)*<sup>53</sup>. Um satélite é, então, uma irmã para a raiz do verbo e não exige a presença obrigatória de um FUNDO. Sistematizando, entendemos que, para o autor, haverá um satélite quando ele for uma irmã para a raiz verbal, formando um verbo complexo, e não exigir, obrigatoriamente, a presença de um ponto de referência como as preposições exigem. Recuperando o exemplo (18).

(18\*) Hedwig swooping ***in*** and ***out of*** the open window as she pleased.

As partículas *in* e *out* (em negrito) estão, segundo Talmy, em relação estrita para a raiz verbal (*swoop*), referindo-se a ela como dependente de um núcleo. A preposição *of* não se refere ao verbo, mas ao FUNDO do EM, ou seja, o ponto de referência (*window*).

Esse conceito de Talmy serviu de base para vários estudos que questionam a sua aplicabilidade. Vamos, em nosso trabalho, abordar alguns desses estudos, a fim de discutir esse conceito importante, uma vez que serve de base para classificação tipológica de várias línguas.

---

<sup>52</sup> Dentro da casa, no teto. (Tradução nossa)

<sup>53</sup> Para dentro da casa, diante da casa. (Tradução nossa)

### 2.2.2 Discutindo o conceito de satélite

Matsumoto (2003) propõe reformular a tipologia talmyana, acreditando que a sua abordagem, segundo ele, elimina inúmeros problemas na teoria de Talmy. Esse autor apresenta, primeiramente, três interpretações possíveis da tipologia de Talmy, nas quais fundamentará seus argumentos para reformular a teoria de Leonard Talmy.

Na primeira interpretação, Matsumoto esclarece que o padrão tipológico em uma determinada língua depende da diferença de riqueza dos verbos de modo e verbos de trajeto em determinadas línguas. Aquelas línguas que codificam o TRAJETO em um satélite são mais ricas de verbos que codificam outros elementos semânticos, como, por exemplo, o MODO ou a CAUSA. Línguas que codificam o TRAJETO na raiz verbal, regularmente, são mais ricas de verbos que expressam TRAJETO. No contexto desse tipo de interpretação, “o verbo” é considerado um elemento lexical:

Neste ponto de vista, "o verbo", no qual vários elementos semânticos são combinados, é como uma categoria lexical. Esta interpretação é consistente com o termo lexicalização, uma vez que fala sobre como os diferentes elementos semânticos são combinados ou lexicalizados em certo tipo de item lexical. Esta interpretação baseia-se fundamentalmente na observação de Talmy de que uma língua que tem um padrão de fusão particular tem toda uma série de verbos que apresentam esse padrão, como citado acima. Esta posição é feita por Wienold (1995), entre outros. Vou chamar isso de o ponto de vista do repertório verbal. (MATSUMOTO, 2003, p. 4, tradução nossa)<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> O original é: In this view, “the verb” in which various semantic elements are conflated is the verb as a lexical category. This interpretation is consistent with the term lexicalization, since it talks about how different semantic elements are conflated or lexicalized in a certain kind of lexical item. This interpretation is based crucially on Talmy’s observation that a language that has a particular conflation pattern has a whole series of verbs exhibiting that pattern, as quoted

A segunda interpretação trata o “verbo” como uma categoria sintática e não como uma categoria lexical, como na primeira interpretação. Nessa abordagem, o verbo é considerado o núcleo de uma sentença. Para o autor, se um satélite é considerado como uma categoria sintática, o verbo também deve ser entendido da mesma forma.

Esta interpretação é consistente com o uso de Talmy do termo "verbo" em oposição ao "satélite". Como apontado acima, o satélite é definido como um determinado item que está em uma relação de irmã para a raiz do verbo e modifica-o. Ele pode ser de qualquer categoria sintática (por exemplo, partículas, verbo, afixos, etc.) Aqui, satélite é definido em termos da sua posição sintática na sentença (ou a sua função sintática) em vez da sua categoria sintática. A noção do verbo que contrasta com o satélite pode então ser entendida de forma semelhante. Vou chamar esta posição de o ponto de vista da estrutura da sentença. (MATSUMOTO, 2003, p.4, tradução nossa).<sup>55</sup>

A última interpretação da tipologia talmyana se baseia numa perspectiva diferente das duas interpretações mencionadas. Nesse ponto de vista, a interpretação centra-se em uma observação particular de Talmy (1985): a diferença na natureza de verbos de modo de movimento. Retomando o exemplo (1) a seguir:

(1\*) The rock *slid/rolled/bounced* down the hill.

---

above. This position is taken by Wienold (1995), among others. I will call this view the verb repertoire view.

<sup>55</sup> O original é: This interpretation is consistent with Talmy's use of the term "the verb" as opposed to "the satellite". As pointed out above, the satellite is defined as a certain item which is in a sister relation to the verb root and modifies it. It can be of any syntactic category (e.g., particle, verb, affix, etc.). Here, the satellite is defined in terms of its syntactic position in a clause (or its syntactic function) rather than its syntactic category. The notion of the verb which contrasts with the satellite can then be similarly understood. I will call this position the sentence structure view.

Nessa sentença, os verbos *slid/rolled/bounced* são verbos de modo de movimento, portanto pertencentes à tipologia (LFS). O autor argumenta que uma língua como o espanhol (LFV) dificilmente expressaria a sentença (1) como é expresso na língua inglesa. Esse é o ponto que diferencia uma tipologia da outra. Mas Matsumoto admite em nota de rodapé que não está claro para ele se essa posição quer dizer que o espanhol não lexicaliza MOVIMENTO e MODO. Em nossa interpretação, está claro que o que Talmy quis dizer é que LFS tende a ter um grande número de verbos que lexicalizam MOVIMENTO e MODO na raiz verbal; já LFV, ao contrário, tem um rico repertório de verbos que lexicalizam MOVIMENTO e TRAJETO na raiz do verbo, o que não significa que um ou outro tipo de padrão não possa ter os dois tipos de lexicalização.

Matsumoto (2003) propõe reformular a tipologia de Talmy, baseando-se na segunda interpretação, ou seja, sob o ponto de vista da estrutura da sentença (*position the sentence structure view*). Considerando dessa maneira, o autor pretende minimizar a confusão em torno do termo satélite. Nesse ponto de vista, o termo “verbo” é considerado como o núcleo de uma sentença. Dessa forma, o autor argumenta que satélites podem ser verbos como em alguns exemplos do espanhol e do japonês.

Os exemplos de 4-6, a que o autor se refere, serão reproduzidos, a seguir, pelos de 19-21:

(19) Motion + Path (nonagentive and self-agentive)

a) La botella entró a la cueva flotando.

The bottle moved.in to the cave floating

“The bottle floated into the cave.”

“A garrafa flutuou caverna adentro”<sup>56</sup>

b) El globo *subió* por la chimenea flotando.

The balloon moved.up through the chimney floating

“The balloon floated up the chimney.”

“O balão flutuou pela chaminé”<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> Tradução nossa.

<sup>57</sup> Tradução nossa.

## (20) Motion + path (causative)

- a) *Metí* el barril a la bodega rodandolo  
 moved.in the keg to the storeroom rolling.it  
 “I rolled the keg into the storeroom.”  
 “Eu rolei o barril para dentro do armazém”<sup>58</sup>

- b) *Tumbé* el árbol serruchandolo.  
 I.felled the tree sawing.it  
 “I sawed the tree down.”  
 “Eu derrubei a árvore, serrando-a”<sup>59</sup>

- (21) Taro wa kawa o aruite *watat-ta*.  
 Taro Top river Acc walk cross-Pst  
 “Taro walked across the river.”  
 “Taro atravessou o rio”<sup>60</sup>

Para Matsumoto, as LFV e LFS deveriam chamar-se respectivamente: *head-framed languages* e *nonhead-framed languages*, pois, para ele, falar de verbos ou LFV é um equívoco, já que em sua visão os verbos em espanhol e em japonês podem ser satélites. Levando em consideração os exemplos (19-21), eles seriam da categoria *head-framed languages* (doravante LFN)<sup>61</sup>, uma vez que o evento principal (TRAJETO) está no núcleo da sentença, o verbo. Se o evento principal estiver fora do núcleo da sentença, o autor propõe chamar essa categoria de *nonhead-framed languages* (doravante LFNN)<sup>62</sup>.

A tipologia de verbos de movimento de Talmy pode ser ligeiramente reformulada para capturar sua intenção. A tipologia do verbo contra línguas com frame no satélite de Talmy sofre com a má

---

<sup>58</sup> Tradução nossa.

<sup>59</sup> Tradução nossa.

<sup>60</sup> Tradução nossa.

<sup>61</sup> Proponho a sigla LFN, significando: línguas com frame no núcleo.

<sup>62</sup> Proponho a sigla LFNN, significando: línguas com frame não-nuclear.

utilização do termo "verbo". O significado do termo verbo é na verdade o núcleo de uma sentença. Os satélites também podem ser um verbo, como é o caso das frases espanhola e japonesa em (4) e (6). Por esta razão, um nome melhor para línguas com frame no verbo é línguas com frame no núcleo. Línguas com frame no satélite, por outro lado, pode ser denominado como línguas com frame não-nuclear. Note-se que satélites e não-nuclear são noções ligeiramente diferentes: todos os satélites são não-nuclear por definição (ver acima), mas nem todos são não-nuclear são satélites. Satélites como definido acima não incluem preposições, já que eles não estão como uma irmã de um verbo. . (MATSUMOTO, 2003, p 6, tradução nossa)<sup>63</sup>

Matsumoto (2003, p. 6) expõe outros exemplos que atestam o seu ponto de vista.

(22) John *walked* through the building.

“João caminhou pelo prédio”<sup>64</sup>

De acordo com a sua dicotomia LFN e LFNN, a sentença (22) não é LFS, mas sim LFNN, já que *through* é uma preposição e, de acordo com a definição de satélite, não estaria em uma relação de irmã para o verbo, mas sim em uma relação de irmã para o nome *building* (FUNDO). Vejamos agora a sentença (23) abaixo, em finlandês:

---

<sup>63</sup> O original é: Talmy's typology of motion verbs can be slightly reformulated to capture his intention. Talmy's typology of verb vs. satellite-framed languages suffers from the misleading use of the term "verb". What is meant by the term verb is in fact the head of a clause. Satellites can also be a verb, as is true of the Spanish and Japanese sentences in (4) through (6). For this reason, a better name for verbframed languages is head-framed languages. Satellite-framed languages, on the other hand, can be termed as nonhead-framed languages. Note that satellites and nonheads are slightly different notions: all satellites are nonheads by definition (see above), but not all nonheads are satellites. Satellites as defined above do not include prepositions, since they are not a sister of a verb.

<sup>64</sup> Tradução nossa.

- (23) Elina *käveli* koti-in. (MATSUMOTO, 2003, p. 7)  
 Elina walked home III.  
 “Elina caminhou para casa”<sup>65</sup>

Na sentença (23), o autor apresenta outra divergência, a fim de mostrar que a sua proposta elimina os problemas da tipologia talmyana. Nesse exemplo, a meta do EM é marcada por um caso nominal, ou seja, o ilativo *in* marcado no nome *koti* (FUNDO). Esse exemplo finlandês serve para Matsumoto (2003) argumentar que o TRAJETO não é um satélite porque não está em uma relação de irmã para o verbo e sim para um nome, embora, segundo o autor, Talmy (2000, p. 222) afirme que línguas fino-úgricas sejam LFS.

Matsumoto, assim como tantos outros, acreditam que a tipologia de Talmy precisa ser repensada, ou pelo menos reformulada, a fim de que várias línguas possam, de fato, ser incluídas em um padrão ou em vários padrões, uma vez que os estudos de várias línguas atestam o fato de haver inúmeras exceções que não poderiam ser ignoradas pela tipologia de Talmy. Mas o objetivo desta seção é, apenas, mostrar alguns dos estudos que contestam e propõem reformular a tipologia talmyana.

Croft et al. (2010) propõem reformular a tipologia de Talmy. Para esses autores, a definição talmyana de que satélite é a categoria gramatical de qualquer componente que não seja um complemento nominal ou frase preposicional que está em uma relação de irmã para a raiz do verbo é problemática devido a diferenças na identificação de verbo e outras partes do discurso das línguas do mundo.

O problema básico é que os linguistas utilizam critérios diferentes em cada idioma para identificar uma categoria como "verbo". Além disso, os critérios não são geralmente linguisticamente comparáveis, na medida em que eles empregam construções de línguas específicas. (CROFT et al., 2010, p. 4, tradução nossa)<sup>66</sup>

---

<sup>65</sup> Idem.

<sup>66</sup> O original é: The basic problem is that linguists employ different criteria in each language to identify a category such as ‘verb’. Moreover, the criteria are usually not crosslinguistically comparable, in that they employ language-specific constructions.

Ainda para esses autores – que contrastaram diversas línguas – é importante reconhecer que as línguas não são uniformes na codificação de eventos complexos.

Outro estudo que também questiona a tipologia de Talmy e, consequentemente, o conceito de satélite formulado pelo teórico é o texto *The typology of motion expressions revisited* de Beavers et al. (2010). Os autores começam o estudo propondo oferecer uma nova perspectiva sobre as opções disponíveis para a codificação dos EM nas línguas, ou seja, os padrões LFS, LFV e LFE. Eles chamam a atenção, assim como o nosso estudo, para o fato de uma língua poder configurar mais de um padrão tipológico em sua composição, no que se refere ao EM.

Crucial para esta abordagem é a suposição de que a variação linguística na codificação do evento de movimento reflete um único parâmetro que classifica as línguas de acordo com seu comportamento prototípico. No entanto, levamos a sério o aumento do número de observações de que línguas consideradas LFS muitas vezes mostram comportamento LFV e vice-versa, e que muitas línguas consideradas LFE mostram comportamento LFS ou LFV fora das construções verbais seriais. (BEAVERS et al. 2010 p. 5, tradução nossa)<sup>67</sup>

Beavers et al (2010) chamam a atenção para o fato de que o MODO e o TRAJETO podem ser expressos por meios morfossintáticos como orações, adjuntos e sintagmas preposicionais que não são nem verbos nem satélites na definição talmyana.

Após algumas exemplificações, Beavers et al. (op. cit.) propõem redefinir o conceito talmyano de satélite. Para Beavers et al. (2010, p.

---

<sup>67</sup> O original é: Crucial to this approach is the assumption that crosslinguistic variation in motion event encoding reflects a single parameter that classifies languages according to their prototypical behavior. However, we take seriously the increasing number of observations that putative S-framed languages often show V-framed behavior and vice versa, and that many putatively E-framed languages show S- and/or V-framed behavior outside of multiple verb constructions.



11, tradução nossa), “os elementos em inglês que Talmy rotula de satélite nem sempre estão em relação de irmã para a raiz do verbo, pelo menos não para a exclusão do FUNDO.”<sup>68</sup> Os autores aplicam o teste *it-clefting* (construções clivadas), como se verifica no exemplo dos autores reproduzidos a seguir.

(24)

(a) ?It was out of the house that I ran, not into the house.

“Foi para fora de casa que eu corri, não para dentro.”<sup>69</sup>

(b) \*It was out that I ran of the house, not in.

“Foi porque eu corri para fora da casa, não para dentro.”<sup>70</sup>

A leve estranheza em (24a) surge provavelmente porque *goal phrases* (frases com meta) são as preferidas logo após verbos de modo de movimento. (NIKITINA, 2008, *apud* BEAVERS et al. 2010). Nas sentenças seguintes (25ab), isso se torna mais claro.

(25)

(a) It was out of the house that I went, not into the house.

“Foi fora de casa que eu fui, e não dentro da casa.”<sup>71</sup>

(b) \*It was out that I went of the house, not in.

“Foi porque eu fui fora da casa, não dentro”<sup>72</sup>

Segundo Beavers et al. (2010, p.11, tradução nossa), “por este diagnóstico, *out of the house* é um constituinte. Assim, *out* sozinho não é uma irmã para a raiz do verbo, mas, sim, *of the house* é um complemento de *out*, e o sintagma preposicional inteiro *out of the house*

---

<sup>68</sup> O original é: the English elements that Talmy labels satellites are not always sisters to the verb, at least not to the exclusion of the ground”

<sup>69</sup> Tradução nossa.

<sup>70</sup> Tradução nossa.

<sup>71</sup> Tradução nossa.

<sup>72</sup> Tradução nossa.

é uma irmã para *run*, anulando efetivamente a distinção entre satélites e preposições.”<sup>73</sup>

Outro argumento exposto pelos autores em favor de expandir o conceito de satélite consiste no fato de que, em algumas sentenças, o FUNDO não é expresso, mas é facilmente compreendido. Por exemplo, *John ran in*, significa que *João* correu para dentro de um local que, no EM, é o FUNDO. Nota-se que esse ponto de referência não está explícito, mas se compreende. Os exemplos seguintes servem para melhor elucidar essa situação.

(26)

(a) *John ran in (the house).*

“João correu para dentro (da casa).”<sup>74</sup>

(b) *John ran to the store.*

“João correu para a loja.”<sup>75</sup>

Segundo Nikitina (2008, *apud* BEAVERS et al. 2010, p. 12), em (26a) tanto (*in house*) (satélite + FUNDO) e *to the store* (preposição + FUNDO) indicam o objetivo do MOVIMENTO e muitas vezes eles são aparentemente expressões alternativas do mesmo conteúdo semântico. No dizer da autora, embora a sentença (26a) expresse a meta do TRAJETO por meio de um satélite, a sentença (26b) também expressa a mesma meta, só que por meio de um SP. Tem-se uma primeira sugestão para o conceito de satélite: “sugerimos que os SPs não sejam excluídos da noção de satélite, reconhecendo assim uma ampla gama de opções de codificação de trajeto sob uma interpretação estrita da tipologia de Talmy.” (BEAVERS et al. 2010, p. 12)<sup>76</sup>

Há ainda, segundo Talmy (2000b), os satélites de coeventos, ou seja, línguas neolatinas, como o espanhol, por exemplo, em que o

---

<sup>73</sup> O original é: By this diagnostic, out of the house is a constituent. Thus, out alone is not a sister to the verb root; rather, of the house is a complement of out, and the entire PP out of the house is a sister to run, effectively nullifying the distinction between satellites and prepositions.

<sup>74</sup> Tradução nossa.

<sup>75</sup> Tradução nossa.

<sup>76</sup> O original é: “we suggest that PP not be excluded from the notion of satellite, thereby recognizing a wider range of path encoding options than under a strict interpretation of Talmy’s typology.”

TRAJETO (evento principal) é expresso no verbo e o coevento é expresso por um satélite: “línguas com frame no verbo enquadra o coevento ou em um satélite ou em um adjunto, normalmente uma frase ou um constituinte adposicional tipo gerundivo. Tais formas são, por conseguinte, chamadas de satélite de coevento, um evento gerundivo, e assim por diante.” (TALMY, 2000b, p. 222, tradução nossa)<sup>77</sup>

Talmy (1985) contrasta alguns afixos verbais do Nez Perce, uma língua polissintética da América do Norte, com construções gerundivas do espanhol, conforme Beavers et al. (2010, p. 12) exemplificam a seguir.

- (27) *ipsqi-* ‘walking’, *wilé-* ‘running’, *wat-* ‘wading’, *siwi-* ‘swimming-on-surface’, *tuk<sup>w</sup>e-* ‘swimming-within-liquid’, *we-* ‘flying’.<sup>78</sup>

(Nez Perce – cf. Talmy 1985, p. 111, ex. (82))

- (28) Entró corriendo / volando / nadando / ... a la cueva.<sup>79</sup>

Beavers et al. (2010) concluem que, aparentemente, não há nada que diferencie um do outro, nem sintática nem semanticamente, pois tanto os afixos em Nez Perce quanto os gerúndios em espanhol indicam MODO. Os autores finalizam, assinalando que, para eles, o termo satélite tem de ser expresso com um significado mais amplo – “qualquer componente semântico que é irmã ou adjacente à raiz verbal” (BEAVERS et al. 2010, p.13, tradução nossa).<sup>80</sup>

Zlatev et al. (2010) fazem um estudo entre o sueco, francês e tailandês, questionando a tipologia de Talmy. Para esses autores é preciso avançar no que diz respeito às representações de MOVIMENTO. Em seu artigo, ao questionarem o que é realmente satélite, os autores exemplificam, argumentando que não está claro se a

<sup>77</sup> O original é: languages with a framing verb map the co-event either onto a satellite or into an adjunct, typically in the adpositional phrase or a gerundive-type constituent. Such forms are accordingly called a **co-event satellite**, a **co-event gerundive**, and so on.”

<sup>78</sup> *ipsqi-* andando, *wilé-* ‘correndo’, *wat-* ‘avançando’, *siwi-* ‘nadando na superfície’, *tuk<sup>w</sup>e-* ‘nadando no líquido’, *we-* ‘voando’.

<sup>79</sup> Entrou correndo/voando/nadando na gruta. (Tradução nossa)

<sup>80</sup> O original é: any constituent that is sister to or adjoined to the verb (root).

partícula verbal sueca (*gå in*) pode se agrupar com o prefixo verbal búlgaro (*ъ-лиза*). Ambos significam *entrar* (*go in*), mas no búlgaro não existe como um verbo independente. Esse tipo de problema já foi apontado por Croft et al. (2010), ao assinalarem que as línguas do mundo diferem na identificação do verbo e outras partes do discurso; consequentemente, não são uniformes na codificação de eventos complexos.

Em nosso estudo, o foco é apresentar ocorrências na língua portuguesa em que a tipologia não se encaixa, ressaltando que partilhamos do pensamento de Talmy em que um padrão tipológico pode coocorrer numa língua. Vale ressaltar que, embora reconheça que mais de um padrão coexista, ao propor as tipologias, Talmy assevera que as línguas usam apenas um tipo de padrão em sua expressão mais característica, ou seja: (i) estilo coloquial ao invés de literário; (ii) frequente na fala em vez de ocasional; (iii) difundida em vez de limitada.

Aqui, “característica” significa que (i) é em estilo coloquial, ao invés de literário, empolado, e assim por diante; (ii) é frequente na fala, em vez de apenas ocasional; (iii) é difundida, em vez de limitada – isto é, uma ampla gama de noções semânticas é expressa neste tipo. (TALMY, 2000b, p.27, tradução nossa)<sup>81</sup>

Em relação a verbos em inglês que não marcam o TRAJETO em um satélite, Talmy argumenta que são empréstimos. O autor assevera que no inglês alguns verbos lexicalizam MOVIMENTO e TRAJETO, mas explica que isso ocorre devido a empréstimos de línguas românicas; além disso, acrescenta o autor, não são de uso frequente na língua coloquial, já que os padrões tipológicos se baseiam no uso coloquial e frequente nas línguas, como mencionado. No segmento a seguir, o autor explica essas exceções:

---

<sup>81</sup> O original é: Here, “characteristics” means that (1) it is colloquial *in style*, rather than literary, stilted, and so on; (2) it is *frequent* in occurrence in speech, rather than only occasional; (3) it is *pervasive*, rather than limited - that is, a wide range of semantic notions are expressed in this type.

O Inglês tem um número de verbos que realmente incorporam trajeto, como no tipo de fusão do espanhol. Exemplos importantes são *enter, exit, ascend, descend, cross, pass, circle, advance, proceed, approach, arrive, depart, return, join, separate, part, rise, leave, near, follow*<sup>82</sup> [...] E, significativamente, a grande maioria - aqui, mas antes são empréstimos do Romance, de tipo nativo. (TALMY, 2000b, p. 53-54, tradução nossa).<sup>83</sup>

Adiante, listamos dois exemplos da construção do EM em inglês com verbos que lexicalizam MOVIMENTO e TRAJETO, fugindo à tipologia.

(29)

(a) Uncle Vernon *entered* the kitchen as Harry was turning over the bacon. (*Harry Potter and Sorcerer's Stone*, p. 20).

“Tio Válter *entrou* na cozinha quando Harry estava virando o bacon.” (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 23).

(b) They could feel the dog's hot, smelly breath as they *approached* the giant heads. (*Harry Potter and Sorcerer's Stone*, p. 275).

“Sentiram o bafo quente e fedorento do cachorro ao se *aproximarem* de suas cabeçorras.” (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 236).

---

<sup>82</sup> entrar, sair, subir, descer, atravessar, passar, circular, avançar, prosseguir, aproximar-se, chegar, partir, voltar, juntar-se, separar, partir, elevar-se, abandonar, aproximar.

<sup>83</sup> O original é: English does have a number of verbs that genuinely incorporate Path, as in the Spanish conflation type. Important examples are *enter, exit, ascend, descend, cross, pass, circle, advance, proceed, approach, arrive, depart, return, join, separate, part, rise, leave, near, follow*. [...] And, significantly the great majority – here, all but rather are borrowings from Romance, where they native type.

Segundo Kewitz (2011, p. 94), esses verbos são “pouco usados em conversas espontâneas. Entretanto, são verbos correntes na língua escrita...”.

Nessa seção, vimos como se configuram as línguas cujo padrão tipológico é LFS. Os exemplos para tal configuração foram em inglês, no entanto, o latim, que também é nosso objeto de estudo, ainda não foi abordado. Apesar de pertencer ao mesmo padrão tipológico, a língua latina apresenta algumas particularidades em relação ao EM. A segmentação desses eventos será feita na parte em que estivermos analisando o *corpus*, porém, faz-se necessário apresentar uma pré-segmentação com o intuito de mostrar a diferença de disposições dos elementos de superfície nessa língua. Obviamente, não faremos uma análise gramatical profunda do latim, pois não é o nosso foco, mas, sempre que necessário, recorreremos à sintaxe latina para explicar o EM.

### 2.2.3 O padrão tipológico latino

O latim é considerado uma língua cujo padrão é LFS. Diferente do inglês, o satélite em latim é composto pelos prefixos verbais e, como já mencionado, no dizer de Talmy, não se confundem com as preposições, uma vez que se conectam ao verbo, enquanto as preposições se referem a um FUNDO. O próximo exemplo mostra essa configuração.

(30) *strix involavit et ... (Harrius Potter et philosophi lapis, p. 49)*

“A coruja entrou voando e ...” (*Harry Potter e a pedra filosofal, p. 57*)

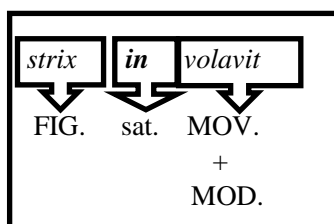
No exemplo (30) temos uma típica cena de EM, ou seja, a FIGURA que se desloca num TRAJETO em relação a um ponto de referência. Como já mencionado, o latim é uma língua prototípica do padrão LFS. A coruja (*strix, strigis*)<sup>84</sup> se desloca de fora para dentro, de determinado MODO (voando / *volavit*). Esse verbo tem a propriedade de indicar o MOVIMENTO e o MODO do movimento, assim como os

---

<sup>84</sup> Terceira declinação

verbos em inglês. De acordo com Talmy (2000b) os prefixos latinos são satélites, pois estão em uma relação de irmã para o verbo. O verbo latino (*Volō, -ās, -āre, -āvī, -ātum*) significa apenas a ação de voar, mas o prefixo (*in*), acrescido ao verbo, indica o TRAJETO desse MOVIMENTO, ou seja, o TRAJETO fica explícito quando esse satélite está preso ao verbo, configurando o significado completo – voar para dentro. A construção do EM em latim é semelhante ao do inglês no que refere ao EM: em ambas as línguas o verbo expressa o MOVIMENTO e MODO ou CAUSA, deixando o TRAJETO ser expresso por um satélite, mas, como sabemos, a disposição de sujeito, verbo e complementos, em latim, depende de diversos fatores. A seguir, temos uma segmentação do EM ocorrido na sentença (13).

Quadro 6: segmentação 2 - disposição sintática dos elementos em LFS - latim



Na segmentação 2, podemos notar que, de fato, o latim é uma língua do padrão LFS. Na cena exposta temos os elementos semânticos que configuram o EM – FIGURA, MOVIMENTO, TRAJETO e MODO. O TRAJETO, o elemento principal nos EM, é representado sintaticamente pelo prefixo (*in*). A diferença para o inglês é a disposição sintática do satélite: no latim é pré-verbal, no inglês é pós-verbal. Isso estará melhor representado na seção em que faremos as análises. Explicitado esse padrão tipológico, cabe, agora, abordarmos o padrão LFV, o padrão tipológico do português.

## 2.3 O PADRÃO TIPOLÓGICO DO PORTUGUÊS

Em nosso estudo, o foco será a língua portuguesa, para a qual convergem a hipótese central deste trabalho e os questionamentos dela decorrentes: o português, sendo originário do latim, construiu um padrão

tipológico a partir dessa língua; possuiria, por essa razão, vestígios dessas características? Os prefixos latinos que formam diversos verbos de movimento no português podem ser considerados satélites? A partir da segmentação dos EM e das comparações com outro padrão tipológico, essas questões serão respondidas, mas para isso é necessário entender como funciona o padrão tipológico da língua portuguesa.

No padrão tipológico do português, o EM se realiza com a seguinte configuração: o verbo principal concentra em si o MOVIMENTO e o TRAJETO; os coeventos MODO e CAUSA, se forem expressos, o serão por meio de uma construção gerundiva ou adverbial. Nessa tipologia, incluem-se as línguas neolatinas, japonesa, coreana, turca, semita, Nez Perce, caddo etc. Talmy (2000b) exemplifica essa tipologia com o espanhol, razão pela qual neste trabalho utilizaremos algumas traduções dos exemplos dados pelo autor, já que nesses EM o padrão é condizente com o português.

(31) A garrafa *entrou* na gruta (*flutuando*)<sup>85</sup>

Esse EM está representado pela figura a seguir.

Figura 5: TRAJETO em LFV



Fonte: Elaboração do autor.

Na figura 5, temos a seguinte situação: um objeto (FIGURA) se desloca de um ponto A até um ponto B. O ponto B está representado pela gruta (FUNDO), ou seja, o ponto de referência para a FIGURA que se desloca e a meta, em outras palavras, o lugar para qual a FIGURA se deslocou. Já o TRAJETO está representado pela seta pontilhada e, como já mencionado, é o evento *frame* ou evento principal. Note-se que o que

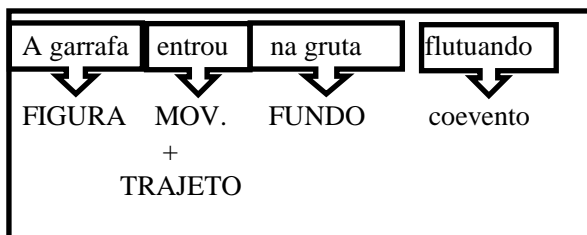
<sup>85</sup> Tradução nossa. O original é: La botella entró a la cueva (flotando). Talmy (2000b, p. 49).



está em evidência é o **TRAJETO** da **FIGURA**; o **MODO** como isso acontece é secundário, uma vez que, suprimido da cena, não causa prejuízo à compreensão do funcionamento desse evento. Se a **FIGURA** entrou na gruta flutuando, rodando ou escorregando, é um coevento que visa a especificar o movimento da **FIGURA**, por isso é secundário no EM e, geralmente, é representado por um satélite de coevento (cf. seção 2.2.2. Discutindo o conceito de satélite). Por essa razão, no exemplo (31), o coevento está entre parênteses.

A segmentação do EM em português torna clara a forma como os elementos participantes da cena são dispostos sintaticamente. Dessa maneira, podemos visualizar melhor, diferenciando esse padrão tipológico do padrão LFS.

Quadro 7: segmentação 3 - disposição sintática dos elementos em LFV



Vemos que, nessa segmentação, a disposição dos elementos é diferente. O verbo em português lexicaliza as informações de **MOVIMENTO** e **TRAJETO**. Ou seja, nesse evento complexo, o verbo funde duas informações das quais uma é a mais importante, o **TRAJETO**. O **MOVIMENTO** em si é básico nesse tipo de evento, mas o **TRAJETO** é o evento estruturante que liga a **FIGURA** ao **FUNDO**, mesmo que esse não esteja explicitado. Se pensarmos numa sentença como “João entrou”, temos os mesmos elementos do EM; embora o **FUNDO** não esteja explicitado pelo fato de o verbo ser, também, intransitivo, inferimos que, se alguém entrou, foi para dentro de algum lugar.

### 2.3.1 O satélite de coevento

Nesta seção, ampliaremos a discussão a respeito do satélite de coevento. Sabemos que as línguas com o padrão LFV lexicalizam o

TRAJETO (evento principal) no verbo, diferente dos padrões LFS que lexicalizam o TRAJETO em um elemento associado ao verbo, o satélite. Sem entrar nas inúmeras críticas e reformulações propostas por diversos autores a respeito desse conceito (cf. seção 2.2.2), nosso intuito é discutir esse conceito formulado por Talmy. Para esse autor, satélite de coevento, evento gerundivo ou só coevento, chamado por ele de “another uncommon satellite type is one expressing Manner”<sup>86</sup>, indicam um tipo incomum<sup>87</sup> de satélite que é um elemento semântico, eventualmente, participante do EM que especifica o MODO ou CAUSA do movimento. Via de regra, os elementos das línguas que mapeiam o coevento fora do verbo, em uma subordinada ou complemento, são chamados de satélite de coevento etc.

Línguas com frame no satélite, regularmente, mapeiam o coevento no verbo principal, o qual pode, assim, ser chamado um verbo coevento. Por outro lado, as línguas com o frame no verbo mapeiam o coevento em um satélite ou em um adjunto, tipicamente uma frase adposicional ou um tipo de componente gerundivo. Tais formas são por isso chamadas de um satélite de coevento, de um evento gerundivo, e assim por diante. (TALMY, 2000B, p. 222, tradução nossa)<sup>88</sup>

Se pensarmos em alguns verbos, por exemplo, *descer*, *subir*, *escorregar*, *circular* etc., todos eles têm em comum a lexicalização do movimento e a direção do movimento na raiz verbal: *descer* (para baixo), *subir* (para cima), *circular* (em círculo). Dependendo da situação, podemos especificar esses movimentos, acrescentando um gerúndio ou advérbio. Podemos *descer rolando*, *subir rapidamente* etc.

---

<sup>86</sup> Talmy (1985, p. 110-111) Outro tipo incomum de satélite que expressa modo. (Tradução nossa)

<sup>87</sup> Segundo Talmy, esses tipos “incomuns” de satélite podem ser encontrados na língua Nez perce, onde a raiz verbal expressa o TRAJETO, mas ao mesmo tempo um prefixo que expressa o MODO se agrega a raiz verbal.

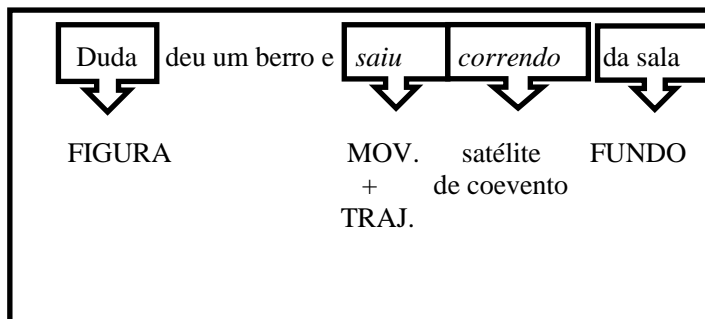
<sup>88</sup> O original é: Languages with a framing satellite regularly map the co-event into the main verb, which can thus be called a co-event verb. On the other hand, languages with a framing verb map the co-event either onto a satellite or into an adjunct, typically an adpositional phrase or a gerundive type constituent. Such forms are accordingly called a co-event satellite, a co-event gerundive, and so on.

Esses gerúndios e advérbios que especificam o MODO do movimento são chamados por Talmy (1985, 2000b) de satélite de coevento, evento gerundivo ou coevento. A diferença para o conceito de satélite das LFS se dá pelo fato de que esse tipo de satélite não ser essencial no EM, diferentemente dos outros satélites que estão numa relação de irmã para com o verbo. Esse tipo de satélite, embora mantenha uma relação com o verbo, está mais para um parente distante, que vez ou outra aparece. Nesse sentido, o satélite de coevento funciona como os termos acessórios da oração como, por exemplo, o adjunto adverbial, que é o termo que indica a circunstância em que a ação ocorre ou que intensifica o sentido de um adjetivo, de um advérbio ou de um verbo, e que, para o EM é o adjunto adverbial de modo. Em relação ao elemento semântico, eventualmente participante do EM que especifica a CAUSA do movimento, a gramática tradicional chama de oração subordinada adverbial, com o valor e a função de um advérbio, introduzida por uma conjunção subordinativa, exceto a integrante. Vejamos como se dá essa relação nos exemplos adiante.

(32) [...] Duda deu um berro e *saiu correndo* da sala. (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 80)

No exemplo acima temos a FIGURA (Duda) que saiu correndo da sala (FUNDO). Nesse EM, o verbo lexicaliza o MOVIMENTO e o TRAJETO; o MODO como ocorreu esse movimento está expresso por um satélite de coevento (gerúndio) ou adjunto adverbial nos termos da gramática tradicional. Esse MODO do movimento é um evento secundário que poderia ser suprimido da cena sem causar prejuízo algum para o seu desenvolvimento, já que o foco continua sendo o TRAJETO. A seguir, temos o quadro (8) que propõe a segmentação desse EM.

Quadro 8: segmentação 4 - satélite de coevento



Na segmentação 4, podemos verificar o papel desempenhado pelos elementos do EM. No entanto, se o satélite de coevento for retirado, a cena não se desmanchará, ou seja, teremos o EM. Como esse satélite é facultativo, poderemos ter a configuração da sentença da seguinte forma “Duda saiu da sala”. De todos os elementos do EM, o mais importante é o **TRAJETO**, como se observa a seguir.

(33)

(a) **Duda** deu um berro e *saiu correndo* da **sala**.

(b) **Duda** deu um berro e *saiu* da **sala**. (omissão do satélite de coevento)

Nesses exemplos é possível ocultar o satélite de coevento da cena por se tratar de um elemento acessório. Outros elementos, como, por exemplo, a **FIGURA**, também podem ser retirados em português, que aceita uma sentença de sujeito oculto. Talmy (2000b, p. 224, tradução nossa) alerta:

O grau de sua integração sintática no núcleo da sentença pode variar ao longo de uma gradação. A extremidade menos integrada da gradação é representada, por exemplo, em espanhol e japonês. Assim, certos gerundivos em fim de frase em construções espanholas e certos *-te* em japonês

em ambos os casos, expressando um coevento, podem ser interpretados sintaticamente como orações subordinadas adverbiais. Eles não funcionam como satélites.<sup>89</sup>

Para o autor, existe um grau na integração sintática da oração principal que pode variar. O autor cita, como exemplo, gerúndios em finais de sentenças em espanhol que, sintaticamente, podem ser considerados uma oração subordinada adverbial e, por esse motivo, não funcionam como satélites. Para exemplificar, vamos contrastar os exemplos seguintes.

(34)

(a) Mas eu *desci* **flutuando** até o jardim e a estrada. (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 111).

(b) Hagrid *saiu* do escuro **caminhando** [...] (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 215)

Segundo Talmy, na sentença (34a), o gerúndio *flutuando* é um satélite de coevento, uma vez que, sintaticamente, representa somente uma integração dentro da sentença e está em construção direta com o verbo principal. Para o autor, numa sentença como (34b), o gerúndio *caminhando* não pode ser considerado como satélite de coevento porque, sintaticamente, a construção global desse exemplo é constituída de uma sentença complexa formada por duas orações, não representando, portanto, um macroevento.

Muitos outros exemplos mostram o funcionamento da tipologia LFV em português; para abordá-los, vamos apresentar alguns verbos que lexicalizam MOVIMENTO e TRAJETO na raiz verbal. Nesse estudo, vamos nos inspirar na sistematização de Talmy (2000b, p. 49-

---

<sup>89</sup> O original é: The degree of its syntactic integration into the main clause of the sentence can range over a gradient. The least integrated end of the gradient is represented, for example, in Spanish and Japanese. Thus, certain end-of-sentence gerundives in Spanish and certain *-te* constructions in Japanese- in both cases, expressing a co-event-may be interpreted syntactically as adverbial subordinate clauses. They do not function as satellites.

51), que separou verbos em que o EM não depende de um agente (nonagentive) daqueles em que o EM depende de um agente (agentive).

### 2.3.2 Expressão de MOVIMENTO: agente (*agentive*) e sem-agente (*nonagentive*)

Para o autor, as expressões de MOVIMENTO podem ser realizadas por um agente (*agentive*) ou sem-agente. No tipo de construção *agentiva*, um agente move uma FIGURA pelo movimento de alguma parte do corpo ou por meio de um instrumento em contato constante com a FIGURA, mas sem a translação total do corpo do agente. Os exemplos a seguir procuram ilustrar esses acontecimentos.

(35)

(a) [...] Rony partiu para cima dele e o *derrubou* no chão. (op. cit. p. 193).

(b) Ela *empurrou* o livro para os dois, que leram [...]. (op. cit. p.189)

(c) [...] Hagrid o *empurrou* para dentro. (op. cit. p. 63).

(d) E Rony *puxou* Harry para fora do quarto. (op. cit. p. 183).

(e) Pirraça *atirou* o giz em uma cesta [...] (op. cit. p. 132)

Quando temos uma CAUSA para o movimento<sup>90</sup>:

(f) Afastou o retrato da Mulher Gorda *com um empurrão* e passou pela abertura. (op. cit. p. 136).

Nesses exemplos, os verbos dependem de um agente para a ação ser realizada. Todos dependem de que um agente use uma parte do corpo para movimentar a FIGURA ou um instrumento, mas nota-se que, não necessariamente, é preciso movimentar todo o corpo para realizar a ação de movimento. Em (35b), por exemplo, o mais usual seria o agente usar as mãos para empurrar o livro, mas como é um livro de ficção, seria

---

<sup>90</sup> Sobre causatividade, cf. Moura (2012).

normal nesse contexto o agente empurrar o livro sem contato constante com a FIGURA e sim por meio de uma varinha mágica que, de qualquer maneira, utiliza um instrumento para realizar a ação. Em (35f), temos o agente que realiza a ação que causa o movimento. Com um empurrão, o agente causou o deslocamento do retrato da *Mulher Gorda*. O uso do verbo *empurrar* pressupõe o uso das mãos para o deslocamento de um objeto. Nas sentenças a seguir temos exemplos não-agentivos:

(36)

(a) Um vento frio e úmido *passou rápido* por ele [...] (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 237).

(b) O dragão-bebê *caiu molemente* em cima da mesa. (op. cit. p. 202).

(c) [...] cujas árvores balançavam *sinistramente* a distância. (op. cit. p. 129).

(d) [...] *Saiu* uma grande nuvem de fumaça verde [...] (op. cit. p. 67).

(e) Na véspera da primeira partida de Quadribol de Harry, os três *foram* até a quadra congelada [...] (op. cit. p. 158).

(f) E a flotilha de barquinhos *largou* toda ao mesmo tempo, *deslizando* pelo lago que era liso como um vidro. (op. cit. p. 99).

(g) [...] os pingos abafados da água que *escorria* pela parede (op. cit. p. 246).

Nesses exemplos, podemos verificar que todas as FIGURAS não dependem de um agente para que o MOVIMENTO e o TRAJETO sejam realizados. Podemos, aleatoriamente, escolher o exemplo (36b), em que a FIGURA (dragão-bebê) cai de determinado MODO (molemente) em cima da mesa. A FIGURA pode ter caído por diversas circunstâncias, mas, certamente, não foi um agente usando a parte do corpo ou um instrumento que causou a sua queda, pois o verbo seria derrubar e não cair. É claro que o verbo *cair* também aceita a configuração que pode ter como causa um agente que, de vários modos, derruba a FIGURA, mas ocorrerá em outros contextos.





### 3. SATÉLITES EM ÓRBITA

Na introdução do trabalho, expomos que um dos objetivos deste estudo seria descrever o EM em língua portuguesa contrastando com os padrões tipológicos distintos. Escolhemos *corpus* do padrão LFS representado pelas línguas inglesa e latina. Mencionamos que, em algumas construções, o EM em português se comporta como no padrão do inglês e do latim. Um dos argumentos que subsidia este estudo é que os prefixos latinos presentes em alguns verbos do português, levando em consideração o conceito de satélite formulado por Talmy e reformulações de outros autores, são, no nosso ponto de vista, autênticos satélites. Apesar de não ser uma novidade, nesse campo de estudos, que as línguas possam assumir um padrão distinto do seu, neste trabalho propomos descrever esse fenômeno, argumentando que a formação de diversos verbos em português guarda resquício do padrão tipológico do latim. Não encontramos, até o momento, trabalhos que tratassem, especificamente, da relação entre os prefixos latinos e o conceito de satélite em português. Mas alguns trabalhos abordam a questão de prefixação latina e satélites em língua francesa, como estudos da expressão da localização e MOVIMENTO em francês, que partem do princípio de que alguns prefixos latinos presentes na língua francesa são satélites. Trata-se de pesquisas como, por exemplo, o trabalho de Kopecka (2004); o de Iacobini e Fagard (2011), que faz uma abordagem diacrônica da variação e mudança do latim para as línguas românicas. No que se refere à evolução do padrão LFS (latim) para o padrão LFV (francês), pontuam os autores que a mudança se deu em razão de as construções latinas (prefixo + verbo) serem parcialmente substituídas por lexemas que incorporam o componente TRAJETO na raiz do verbo. Esse tipo de abordagem explica, em parte, o caso de alguns prefixos latinos funcionarem como satélites em português, fato que se deve à evolução da língua latina para as línguas românicas. Faz-se necessário, então, um estudo diacrônico dos prefixos latinos *circum*, *ex* e *in*, selecionados para esse estudo, a fim de demonstrar alguns aspectos de sua evolução.

Nosso ponto de partida é o estudo de Romanelli (1964), principalmente, mas, quando necessário, recorreremos a estudiosos que tratam da origem dos prefixos. Para tanto, dividiremos essa seção em três partes, para tentar sistematizar ao máximo o tratamento dado pelos estudiosos a esse tema. Na primeira parte, nos apoiaremos nos estudos de Romanelli que, diacronicamente, buscou as origens dos prefixos latinos fazendo um estudo metódico de 43 prefixos, agrupando-os

segundo: as imposições fonéticas; o emprego, isso é, se em compostos verbais ou nominais; o sentido, ou seja, o tratamento semântico dado a esses elementos; e a etimologia, que se traduz no tratamento histórico que lhes deu origem. Na segunda parte, abordaremos um estudo mais gramatical dos referidos prefixos para expor a sua natureza, de acordo com gramáticos históricos – Coutinho (1969) e Said Ali (1971) e mais contemporâneos – Cunha & Cintra (2001), Bechara (2005) e Azeredo (2008). Após a descrição dos prefixos, discutiremos alguns estudos que tratam de prefixação no âmbito dos padrões tipológicos, como, por exemplo, Kopecka (2004, 2006) e Iacobini e Fagard (2011).

### 3.1 ORIGEM DOS PREFIXOS

Segundo o livro de Romanelli (*op. cit p. 15*), o Indo-europeu deu origem a línguas como o Índico, Iraniano, Grego, Germânico, Báltico, Eslávico e Latim. Dentre as diversas particularidades do indo-europeu, uma das mais notáveis era a de não admitir qualquer forma de prefixação ao elemento radical, a não ser o redobro verbal de caráter gramatical e o redobro nominal de caráter expressivo. A palavra indo-europeia constituía-se de três elementos fundamentais: a raiz, o sufixo e a desinência. Nesse sentido, o processo normal de formação de palavras era a derivação, jamais a composição. Por essa razão, o autor considera prefixação um caso de derivação e não composição. Muito tempo depois, surgiria o prefixo, que inovaria o quadro geral das línguas indo-europeias. Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral*, apresenta a seguinte informação a respeito do indo-europeu.

O indo-europeu não conhecia as preposições; as relações que estas indicam eram indicadas por numerosos casos, providos de grande força significativa. Não existiam tampouco verbos compostos por meio de preverbos, mas apenas partículas, palavrinhas que se acrescentavam à frase para precisar e matizar a ação do verbo. (SAUSSURE, 2006, p. 210).

Da análise feita de algumas sobrevivências registradas em línguas mais arcaicas, como as que serviram de veículo à literatura religiosa dos Vedas e do Avesta, Romanelli permite-se concluir que os prefixos, em

suas origens, devem ter sido antigas formas casuais, sobretudo de valor locativo e instrumental.

Para o autor, o termo prefixo é apreendido na acepção clássica de elemento morfológico preposto a uma forma verbal ou nominal. Assevera, entretanto, a tendência de o termo ser denominado de *prevérbio*, como se nota no segmento a seguir.

Registra-se, entre nós, é certo, a tendência para substituir a denominação de prefixo pela de *prevérbio*. Advirta-se, todavia, de que *prevérbio* é um tipo particular de prefixo – é o prefixo preposto a uma forma verbal. Tal é, pelo menos, a discriminação feita pelos mestres europeus, segundo se lê em obras especializadas. (ROMANELLI, 1964, p. 5).

O autor elenca dois autores que aplicam essa terminologia ao prefixo que se antepõe ao verbo: Meillet, A. & Vendryes, J. (1948) e Maurouzeau (1949). No entanto, segundo Romanelli, por falta de uma terminologia adequada, quando o prefixo se antepõe a um verbo, chama-se *prevérbio*, e quando se antepõe a um nome, chama-se *prenome*. Romanelli (1964, p. 6) explica que: “o prenome pode constituir-se de uma preposição, de um advérbio, de um numeral ou de um prefixo inseparável”.

O autor agrupa o estudo de cada um dos prefixos em quatro partes. Na primeira, ele apresenta o prefixo quanto às formas. O estudioso procura incluir um determinado prefixo seguido de todas as variantes que apresenta, decorrentes da necessidade de atender às acomodações fonéticas exigidas pelo elemento inicial da base. Romanelli (1964, p. 6) ainda adverte: “Não nos limitamos, contudo, a relacionar, simplesmente, as variantes. Apontamos a situação em que ocorre cada uma delas, analisando, à luz da fonética histórica, as alterações que lhes deram origem”.

A segunda parte trata do emprego dos prefixos latinos. O autor ocupa-se das ocorrências do prefixo nos processos de composição verbal. Nota-se que o autor, portanto, considera a prefixação um processo de composição e não de derivação. Ele subdivide essa parte em dois grupos: os compostos cujo radical é de origem verbal e os compostos cujo radical é de origem nominal. O estudo de Romanelli nessas subdivisões aponta para sua preocupação metodológica: “Para ilustrar os diferentes empregos do prefixo, tivemos o cuidado de

selecionar os exemplos, arrolando preferentemente os compostos apofônicos, acompanhados da respectiva análise etimológica”, (op. cit. p. 7).

Na terceira parte, o estudioso trata do sentido dos prefixos, ou seja, procurou agrupar o maior número possível de exemplos, com o intuito de representar ao máximo as diversas acepções que um determinado prefixo assume na língua. Mas chama a atenção para o fato de que nem sempre é possível ilustrar todos os sentidos, e mostra como minimizar esse problema. Para o autor, nos casos em que um mesmo prefixo é tomado por várias acepções, coloca-se, em primeiro lugar, a mais antiga, ou seja, aquela a partir da qual se desenvolveram todas as outras. O autor esclarece também que cada palavra dentro de um grupo semântico especificado por ele é acompanhada da respectiva significação, salientando que, quando possui muitas significações, figura, geralmente, aquela que pode ser considerada como sendo o sentido próprio.

Na parte final, completa o estudo tratando da etimologia, indicando a raiz indo-europeia e suas eventuais variantes e alargamentos. O autor lista os cognatos das principais línguas indo-europeias, justificando sua metodologia: “através de cujo confronto se podem evidenciar o sentido radical e a estrutura primitiva de cada prefixo” (op. cit. p. 8). Para nosso estudo, isso é relevante para atestarmos a tipologia do português, ajudando a confirmar ou refutar a hipótese de que essa língua, ao ser originada do latim, herdou alguns vestígios de sua tipologia.

Como mencionado, para nosso estudo elegemos três prefixos de origem latina – *circum*, *ex* e *in* – para subsidiar nossas discussões, uma vez que analisaremos algumas construções com os referidos prefixos.

### 3.2 OS PREFIXOS LATINOS SEGUNDO ROMANELLI

Nesta primeira abordagem dos prefixos, seguiremos a ordem de estudo do autor, separando cada prefixo quanto a sua forma, seu emprego, seu sentido e sua etimologia, iniciando pelo prefixo *circum*, seguido dos prefixos *ex* e *in*. Ressaltamos que, quando os exemplos forem provenientes do *corpus* composto pelas três obras, usaremos a tradução proposta contida nos diferentes livros, salvo quando a explicação exigir uma tradução ao pé da letra. Na segunda abordagem, discutiremos o que as gramáticas históricas e contemporâneas dizem a

respeito desses prefixos. Na última abordagem, discutiremos alguns estudos de Kopecka (2004, 2006) e Iacobini e Fagard (2011), fechando a seção “Satélites em órbita”, indicando o que concluímos a respeito dos prefixos latinos presentes no português.

### 3.2.1 O prefixo *circum*

Dos três prefixos selecionados para este estudo, o prefixo *circum* é o que menos apresenta variedade de forma, emprego, sentido e etimologia.

#### I – formas

- a) ***Circum***, antes de vogal, como de soante ou consoante: *circumambulo*, (conduzir em volta, levar ao redor), *circumerro* (dar a volta em torno de, girar), *circumitio* (ronda, patrulha, contorno, curva), *circumobrio*, (cobrir de terra em toda a volta), *circumustus* (queimado ao redor), *circumiaceo* (fazer ao redor, estender-se ao pé, estar situado junto a), *circumverto* (fazer girar), *circumfluo* (circulante, circunfluyente), *circumscribo* (traçar um círculo em volta de, circunscrever)
- b) ***Circu-***, somente antes de palavras iniciadas por i: *circuitio*, *circuitus*.

#### II – emprego

- a) Justapostos e compostos verbais: *circuncīdo* (cortar em volta), (<*circum* + *caedo*); *circumclūdo* (cercar), (<+*circum* + *claudo*); *circumgredior* (fazer a volta de), (<*circum* + *gradior*); *circumicio* (lançar em redor) (<*circum* + *iacio*); *circumluo* (banhar em volta) (<*circum* + *lavo*); *circumsilio* (saltar de um lado para outro) (<*circum* + *salio*); *circumspicio* (olhar em torno de si, contemplar) (<*circum* + *specio*).
- b) Justapostos e compostos nominais: 1. De origem verbal: *circumcola* (<*circumcolo*) (habitar em roda de, habitar nas proximidades de, à margem de), *circumfluus* (<*circumfluo*), (circulante); *circumloquium* (<*circumloquor*) (circunlóquio); *circumluvio* e *circumluvium* (<*circumluo*) (banhar em volta de), *circumriguus* (<*circum* + *rego*) (circunvetor?). 2. De origem nominal: *circumforaneus* (<*circum* + *forum*) (das proximidades

do fórum, ambulante), *circummuranus* (<*circum*+*curus*) (lugar junto aos muros), *circumpadanus* (<*circum*+*Padus*) (que é vizinho do pó, que vem das proximidades do pó), *circumpedes* pl. (*circum*+*pes*, *pedis*) (Rio Pó), *circumvagus* (<*circum*+*vagus*) (que se espraia por todos os lados, que erra em redor).

### III – sentido

Movimento circular, movimento ao redor de, à volta de: *circumago*: ‘conduzir em volta, levar em volta, fazer dar a volta’, *circumcīdo*: ‘cortar em volta, aparar, podar’, *circumdo*: ‘por em volta, colocar, dispor em volta’, *circumduco*: ‘conduzir em volta, levar à roda, cercar’, *circumneo*: ‘ir em roda de, rodear, cercar, envolver’, *circumfero*: ‘levar em volta, levar em roda, mover circularmente’, *circumicio*: ‘lançar em roda, por ao redor, colocar em volta’, *circumscribo*: ‘traçar um círculo em volta de, rodear, limitar, circunscrever’.

### IV – etimologia:

Para Romanelli (1964), *circum* corresponde precisamente ao acusativo adverbial de *circus*, -i ‘círculo’, cognato do grego ‘anel’, ou talvez antigo empréstimo deste<sup>91</sup>. Tema indo-europeu \**Kirk-*, oriundo de uma forma de redobro quebrado \**ki-kro*, pertencente à raiz indo-europeias \*(s)*ker-* ‘virar, volver, voltar, curvar, dobrar’. Ao mesmo étimo prendem-se as preposições e advérbios, *circā*.

Nota-se como o prefixo *circum* em latim pode se combinar com diversos verbos e diversos nomes, diferentemente do uso atual do português em que são raras as construções deste tipo, como se observará na seção 3.1 do capítulo 3 análise. Apresentamos a seguir alguns exemplos do uso desse prefixo retirados do *corpus Harrius Potter et philosophi lapis*.

(37) *Harrius se circumegit. (Harrius Potter et philosophi lapis, p. 74).*

---

<sup>91</sup>Romanelli (1964, p. 39) considera que essa forma pode ser antigo empréstimo do grego *κίρκος*, significando “anel.”

“Harry deu meia volta” (Harry Potter e a pedra filosofal, p. 83).

No dicionário *latino/Português*, organizado por Ernesto Faria (1962, p. 186), esse uso pode ser empregado de forma especial que significa voltar-se sobre si mesmo. Dessa forma, nota-se que a versão em português condiz com esse uso.

(38) '*meminit!*' *clamavit Dominus Diggle, omnes circumspiciens.*'  
(*Harrius Potter et philosophi lapis*, p. 56).

“Ele se lembra! – exclamou Dédalo Diggle, olhando todos à volta. (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 64).

Nessa sentença, o verbo *circumspicio* (*circum* + *specio*<sup>92</sup>) combina num só elemento as informações semânticas de movimento e TRAJETO. Na versão traduzida, é preciso uma locução (à volta) para representar as informações que no latim são dadas por um único verbo.

No estudo de Romanelli (*op. cit.*), a maioria dos sentidos de *circum* é o de conduzir, ir, levar em volta etc. Esse prefixo pode, por exemplo, combinar-se com o verbo *volare* que basicamente significa *voar*. Interessante que, na versão em português, o verbo *circumvolare* foi adaptado de uma forma curiosa. Observe-se a seguir as versões em latim, inglês e português.

(39) *Adinodum utile erat eum habere circumvolantem sicut vespertilionem nimis auctum.* (*Harrius Potter et philosophi lapis*, p. 232).

“So useful to have him swooping around like an overgrown bat.” (*Harry Potter and Sorcerer's Stone*, p. 288).

“Tão útil tê-lo *esvoaçando* por aí como um morcegoão.” (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 246).

O tradutor usa o prefixo *ex* na forma *es* para indicar o trajeto de *circum*.

---

<sup>92</sup> Avistar, ver, olhar.

### 3.2.2 O prefixo *circum* nas gramáticas

Gramáticos históricos e contemporâneos não divergem muito quanto ao sentido que dão ao uso dos prefixos.<sup>93</sup> Said Ali (1971) apresenta os seguintes usos para os prefixos que elegemos para nosso estudo:

“*circum* – circunvizinho, circumurado. Outras formações com este prefixo remontam à língua latina.”

Os contemporâneos Cunha & Cintra (2001), Bechara (2005) e Azeredo (2008) configuram esse prefixo como no quadro abaixo:

Quadro 9: o prefixo *circum*

Gramáticos	Prefixo	Sentido	Exemplos
Cunha & Cintra	Circum-, (circu)	Movimento em torno	Circum-adjacente, circunvagar
Bechara	Circum, circu	Em roda de	Circunferência, circulação
Azeredo	Circum	Posição em torno de	Circunscrever, circunspeção, circunlóquio

### 3.2.3 O prefixo *ex*

---

<sup>93</sup> Quando dizemos “não divergem” estamos nos referindo especificamente quanto ao sentido. Claro que há inúmeras divergências quanto à formação de palavras, caso que não abordaremos aqui.



Ao examinar esse prefixo na obra de Romanelli (1964), notamos que tanto a forma quanto emprego e sentido possuem uso amplo em latim. Optamos por reproduzir somente algumas partes do estudo desse prefixo em razão de as amostras serem as que mais se aproximam do nosso objetivo ao descrevê-lo.

#### I – formas

- a) *Ex*, antes de palavras iniciadas por vogal, h, por oclusivas surdas *c*, *p*, *qu* e *t* e pela sibilante *s*: *exaudio* (ouvir distintamente), *exeo* (ação de sair), *exitus* (part. pass. de *exeo*), *exhalo* (exalar), *exhortor* (exortar, encorajar), *expello* (expelir), *exquiro* (bem cuidado, elegante), *etc.* O prevérbio *ex* (<\*eks), diante de palavras iniciadas por *s*, puro ou impuro, veio a formar um grupo consonantal de difícil articulação, *ekss*-. Impôs-se, então, a simplificação do grupo, mediante supressão do *s* inicial, na grafia adotada por certos autores latinos: *exangues* por *exsanguis* (perder sangue), *exilium* por *exsilium* (exílio), *existo* por *exsisto* (elevar-se para fora de, sair da terra, surgir, nascer), *expecto* por *exspecto* (olhar de longe, estar na expectativa), *extinguo* por *exstinguo* (extinguir, desaparecer, fazer desaparecer, morrer).
- b) *Ec*- ocorre em formas arcaicas, antes de palavras iniciadas por *b* ou *f*, como *ec-biboi* (beber até o fim), *ec-fari* (falar, dizer), *ec-fero* (tornar feroz).
- c) *Ef*-, de *ec*-, antes de palavras iniciadas por *f*: *effero* (tornar feroz), *effundo* (derramar, espalhar, verter).
- d) *Ē*-, de \*egz, por síncope de *s* sonorizado e alongamento compensatório do vocalismo prefixal, diante das oclusivas sonoras *b*, *d* e *g*, das líquidas *l*, *m*, *n* e de *i* e *u* sonânticos: *ēbibo* (beber até o fim, beber sugando), *ēduco* (criar, amamentar), *ēgero* (levar para fora), *ēlaboro* (obter ou realizar a custa do esforço ou trabalho), *ēmoveo* (expulsar), *ēnato* (salvar-se a nado), *ērigo* (erguer, levantar), *ēiuro* (recusar), *ēvado* (sair de). Excepcionalmente, a variante *ē* ocorre, em vez de *ex*, antes de uma palavra iniciada por *p*: *ēpotus* (beber até o fim).
- e) *Es*-, de *ex*, por dissimilação, variante atestada apenas no nome próprio, *Esquillae*.
- f) *Ė*-, com quantidade breve, talvez de *es*-, por simplificação, variante atestada no verbo *escendo*, que estaria por \**esscendo*,

forma oriunda, por dissimilação, de \**exscendo* (subir, embarcar ou montar).

Dentre os prefixos escolhidos para esse estudo, o prefixo *ex-* é o que mais formas possui. Vejam-se alguns exemplos desse prefixo empregado de diversas maneiras.

## II – emprego

- a) Compostos verbais: *edere* (por fora, deitar para fora, fazer sair, render-se, entregar, evacuar, dar a luz, parir, publicar uma obra, expelir, expulsar, despejar (<*ex* + *dare*), *effercio* (encher, fartar) (*ec* + *farcio*) etc.
- b) Compostos nominais de origem verbal: *efficax*, donde *eficácia*, *e efficitas*, (<*efficio*) etc.

## III – sentido

- a) Movimento de dentro para fora, saída, extração: *edo*: ‘dar à luz, dar à lume, fazer sair, publicar’, *educo*: ‘levar para fora, fazer sair, tirar de’, *effero*: ‘levar para fora, tirar, levar’, *effodio*: ‘tirar cavando, desenterrar, extrair’, *emergo*: ‘emergir, sair da água ou donde estava mergulhado’, *emigro*: ‘sair de, mudar de habitação, emigrar, mudar-se’, etc.
- b) Elevação, ascensão: *emineo*: ‘destacar-se em saliência, estar saliente, elevar-se’ etc.
- c) Mudança de estado, passagem de um a outro estado: *eduro*: ‘endurecer’, *effemino*: ‘tornar feminino, efeminar’, *effero*: ‘tornar feroz, tornar selvagem’, *effervesco*: ‘esquentar, entrar em ebulição’, *elanguesco*: ‘tornar-se languido, enfraquecido’, etc.
- d) Acabamento (aqui o prevérbio marca o processo chegando ao seu termo): *ebibo*: ‘beber até o fim, beber sugando, sugar’, *edormio*: ‘dormir a sono solto, acabar de dormir’, *enavigo*: ‘passar navegando, chegar ao término da viagem, aportar, etc.
- e) Aumento, reforço, intensidade: *ebbulio*: ‘deixar sair em borbulhões, ferver muito’, *edisco*: ‘aprender a FUNDO,

aprender cheio, farto’, *exaugeo*: ‘aumentar consideravelmente, acrescentar, fortificar’, etc.

#### IV – etimologia

Indo-europeu *\*eǵhs* (*eǵhz*) ‘de fora de’.

(40) *Fumus viridis multus **exhalatus** est, et eo evanescente, Harrius anhelavit. intus erant montes nummorum aureorum. (Harrius Potter et philosophi lapis, p. 60).*

“Saiu uma grande nuvem de fumaça verde e enquanto ela se dissipava, Harry ficou sem respirar”. (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 68).

Nessa sentença, o verbo (*exhale*) combina na raiz os elementos semânticos de MOVIMENTO e TRAJETO, ou seja, esse verbo dá o movimento e o MODO, o TRAJETO é dado pelo prefixo (*ex*). Na versão traduzida, o verbo (*sair*) dá as informações de MOVIMENTO e TRAJETO, enquanto o MODO fica a critério do leitor interpretar.

(41) *Non erit schola Hogvartensis a qua **expellamur**. (Harrius Potter et philosophi lapis, p. 217)*

“Não vai haver Hogwarts para nos expulsar” (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 231)

Na sentença (41), o verbo (*expellere*) significa expelir ou expulsar, ou seja, sair de; o verbo sem o prefixo (*pellere*) significa lançar, com a ideia de força. Portanto, o verbo marca o MOVIMENTO e o MODO do movimento, já o prefixo marca o TRAJETO (para fora). A versão traduzida não traz prejuízo à interpretação, pois o verbo (*expelir*) combina o TRAJETO e o MODO do movimento na sua raiz.

Essa parte do estudo de Romanelli contribui muito com o propósito de nosso estudo, uma vez que sentido e mudança de estado dos prefixos explicitados pelo autor vão ao encontro de nossa proposta de mostrar o comportamento deles no latim e possíveis resquícios no português. O exemplo a seguir procura mostrar o uso em latim do prefixo *ex-* com sentido de “sair”.

(42) *Ad ianuam lente se moverunt, oribus siccis, orantes ne trollum **emergere** pararet.* (Harrius Potter et philosophi lapis, p. 141).

“Eles se esgueiraram até a porta aberta, as bocas secas, rezando para o trasgo não resolver *sair* naquele instante”. (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 152-153).

### 3.2.4 O prefixo *ex* nas gramáticas

Said Ali (1971) conceitua esse prefixo como se vê a seguir:

*Ex* – reaparece em português em vocábulos recebidos do latim ou que a esta língua se foram buscar ulteriormente. Romanizada, esse prefixo é usado sob a forma *es-* e com função diversificada da latina. Serve-nos sobretudo para a formação de parassintéticos verbais que denotam ações demoradas ou movimentos frequentemente repetidos: esfriar, esquentar, esperar, espreguiçar, esgravatar, escoucear, esbombardear, esburacar, esvoaçar, etc.

Coutinho (1969) apresenta o seguinte quadro para esses prefixos: *es* ou *e* <*ex*. “Denota separação, movimento para fora, intensidade, esforço: esfolhar, esgotar, esbagoar, escoçar, escoucear; efusão, efervescência, emigrar. A forma latina conserva-se em *espectorar, exceder, expulsar, excelente, expedir*.”

Os gramáticos contemporâneos apresentam a seguinte configuração para esse prefixo:

Quadro 10: o prefixo *ex*

Gramáticos	Prefixo	Sentido	Exemplos
Cunha & Cintra	ex-, es-, e-	Movimento para fora, estado anterior.	Exportar, extrair, escorrer, estender, emigrar, evadir.

Bechara	ex-, es-, e-	Movimento para fora, mudança de estado, esforço.	Esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar.
Azeredo	ex-, e-	Movimento para fora, posição externa ou estado anterior.	Exposição, excluir, excomungar, exorbitante, exibir, emigrar, emergir, ex-presidente, ex-marido.

### 3.2.5 O prefixo *in*

I – formas:

- a) *in-*, com vocalismo breve: *inauguro* (tomar agouro, adivinhar, predizer, prognosticar, consagrar, inaugurar), *inebrio* (embriagar, embebedar, embeber, ensopar, engravidar), *initium* (começo, princípio, estreia), *inoleasco* (brotar, abrolhar com, crescer em, arraigar-se, criar, desenvolver-se, nascer, começar a ser usado), *inundo* (inundar, cobrir de), *inhaereo* (estar fixo, preso, aderente, seguro, ligar-se a, inseparável, aplicar-se a), *incolo* (habitar-se, morar, residir), *indico* (revelar, denunciar, descobrir, dar a saber, anunciar, publicar, divulgar, marcar, fixar, indicar, notificar, intimar, declarar) etc.
- b) *in-*, com vocalismo longo: *infero* (levar ou trazer para, dirigir-se para, ir contra, entrar em, caminhar, ir, andar), *infigo* (pregar em, espetar, fincar, meter a força), *insero* (semear, plantar, enxertar), *inscribo* (escrever em, inscrever, gravar em), etc.
- c) *il-*, *im-*, *ir-*, *illaboro* (trabalhar em), *immergo* (mergulhar em, meter debaixo d'água), *irrideo* (escarnecer, zombar, mofar) etc.

(43) *Omnes **initium** feriarum animis alacribus expectabant.*  
(*Harrius Potter et philosophi lapis*, p. 156).

“Todos mal aguentavam esperar as férias de natal.” (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 168).

A palavra (*initium*) na sentença (43) significa início, começo, princípio e serve apenas para atestar o uso do prefixo (*in*.)

(44) *Audivi eum esse barbarum nescio cuius generis — in casa campestri prope scholam vivit et aliquando inebriatus magicam artem exercere conatur et denique lectum incendit.* (*Harrius Potter et philosophi lapis*, p. 62-63).

“Ouvi falar que é uma espécie de *selvagem*. Mora num barraco no terreno da escola e de vez em quando toma um *pileque*, tenta fazer mágicas e acaba tocando fogo na cama.” (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 71).

No exemplo (44), o verbo (*inebriare*) significa embriagar ou embebedar; mostra, portanto, uma MUDANÇA DE ESTADO. O adjetivo (*ebrius*) significa bêbado, portanto, combinado com o prefixo (*in*), forma o verbo (*inebriare*). O tradutor preferiu usar a forma popular (*pileque*) em vez de (*embriagar*). O verbo (*incendere*) significa MUDANÇA DE ESTADO marcado no prefixo (*in*), ou seja, incendiar.

## II – emprego

- a) compostos verbais: *illicio* (<*in* + *lácio*), *imprimo* (<*in* + *premo*), *inhibeo* (<*in* + *habeo*) etc.
- b) compostos nominais de origem verbal; *illuvies* (<*illuo*), *impedimentum* (<*impedio*), *incendium* (<*incendo*) etc.

## III – Sentido

- a) Movimento em, sobre, superposição: *immorior*: ‘morrer em ou sobre’, *impluit*: ‘chover em, chover sobre’, *inflo* ‘soprar em ou sobre’ etc.
- b) Movimento para dentro, penetração: *imbito*: ‘entrar em, penetrar’, *immeo*: ‘entrar em’, *immergo*: ‘mergulhar em, imergir, insinuar’, *imponho* ‘por em ou dentro’ etc.
- c) Movimento em direção a, para junto de, aproximação: *illicio*: ‘atrair a uma armadilha, seduzir, cativar, arrastar a, induzir a’, *incedo*: ‘avançar, caminhar para’, *inhaereo*: ‘estar preso a, estar

- seguro a, ligar-se a, aderir a', *inveho*: 'arrastar, puxar, trazer para, transportar' etc,
- d) Movimento em direção a, com ideia acessória de hostilidade, agressão: *illido*: 'bater contra, lançar contra', *impello*: 'impelir para ou contra, lançar contra', *incurro*: 'correr contra, lançar-se sobre, assaltar' etc.
- e) Ingresso, entrada em um novo estado (em verbos incoativos): *immadescio*: 'umedecer-se, molhar-se', *Impallesco*: 'empalidecer', *inacesco*: 'azedar-se', *inaresco*: 'tornar seco, secar', *incalesco*: 'aquecer-se'. *Induresco*: 'tornar-se duro, endurecer', etc.
- f) Movimento para trás, renovação: *instauro* 'renovar, recomençar, reparar, restaurar', *inverto* 'voltar, virar, revolver, pôr em sentido inverso, inverter', etc.

Assim como o prefixo *ex-*, o prefixo *in-* possui diversos sentidos, como se observa nos exemplos dados. Novamente elencaremos alguns exemplos:

- (45) *Charta crassa et fusca involutus verbis inconditis inscriptus est Harrio ab Hagrido. Inerat tibia arte rudi e ligno sculpta. manifestum erat Hagridum ipsum illam sculpsisse. inflavit eam.* (*Harrius Potter et philosophi lapis*, p. 161).

"Estava *embrulhado* em papel pardo grosso e trazia escrito em garranchos *para o Harry, de Hagrid*. Dentro havia uma flauta tosca de madeira. Era óbvio que Hagrid a entalhara pessoalmente. Harry *soprrou-a*" (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 173).

No exemplo (45), temos dois verbos (*involvere*) e (*inflare*); ambos possuem o prefixo (*in*) em sua composição e significam movimento para dentro. No primeiro caso (*volvere*), significa rolar, portanto o prefixo (*in*) dá o TRAJETO; literalmente seria enrolar para dentro, mas o tradutor preferiu usar o particípio (*embrulhado*). No segundo caso, o verbo (*floare*) significa soprar; assim, o prefixo fica incumbido de marcar a direção do sopro: para dentro da flauta.

#### IV – etimologia

Indo-europeu *\*em* (variantes: *\*n*, *\*eni*, *\*ni*, *\*nei*, *\*ndhi*).

### 3.2.6 O prefixo *in* nas gramáticas

Para Said Ali (1971, p. 249), o prefixo *in* tem a seguinte configuração: “In, *im* usa-se *ĩ* com dous valores semânticos de acôrdo com a sua origem dupla. a) prefixo negativo: incompleto, inútil etc., b) advérbio-preposição latina *in* com sentido diretivo: inundar, implantar, inscrever, inspirar, insurgir, incorrer, imigrante, etc.”

Para Coutinho (1969), o prefixo *em-*, *en* ou *e - <in* expressa: “Idéia de movimento para dentro ou para algum lugar, tendência, revestimento: empilhar, empobrecer, empalmar, embarcar, emplumar; engarrafar, enterrar, entesourar, enformar; enastrar, enevoar, enovelar. *In* – mantém-se em influir, incrustar, ingerir, investigar.”

As gramáticas contemporâneas, como as de Cunha & Cintra (2001), de Bechara (2005) e de Azeredo (2008), por exemplo, não divergem em relação ao sentido atribuído aos prefixos. Observe-se o quadro abaixo com o tratamento dado por esses autores.

Quadro 11: o prefixo *in*

<b>Gramáticos</b>	<b>Prefixo</b>	<b>Sentido</b>	<b>Exemplos</b>
Cunha & Cintra	In- (im-), i- (ir), em- (en-)	Movimento para dentro	Ingerir, impedir, imigrar, irromper, embarcar, enterrar
Bechara	em-, en-, e-, in-	Movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento.	Embeber, enterrar, enevoar, ingerir.
Azeredo	In, i	Movimento para dentro	Incorrer, induzir,



			importar, infiltrar, imigrar
--	--	--	------------------------------------

Nota-se, nessa abordagem dos prefixos, que alguns deles possuem significados que guardam resquícios até hoje no português. No entanto, verificamos que o uso desses prefixos no latim não é sistemático no português. A passagem do latim ao português é complexa, mas alguns autores como Haverling (2003), Kopecka (2004) e Iacobini (2011) fornecem pistas para o fato de haver resquícios de um padrão tipológico diferente no português.

### 3.3 RESQUÍCIOS DE PADRÕES TIPOLÓGICOS

#### 3.3.1. A procura de vestígios de um padrão distinto

Anetta Kopecka (2004), em sua tese: *Étude typologique de l'expression de l'espace: localisation et déplacement en français et en polonais*<sup>94</sup>, por meio de comparação entre o francês e polonês, dedica um capítulo de seu trabalho, para expor os resultados de sua investigação sobre os resquícios do padrão tipológico LFS presentes no francês, ou seja, aproxima-se do nosso estudo, na medida em que a discussão centra-se em mostrar que o francês LFV possui, em algumas construções, o padrão LFS. A sua abordagem teórica se situa na interface da gramática-tipológica funcional e gramática cognitiva. No referido capítulo, a autora apresenta o padrão tipológico do polonês LFS, mostrando o rico sistema prefixal dessa língua e o padrão tipológico do francês LFV. Segundo a autora:

Sem entrar nos detalhes de uma análise diacrônica, tentaremos no final desta terceira parte fornecer algumas respostas sobre a evolução do sistema prefixal francês, suscetíveis de explicar a co-existência dessas duas estratégias tipológicas na língua contemporânea. (KOPECKA, 2004, p. 106,

---

<sup>94</sup> Estudo tipológico da expressão do espaço: localização e deslocamento em francês e polonês. (Tradução nossa).

tradução nossa).<sup>95</sup>

O seu *corpus* é constituído de verbos de deslocamento retirados de dicionários monolíngues polônês e francês e, sem entrar na diacronia, a autora tenta explicar a evolução do francês para o status de padrão LFV. Em primeiro lugar, a autora propõe a distinção de trajetória télica (ação a ser atingida e que cessará tão logo se a conclua) e trajetória atélica (ação que não tem um limite temporal bem definido), pois seria mais fácil a compreensão e caracterização de línguas em padrões tipológicos.

(46) [...] *they walked out of the chamber* [...] (*Harry Potter and Sorcerer's Stone*, p. 116).

[...] “todos saíram da sala [...]” (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 103).

(47) *I met him when I traveled around the world.* (*Harry Potter and Sorcerer's Stone*, p. 291).

“Conheci-o quando estava viajando pelo mundo” (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p.248).

Nesse sentido, a trajetória télica e trajetória atélica representam dois tipos de situação espacial distintas: o deslocamento com mudança de localização, como no exemplo (46), em que se nota, claramente, que o satélite *out* marca um TRAJETO em que a FIGURA se desloca “de dentro para fora”, ou seja, a ação se conclui; já no deslocamento sem mudança de localização, como no exemplo (47), nota-se que a preposição *around* não determina a direção do movimento, nem se a ação se conclui. Para o padrão LFV, temos os seguintes exemplos:

(48) [...] *Válter entrou derrapando pela sala* (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 45).

---

<sup>95</sup> O original é: Sem entrar nos detalhes de uma análise diacrônica, tentaremos no final desta terceira parte fornecer algumas respostas sobre a evolução do sistema prefixal francês, suscetíveis de explicar a co-existência dessas duas estratégias tipológicas na língua contemporânea.

(49) Harry *correu até* o dormitório às escuras. (op. cit., p. 233).

No exemplo (48), o verbo *entrar* é tipicamente télico, uma vez que o TRAJETO (deslocamento de fora para dentro) se concretiza; o MODO como ocorre esse deslocamento *derrapando* é descrito por um satélite de coevento. Chama a atenção, no exemplo (49), o fato de o verbo atélico *correr* se comportar como télico quando aparece junto da preposição *até*, que acaba por mostrar que o TRAJETO se conclui, fato comum em línguas do padrão LFS. Cesa (2013) faz uma descrição da palavra *até*, baseando-se nos estudos de Talmy <sup>96</sup>. Com esses exemplos, a autora começa a fazer um esboço de algumas particularidades comuns nas línguas para subsidiar a hipótese de que o francês possui um padrão tipológico híbrido.

Kopecka (2004) faz uma longa análise do padrão tipológico LFS do polonês. Como esse padrão já foi exposto, vamos nos ater aqui a apenas dois exemplos da autora, por nós traduzidos e adaptados.

(50)

a)	[N.NOM FIGURA	PREF– TRAJ.t <sup>97</sup>	VERBO MOV. + MOD.	PREP TRAJ.a	N.CAS] FUNDO
	Paweł Paulo	w– dentro	biegł correr	do em	szkoły escola

“Paulo correu para dentro da escola”

b)	[N.NOM FIGURA	PREF– TRAJ.t	VERBO MOV. + MOD.	PREP TRAJ.a <sup>98</sup>	N.CAS] FUNDO
	Paweł Paulo nom.	wy- fora	biegł correr	ze de	szkoły escola

“Paulo correu para fora da escola”

<sup>96</sup> Para mais detalhes sobre esse estudo, conferir (CESA, 2013).

<sup>97</sup> *t* corresponde a télico.

<sup>98</sup> *a* corresponde a atélico.

No exemplo (50a), podemos verificar que o prefixo *w-* marca o TRAJETO (de fora para dentro) no EM, e o verbo descreve o MODO do movimento *correr* (biegł). No exemplo (50b), o prefixo *wy-* marca o TRAJETO (de dentro para fora). Após essa demonstração do padrão tipológico do polonês, a autora discorre sobre a controversa discussão sobre prefixação, fato que não discutiremos neste trabalho, como já mencionado, e os diversos usos do prefixo na referida língua. Em seguida, a autora trata do fato de o francês ser, em suas palavras “*Le français comme langue à double stratégie typologique*”, uma língua com um duplo padrão tipológico. Acreditamos que, para rotular uma língua com um duplo padrão tipológico, se requerem muitos estudos, mas essa abordagem da autora, embora em nossa opinião, muito “ousada” por assim dizer, serve para nos ajudar a desvendar os resquícios do padrão LFS presentes no português. A autora dá os seguintes exemplos:

(51)

a) Pierre est *entrée* à la école *en courant*.

“Pedro entrou na escola correndo.”<sup>99</sup>

b) Pierre est *sorti* de l’école *en courant*.

“Pedro saiu da escola correndo.”<sup>100</sup>

Como podemos notar, os exemplos (51a-b) retirados de Kopecka (2004, p. 153, tradução nossa) são claramente um EM do padrão LFV, pois o verbo *entrer* (entrar), assim como no português, lexicaliza MOVIMENTO e trajetória na raiz verbal; o MODO do movimento *en courant* (correndo) é expresso por um gerúndio. Em contrapartida:

(52)

a) Jeanne a *acouru* à la bibliothèque.

“Jeane correu para a biblioteca.”

---

<sup>99</sup> Tradução nossa.

<sup>100</sup> Tradução nossa.

b) Jeanne est *retournée* à la bibliothèque.

“Jeane retornou à biblioteca.”

Já nos exemplos (52ab), temos o fato de alguns prefixos marcarem o TRAJETO, ou seja, trata-se de construções em que o TRAJETO não está lexicalizado no verbo, mas em outro elemento. Os verbos *courir* (correr) e *tourner* (virar) expressam o MODO do movimento na raiz verbal; o prefixo *ac-* indica que a meta do TRAJETO se concluiu, e o prefixo *re-* indica o retorno da FIGURA ao ponto de partida. Assim como fez com os prefixos no polonês, a autora faz um estudo dos prefixos franceses, a fim de provar que o francês possui os dois padrões tipológicos. A autora não faz um estudo diacrônico mais aprofundado, mas mostra que o francês medieval possuía muitas construções em que o prefixo marcava o TRAJETO ou MUDANÇA DE ESTADO.

Os autores Iacobini e Fagard (2011), no artigo *A diachronic approach to variation and change in the typology of motion event expression A case study: From Latin to Romance*<sup>101</sup>, adotando uma abordagem diacrônica, propõem verificar se é possível descrever como ocorre a mudança de um padrão tipológico a outro, a partir de uma perspectiva variacionista. Segundo os autores, muitos estudos são feitos com o intuito de melhorar a tipologia, mas estudos que propõem discutir as razões da mudança de uma tipologia ou integração de tipologias são as menos estudadas. É nesse âmbito de dar conta das razões de mudanças na tipologia que os autores pretendem trabalhar. Segundo Hickmann e Robert (2006, p. 5) *apud* Iacobini e Fagard (2011, p. 152, tradução nossa):

Alterações na expressão de evento de movimento não são abruptas, mas desdobraram-se em vários estágios ao longo dos séculos, além disso, a hibridização dentro de idiomas em determinados pontos no tempo mostra que a variabilidade interna da língua corresponde à variabilidade mais geral que pode ser observada através das línguas. Ou seja, durante o decurso da sua história, uma

---

<sup>101</sup> Uma abordagem diacrônica para variação e mudança na tipologia de expressão evento de movimento. Um estudo de caso: Do latim ao romance. (Tradução nossa)

dada língua evolui a partir de um tipo de sistema diferente do que se encontra em outras línguas.<sup>102</sup>

Desse ponto de vista, os autores acreditam que as classificações tipológicas se aplicam a padrões linguísticos ou a tipos de eventos complexos individuais dentro de uma língua e não na língua como um todo, como defendem Croft et al. (2010). Desse modo, os autores afirmam que, por meio do estudo diacrônico na codificação do EM, podem avaliar melhor as tendências que podem surgir a partir de variações sincrônicas observadas nas línguas, identificando escalas implicacionais ou possíveis fases dessas mudanças.

Para Iacobini e Fagard (2011), várias linhas de pesquisa podem explicar a mudança de um padrão tipológico a outro. Uma dessas linhas centra-se no chamado peso cognitivo (facilidade de processamento) que, segundo os autores, tem a ver com a facilidade de identificar um dado padrão em relação às características fornecidas pelas línguas, propostas por Slobin (2008), ou pela linha de pesquisa que propõe que as línguas disponibilizam recursos diferentes para a codificação de EM. Dentre os pesquisadores dessa linha, destacam-se Filipovič (2007), Skopeteas (2008), Stolova (2008), Xu (2008), Iacobini (2009) Kopecka (2009a) etc.

No decorrer do texto, Iacobini e Fagard (2011 p. 157) questionam a causa da mudança do padrão tipológico LFS do latim para o padrão LFV nas línguas românicas. Para isso apresentam os seguintes exemplos:

(53)<sup>103</sup>

- |    |              |            |                      |
|----|--------------|------------|----------------------|
| a) | Iuli-a       | flumen     | tra-nat-at.          |
|    | Julia N. SG. | Rio ABL.SG | Atravessou-nadar-3SG |

---

<sup>102</sup> O original é: Changes in the expression of motion event are not abrupt, but **unfolded in several stages over centuries**, moreover the hybridization within languages at given points in time shows that language-internal variability corresponds to more general variability that can be observed across languages. That is, **during the course of its history, a given language evolves from one type of system into a different type that is found in other languages.** (grifos dos autores).

<sup>103</sup> Tradução e adaptação nossa.

- b) Júlia *atravessou* o rio a nado.
- c) Júlia *atravessou* o rio nadando.
- d) Júlia *atravessou* o rio.

Podemos notar uma clara diferença na codificação do EM em latim e em português. Na língua latina, o prefixo *tra-* significa: além, atravessar, passar, etc., e o verbo *natō* significa nadar. Nessa tipologia, o prefixo é um satélite que indica o TRAJETO, enquanto o verbo indica o MOVIMENTO e MODO. Já em português, o verbo indica o MOVIMENTO e TRAJETO, deixando o MODO ser expresso por um gerúndio ou particípio. O autor chama a atenção para o fato de que na passagem do latim para o português houve um impacto na codificação do EM: a construção latina prefixo + verbo se lexicaliza em português, causando uma mudança semântica em que a expressão do MODO é progressivamente perdida, a mudança de lexicalização progressiva do prevérbio<sup>104</sup>. Para os autores, a construção prefixo + verbo foi parcialmente substituída por lexemas que amalgamam o componente TRAJETO na raiz do verbo. Essa mudança foi um processo complexo alcançado de várias maneiras com diferenças entre as línguas românicas.

Segundo os autores, outras inovações ocorreram com o surgimento de verbos com TRAJETO específico com o significado de *ir para cima*, *ir para baixo*, *ir para frente* etc. que são inovações do latim tardio, como, por exemplo, *avançar* do português que vem do latim *abantiare*, significando fazer andar, ir para frente etc. No dizer dos autores, várias pesquisas indicam que esse processo foi gradual.

A grande inovação na transição do latim para o Romance – na medida em que se refere à expressão de movimento – é (ou está na) a indisponibilidade de construções "simples" expressando modo no verbo principal na representação de eventos que atravessam os limites. O uso de verbos de modo de movimento no romance é geralmente restrito a eventos com

---

<sup>104</sup> No sentido de Haverling (2003).

meta definida [...]. (IACOBINI E FAGARD, 2011, p. 160, tradução nossa).<sup>105</sup>

Esses autores são partidários de que, para compreender a dinâmica da mudança de um padrão tipológico a outro, é preciso investigar as relações entre um evento específico e construções preferenciais, a fim de identificar as características que melhor contribuem para definir um tipo e encontrar quais fenômenos indicam o surgimento da variação. Os autores partilham da proposta de Iraide Ibarretxe Antuñano (2009), presente no artigo *Path Salience in Motion Events*. No referido texto, a autora apresenta dados de 24 línguas, afirmando que diferentes fatores contribuem para a descrição do TRAJETO. Em seus estudos, a autora explica que, apesar de as línguas fazerem parte de um determinado padrão, há diferenças intratipológicas entre elas, por exemplo, o português e o japonês são línguas do padrão LFV, no entanto, a maneira como cada língua descreve este componente semântico pode ser com mais detalhe em uma língua do que em outra. Nesse sentido, a autora defende que há uma relação entre saliência no TRAJETO e as características estruturais, discursivas e tipológicas de cada língua, como o espaço e léxico de movimento, a ordem das palavras, omissão verbal, a redundância, a oralidade da linguagem e cultura. A autora ainda assevera que:

(i) esta é uma lista aberta, ou seja, mais fatores serão incluídos numa pesquisa futura, (ii) nem todos os fatores devem estar presentes ao mesmo tempo em uma dada língua, e (iii) nem todos os idiomas devem ter o mesmo número ou tipo de fatores que devem ser classificadas como alta ou baixa saliência no trajeto. (tradução nossa)<sup>106</sup>

---

<sup>105</sup> O original é: A major innovation in the transition from Latin to Romance – as far as motion expression is concerned – is the unavailability of “simple” constructions expressing manner in the main verb in the representation of boundary-crossing events. The use of manner of motion verbs in Romance is generally restricted to goal-oriented events [...].

<sup>106</sup> O original é: (i) this is an open list, that is, more factors will be included in future research, (ii) not all factors must be present at once in a given language, and (iii) not all languages should have the same number or type of factors to be classified as high- or low-path-salient.



Ibarretxe Antuñane sugere que é mais útil classificar as línguas em *cline of semantic component saliency* (inclinação no componente semântico de saliência) em vez de distribuir as línguas em categorias tipológicas. A autora apresenta o esboço de alguns fatores que contribuem para a diferença tipológica nas línguas: diferentes dispositivos linguísticos que as línguas fornecem para a codificação dos diferentes aspectos do MOVIMENTO.

Línguas com alta saliência no TRAJETO têm ricos recursos lexicais e morfológicos, como o basco, por exemplo. O segundo fator tem a ver com a ordem das palavras.

Línguas com verbos finais são mais propensas a ter a saliência alta no TRAJETO do que línguas com verbos iniciais. Disso decorrem, segundo a autora, consequências semântico-pragmáticas claras: em línguas com verbos finais, os complementos fornecem todas as informações necessárias sobre o EM e, em línguas com verbos iniciais, o elemento que fornece informações sobre o TRAJETO é o próprio verbo, tornando os complementos desnecessários, já que a informação relevante sobre o caminho está previsto pelo verbo.

O terceiro fator diz respeito à omissão de verbos: línguas com alta saliência no TRAJETO são mais propensas a permitir essas omissões do que línguas com baixa saliência no TRAJETO, em que o verbo é transportador de todas as informações semânticas necessárias para a descrição do EM.

O quarto fator refere-se à existência de verbos auxiliares: a carga semântica desses verbos é geralmente fraca ou muito geral e, quando acompanhada por um complemento do TRAJETO, eles são utilizados para a descrição de eventos de movimento.

Por fim, há os fatores culturais que podem exercer influência significativa sobre a descrição e percepção em domínios específicos da experiência, ou seja, valores culturais estão diretamente ligados à forma como o espaço e o MOVIMENTO são descritos.

A autora conclui afirmando que, independente da classificação tipológica, as línguas podem ser classificadas dependendo da presença do grau de saliência no TRAJETO. Isso significa que o EM em cada língua pode ser explicado por fatores linguísticos, discursivos e culturais, e a classificação tipológica das línguas tem que levar em conta não só como os componentes semânticos se fundem em uma dada língua, mas também o grau de elaboração destes componentes semânticos.

De fato, podemos notar que mesmo pertencentes a um padrão tipológico comum, as línguas diferem na codificação do EM. De acordo com Kopecka (2004), no curso de evolução do francês, resquícios do padrão tipológico latino fazem que essa língua tenha um padrão tipológico híbrido. Iacobini e Fagard (2011) discutem como se deu a mudança de um padrão tipológico a outro e afirmam que várias linhas de pesquisas podem responder essa questão. Ibarretxe Antuñano (2009), ao analisar as relações intratipológicas nas línguas, acaba por mostrar que a mudança de um padrão a outro, de fato, foi alcançada de diversas formas pelas línguas românicas.

A próxima seção será dedicada à análise e pretendemos mostrar as diferenças e semelhanças no padrão tipológico das línguas investigadas.

## 4 ANÁLISE DO PADRÃO TIPOLÓGICO: CRUZANDO FRONTEIRAS

Este capítulo será dedicado à análise do padrão tipológico do português em algumas ocorrências, nas quais se configura como um padrão tipológico diferente. No decorrer desta dissertação, apresentamos vários exemplos cuja finalidade era mostrar o padrão tipológico das línguas. Por esse motivo, neste capítulo vamos nos ater à análise de exemplos em português retirados de jornais *online*, ainda que, para efeito de comparação, possamos analisar, também, alguns exemplos em latim retirados do *corpus Harrius Potter et philosophi lapis*. Notadamente, os exemplos expostos na dissertação mostravam a disposição dos domínios semânticos FIGURA, MOVIMENTO, TRAJETO, MODO/CAUSA E FUNDO em cada um dos padrões tipológicos. Daqui em diante, além de mostrar a disposição desses domínios, o nosso objetivo é comparar os padrões tipológicos e encaixar cada um destes exemplos em sua tipologia LFV e LFS. Para isso, começaremos com o principal objeto de pesquisa deste trabalho, o português, analisando construções em que existam verbos de movimentos formados com os prefixos escolhidos para esse estudo; em seguida remeteremos aos exemplos das versões em latim para análise, a fim de comparar padrões distintos. Buscaremos exemplos que podem, de alguma forma, pôr a tipologia talmyana em questão para tentar verificar se procede a nossa hipótese de que os prefixos latinos poderiam ser considerados satélites, tornando o português, também, uma língua de tipologia híbrida.

Para desenvolver a análise, utilizaremos a metodologia apresentada na seção 1.2, em que propusemos dividir o método de análise em três passos: no primeiro passo, vamos inserir os exemplos escolhidos na configuração do seu padrão tipológico, com base nos conceitos e esquemas do macroevento e integração de evento. Nesse estágio, figuras, quadros ou quadros ajudarão a circunscrever as ocorrências nos padrões LFV ou LFS. No segundo passo, utilizaremos os componentes do TRAJETO – vetor, configuração e dêitico – e a fórmula proposta por Berthele (2004), a fim de atestar cada um dos exemplos em padrões tipológicos. Acreditamos que esses dois passos são suficientes para inserir cada exemplo em seu padrão tipológico ou revelar quando uma língua cruza a fronteira do seu padrão prototípico. Para concluir cada exemplo analisado, o passo três vai revelar se os

prefixos presentes nas sentenças são, de fato, satélites ou não, de acordo com as definições talmyanas.

#### 4.1 O PREFIXO *CIRCUM* COMO HERANÇA

O prefixo latino *circum* é relativamente produtivo em latim, visto que vários verbos utilizam-se dele para especificar o MOVIMENTO. Em português, esse prefixo não é tão produtivo, mas algumas ocorrências mostram que o seu sentido é forte no que se refere a especificar a direção do MOVIMENTO.

circuitar	circunvagar
circular	circungirar
circum-murar	circunvalar
circuncidar	circunvizinhar
circundar	circunavegar
circunscrever	

(54) Em um apartamento no Brás, no dia 4 de julho, ele *circuncidou* Rhanni Samir Asad Ghani, 1, neto de imigrantes palestinos. (FSP – 16/07/1995).

Analisando o exemplo (54), vamos demonstrar, segundo os pressupostos de Talmy (2000b), como o EM nessa sentença pode caracterizar o português com o padrão LFV. Aplicaremos, então, o primeiro passo para a análise.

Quadro 12: estrutura do *framing event* - exemplo (54)

Uma FIGURA	Objeto não explicitado
Um FUNDO	Glande de Rhanni Samir Asad Ghani, 1
Um processo de ativação	MOVIMENTO expresso pelo verbo <i>circuncidar</i>
Uma função de associação	TRAJETO expresso pelo verbo <i>circuncidar</i>

O quadro (12), baseado no *quadro 2: a estrutura conceptual do framing event* (cf. seção 2.1.3.2), tem por objetivo apresentar os domínios semânticos, os participantes do EM e as especificações dos domínios e dos participantes da cena. É evidente que na língua portuguesa nem todos os participantes precisam aparecer na superfície da sentença para um falante da língua compreender a cena. Em relação à FIGURA, está claro que se trata de um objeto, provavelmente um bisturi, que desempenha o TRAJETO. O verbo *circuncidar* representa um processo de ativação correspondente ao fator de dinamismo do evento. Essa ação nos dá as seguintes informações: a realização depende de um objeto cortante (FIGURA) que se realiza na *glande* ou *clitóris* (FUNDO). Vale ressaltar que no local *apartamento no Brás* ocorreu o MOVIMENTO, mas o ponto de referência para o qual a FIGURA se desloca é a glande e não o apartamento. A função de associação é estabelecida pelo TRAJETO do movimento numa relação particular com a entidade FUNDO. Em seguida, apresentamos um quadro que representa o mapeamento sintático do macroevento, baseado no *quadro 4: o mapeamento sintático do macroevento nas linguas LFV* (cf. seção 2.1.3.2).

Quadro 13: mapeamento sintático do macroevento em LFV - exemplo (54)

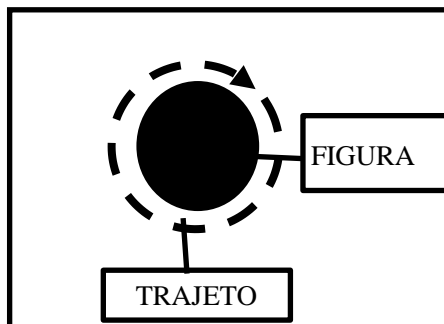
Evento principal	<i>Circuncidar</i>
Evento subordinado	Não se aplica
Ativação	MOVIMENTO
Associação	TRAJETO

Analisando o quadro (13), aplicada ao exemplo (54), podemos verificar que o evento principal (*framing event*) em LFV está no verbo, o evento subordinado não está explicitado, a ativação é o MOVIMENTO e a associação é o TRAJETO.

O verbo *circuncidar* não é um verbo recorrente em língua portuguesa, portanto, não pode ser considerado produtivo. É usado com mais frequência nos círculos religiosos e nos ambientes médicos. Segundo Romanelli, (1964, p.39) é um composto verbal justaposto, ou seja, apresenta o prefixo *circum* + o verbo *caedo*. Em relação ao prefixo *circum*, todos os autores expostos neste trabalho concordam que o sentido básico é *movimento circular*. O verbo latino *caedo* significa *cortar*. O verbo latino complexo *circumcidō* pode ser entendido como

formado por um prefixo *circum* e um verbo *caedo*. Vale ressaltar que, nesse verbo, a noção de corte e a de *circum* não são mais perceptíveis pelo falante.

Figura 6: TRAJETO *circular*



Fonte: Elaboração do autor.

A figura (6) tem por objetivo ilustrar o TRAJETO em que a direção é em círculo. Esse TRAJETO é fornecido pelos domínios semânticos MOVIMENTO + TRAJETO que são lexicalizados em português no verbo. O padrão tipológico no exemplo (54) condiz com a teoria de Talmy de que nas línguas neolatinas o TRAJETO é dado pelo verbo. Aplicaremos, agora, o segundo passo da análise – os componentes do TRAJETO.

Quadro 14: componentes do TRAJETO - exemplo (54)

Vetor	Chegada	Uma particularidade dos verbos formados com o prefixo <i>circum</i> reside no fato de alguns apresentarem os três tipos básicos de vetor.
	Passagem	
	Partida	
Configuração	Geometria de um FUNDO	Orientação circular – glande

Dêítico	Em direção ao falante	Não se aplica
	Em outra direção	Não se aplica

Com base no quadro acima, podemos notar que o vetor, no TRAJETO em que a orientação é circular, possui os três subcomponentes: chegada, passagem e partida. Quando o TRAJETO é circular, temos a partida de um determinado ponto, a passagem e o retorno ao ponto inicial. A configuração do FUNDO se associa à orientação do TRAJETO, ou seja, nesse caso é uma forma geométrica circular. O componente dêítico não se aplica nesse exemplo. O passo três, a seguir conclui a análise desse exemplo.

Quadro 15: atração gravitacional – exemplo: 54

<i>circun *cidar</i>
----------------------

O verbo *circuncidar* em português não pode ser segmentado em um prefixo *circum* e um verbo *\*cidar*. Esse verbo é formado pelo prefixo *circum* e pela raiz *caed* que evoluiu para *cid* através da evolução do ditongo interior, tornando-se *circuncidar* em português. No curso da evolução, esse prefixo se lexicalizou, portanto não pode ser considerado satélite em português. 1° por não ser um prefixo separável de um verbo<sup>107</sup>. 2° por não estar em uma relação de irmã para um núcleo, mas amalgamado ao núcleo.

- (55) "Na Union Square, a polícia nos *circundou* e fez prisões em massa." (ESP – 26/09/2011).  
<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,indignados-de-ny-fazem-protesto,777590,0.htm>

<sup>107</sup> Quando me refiro a prefixo separável, quero dizer que se não podemos segmentar o verbo em prefixo e verbo, provavelmente ele possui um prefixo mais uma raiz verbal latina e não uma raiz verbal portuguesa.

Quadro 16: estrutura do *framing event* - exemplo (55)

Uma FIGURA	Polícia
Um FUNDO	Pronome oblíquo – <i>nos</i>
Um processo de ativação	MOVIMENTO expresso pelo verbo <i>circundar</i>
Uma função de associação	TRAJETO expresso pelo verbo <i>circundar</i>

Nesse exemplo, temos explicitados a FIGURA (polícia), o FUNDO, representado pelo pronome oblíquo – *nos*, o processo de ativação e a função de associação representados pelo verbo *circundar*.

Nota-se que o verbo se encaixa na teoria talmyana no sentido de que o verbo lexicaliza o MOVIMENTO e o TRAJETO. Nesse EM, a FIGURA polícia é a entidade que se movimenta em determinada direção, nesse caso, circulando um grupo de pessoas (*nos*) que é o ponto de referência para o objeto em movimento. Novamente aqui não é o local, *Union Square*, o FUNDO, pois não serve de ponto de referência para a FIGURA que se movimenta.

Quadro 17: mapeamento sintático do macroevento em LFV - exemplo (55)

Evento principal	<i>Circundar</i>
Evento subordinado	Não se aplica
Ativação	MOVIMENTO
Associação	TRAJETO

No exemplo (55) o evento principal também está representado pelo verbo *circundar*, o evento subordinado não se aplica a esse exemplo, a ativação é feita pelo MOVIMENTO e a associação é feita pelo TRAJETO. Cabe, agora, aplicar os componentes do TRAJETO.

Quadro 18: componentes do TRAJETO - exemplo (55)

Vetor	Chegada	Aqui, ocorre a mesma particularidade expressa no quadro (14): alguns verbos
	Passagem	
	Partida	



		formados com o prefixo <i>circum</i> apresentam os três tipos básicos de vetor
Configuração	Geometria de um FUNDO	Orientação circular – pessoas
Dêitico	Em direção ao falante	O pronome oblíquo <i>nos</i> pressupõe que o TRAJECTO ocorreu em direção ao falante
	Em outra direção	Não se aplica

A única diferença dos componentes do TRAJECTO em relação ao exemplo (54) é o fato de que aqui o componente dêitico está em direção ao falante, fato comprovado pelo pronome oblíquo *nos*.

Quadro 19: atração gravitacional – exemplo (55)

<i>Circum</i> → <i>dar</i>
----------------------------

No quadro (19), temos o prefixo *circum* e o verbo *dar* originado do verbo latino *dō*, com o significado básico de *oferecer*. Em português significa *ceder*. Chama a atenção o fato de que, embora possamos separar esse prefixo e o verbo, cada um com significado completo, a junção desse prefixo ao verbo muda o significado do verbo. O verbo *circundar* significa *cercar*, *cingir*, *rodear*, etc. Em latim, o verbo *dō* significa, basicamente, *oferecer*, *apresentar*, *entregar*, *ceder*, etc., mas a forma composta *circundō* tem os sentidos básicos de *pôr em volta*, *dispor em volta*, e os sentidos de *rodear*, *cercar*, etc. Aparentemente, em português, há no verbo *circundar* um esvaziamento semântico do verbo *dar*. Vale ressaltar que, nos critérios de Pittman (1948, cf. 2.2.1), os quatro primeiros (independência, tamanho da classe, versatilidade e endocentricidade) são suficientes para classificar *circum* como satélite e o verbo *dar* como núcleo. Na definição de Talmy, satélite é um

elemento que se junta ao verbo mudando o seu conteúdo semântico. A combinação do prefixo *circum* + *dar* é, semanticamente, atualizado em *cercar*, *rodear* etc. Mas será que esse fenômeno dá a esse prefixo o status de satélite? No primeiro critério de Pittman, independência, *dar* é considerado central, pois ocorre sozinho, e *circum* é lateral, pois não ocorre sozinho. Nesse sentido, seria satélite do núcleo *dar*. No entanto, *circundar* é lexicalizado em português, ou seja, essa palavra foi formada mediante o agrupamento de propriedades cognitivas que, concentradas, resultou na forma *circundar*. Vejamos o exemplo em latim.

(56) *Capita*<sup>108</sup> *circumvolavit*<sup>109</sup> et tum irruit in Silvium, qui se supra eam iecit et in terra retinere poterat. (*Harrius Potter et philosophi lapis*, p. 136)<sup>110</sup>

“Ela *passou* *veloz* pela cabeça deles e, em seguida, atirou-se contra Olívio, que mergulhou sobre ela e conseguiu imobilizá-la no chão.” (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 147).

“it *zoomed* around their heads and then shot at Wood, who dived on top of it and managed to pin it to the ground.” (*Harry Potter and Sorcerer’s Stone*, p. 168).

Quadro 20: estrutura do *framing event* - exemplo (56)

Uma FIGURA	Não está explicitada, mas, pelo contexto da narrativa, trata-se de uma bola preta – <i>pila nigra</i>
Um FUNDO	<i>Capita</i> – cabeça. Acusativo plural
Um processo de ativação	MOVIMENTO expresso pelo verbo <i>volāre</i>
Uma função de associação	TRAJETO expresso pelo satélite <i>circum</i>

<sup>108</sup> *Capita* está no acusativo plural.

<sup>109</sup> 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito.

<sup>110</sup> Note-se que o nome *Silvium* em latim foi traduzido para *Olívio* para o português.

Nesse quadro, temos a disposição dos domínios semânticos no EM do padrão tipológico LFS. O exemplo latino apresenta uma configuração em que a FIGURA, embora não explicitada na sentença, pode ser identificada por meio do contexto como um *pila nigra* (bola preta), o FUNDO é a *capita* (cabeça), o processo de ativação é o verbo *volāre* (voar) que expressa MOVIMENTO e MODO, deixando a função de associação, o TRAJETO, ser expresso por um satélite, o prefixo *circum*.

Quadro 21: mapeamento sintático do macroevento em LFS - exemplo (56)

Evento principal	<i>Circum</i>
Evento subordinado	<i>Volāre</i>
Ativação	MOVIMENTO
Associação	TRAJETO

Nas línguas LFS, o evento principal não é expresso pelo verbo como nas línguas LFV, mas por um satélite do verbo que, aqui, é o prefixo *circum*. Nesse caso, o evento subordinado é expresso pelo verbo *volāre* que especifica o MOVIMENTO e o MODO do movimento. Então, seria algo como “passar voando em círculos rápidos” pelas cabeças, cuja ênfase é dada pelo *circum*, e não pelo *volāre*. A associação também é o TRAJETO.

Quadro 22: componentes do TRAJETO - exemplo (56)

Vetor	Chegada	Não se aplica
	Passagem	Embora o prefixo <i>circum</i> signifique <i>em volta de</i> ou <i>ao redor de</i> , nesse exemplo, a direção do movimento evolui, embora em círculos. Trata-se, portanto do vetor

		<i>passagem.</i>
	Partida	Mover-se <i>de fora para dentro.</i>
Configuração		Orientação circular – <i>capita</i> (cabeças)
Dêitico	Em direção ao falante	Não se aplica
	Em outra direção	Não se aplica

Quadro 23: atração gravitacional – exemplo (56)

<i>circum</i> → <i>volāre</i>
-------------------------------

O prefixo *circum* é um satélite, pois está em uma relação para o núcleo que é o verbo *volāre*; os três primeiros critérios de Pittman, independência, tamanho da classe e versatilidade, são suficientes para situar o prefixo em lateral e o verbo em central, sendo, respectivamente, satélite e núcleo.

Podemos concluir que, aplicando os três passos<sup>111</sup> propostos pela metodologia aqui aplicada, foi possível situar cada exemplo em sua tipologia correspondente. O exemplo (54) analisado mostra que no EM ao ser inserido no quadro teórico de macroevento, integração de evento e componentes do TRAJETO de Talmy (2000b) fazem parte do padrão tipológico LFV. O passo (3) conclui que a sentença pertence ao padrão LFV, ao mostrar que o prefixo não pode ser considerado satélite naquele caso. O exemplo (55) possui a particularidade de ser possível segmentar o verbo em um prefixo e um verbo. Diferente, pois, do exemplo (54), em que a segmentação resulta em prefixo e uma raiz latina. Ao ser segmentada em verbo e prefixo e aplicados os critérios que caracterizam

---

<sup>111</sup> Lembrando que o primeiro passo consiste em inserir o exemplo na configuração do macroevento e integração de evento, o segundo passo utiliza os componentes do TRAJETO e a fórmula proposta por Berthele (2004) e o terceiro passo é a atração gravitacional com base em Pittman (1948).

esse prefixo como satélite, surge a dúvida pelo fato de o prefixo esvaziar o conteúdo semântico do verbo. Mas o verbo da sentença (55) está lexicalizado, o que faz com que o prefixo não seja, de fato, satélite. Os exemplos seguintes, no entanto, servirão para mostrar outro ângulo do padrão tipológico talmyano.

- (57) A sonda Ulysses, uma colaboração entre Estados Unidos e Europa, será desligada hoje, concluindo uma missão que dura quase 19 anos, período em que *circunavegou* três vezes as regiões polares do Sol, segundo a Nasa.  
<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,missao-de-19-anos-de-sonda-solar-termina,395183,0.htm>

Aplicaremos os passos (1) e (2) no exemplo (57), com a finalidade de verificar o comportamento dessa sentença em relação aos pressupostos do padrão tipológico.

Quadro 24: estrutura do *framing event* - exemplo (57)

Uma FIGURA	A sonda Ulysses
Um FUNDO	Regiões polares do sol
Um processo de ativação	MOVIMENTO expresso pelo verbo <i>navegar</i>
Uma função de associação	TRAJETO expresso pelo satélite <i>circum</i>

Nesse quadro, podemos visualizar claramente que a sentença (57) em português, aplicada ao passo (1) que apresenta a estrutura do *framing event*, comporta-se como a sentença latina (56). Temos uma FIGURA (a sonda Ulysses), um FUNDO (regiões polares do sol), um processo de ativação (MOVIMENTO expresso pelo verbo *navegar*) e uma função de associação (TRAJETO expresso pelo satélite *circum*). Aplicaremos agora o mapeamento sintático do macroevento para confirmar o passo (1).

Quadro 25: mapeamento sintático do macroevento em LFS - exemplo (57)

Evento principal	<i>Circum</i>
Evento subordinado	<i>Navegar</i>
Ativação	MOVIMENTO
Associação	TRAJETO

Baseando-nos no quadro acima, podemos verificar que o que está em questão não é o evento subordinado, ou seja, não está em foco se a sonda Ulysses navegou, mas o TRAJETO realizado pela sonda nas regiões polares do sol. Essa informação nos é dada não pelo verbo *navegar*, mas pelo prefixo *circum*, que é um legítimo satélite, nas definições de Talmy. Aplicaremos, agora, o segundo passo.

Quadro 26: componentes do TRAJETO - exemplo (57)

Vetor	Chegada	A mesma particularidade já explicitada é o fato de que alguns verbos formados com o prefixo <i>circum</i> apresentar os três tipos básicos de vetor
	Passagem	
	Partida	
Configuração	Geometria de um FUNDO	Orientação circular – regiões polares do sol
Dêitico	Em direção ao falante	Não se aplica
	Em outra direção	Não se aplica

Podemos observar até aqui que na sentença (57) o EM com o verbo complexo *circunavegar* se comporta da mesma forma que algumas construções do EM do latim. O *framing event* não está no verbo, como é natural no padrão LFV, mas no satélite do verbo, como no padrão LFS. Aqui, sim. É diferente do movimento em (56), quanto a Chegada-passagem-partida. Aqui a circularidade está bem definida,

enquanto em (56) a circularidade, em razão do verbo “voar”, adquire uma progressão, digamos, “para frente”, embora em círculo. O passo três será aplicado para concluir se há satélite nessa sentença.

Quadro 27 – atração gravitacional: exemplo (57)

<i>circum</i> → <i>navegar</i>
--------------------------------

O quadro (27) mostra que o prefixo *circum* funciona como satélite para o núcleo *navegar*. Notamos que esse verbo se assemelha ao verbo latino *circumvolâre*, no sentido de que podemos segmentar o verbo em prefixo e verbo sem que haja lexicalização pelo fato de que a junção do prefixo especifica o TRAJETO do verbo.

- (58) Hal Roth, escritor que *circunavegou* o mundo por três vezes, morreu em Easton, Maryland (EUA) aos 81 anos.  
[http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,morreescritor\\_navegador-que-cruzou-o-mundo-tres-vezes,266353,0.htm](http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,morreescritor_navegador-que-cruzou-o-mundo-tres-vezes,266353,0.htm)

Quadro 28: estrutura do *framing event* - exemplo (58)

Uma FIGURA	Hal Roth
Um FUNDO	O mundo
Um processo de ativação	MOVIMENTO expresso pelo verbo <i>circunavegar</i>
Uma função de associação	TRAJETO expresso pelo satélite <i>circum</i>

A formação *circum* + verbo em português é muito pouco produtiva, como já afirmamos. Numa pesquisa rápida na internet, só encontramos alguns poucos casos. Dentre as poucas ocorrências, a que mais aparece é o verbo complexo *circunvegar*. O exemplo (58) mostra o mesmo comportamento, ou seja, desloca-se para outra tipologia. Não vamos reproduzir a segunda parte do passo (1), o passo (2), nem o passo

3, uma vez que as principais características do verbo *circunavegar* já foram explicitadas nos quadros (14-15).

Nos exemplos (57-58), podemos notar, pelos quadros de (13-16) em comparação com o quadro (10-12), que o português se comporta como o padrão LFS. Neste trabalho, nós sinalizamos algumas vezes que outras línguas possuem ocorrências em que o padrão central muda para um padrão tipológico diferente. Autores como Matsumoto (2003), Beavers et al. (2010) detectaram várias ocorrências desse tipo e propuseram uma reformulação da tipologia talmyana. Para tanto, apresentaram vários exemplos em que as línguas se comportam com um padrão diferente, principalmente pelo fato de o conceito de satélite, que é um dos principais fatores que separam as línguas nas tipologias LFV e LFS, ser, em seu ponto de vista, inadequado (cf. item 2.1.4 e 2.2.2). Como mencionado na introdução, neste trabalho, partilhamos dos pressupostos de Talmy em relação a essa polêmica e tomamos o conceito de satélite em sua acepção pura, ou seja, satélite é entendido como a categoria gramatical de qualquer constituinte que não seja um SN ou SP, que está em uma relação de irmã para com a raiz do verbo e se refere a ela como dependente de um núcleo: as partículas verbais do inglês, prefixos separáveis ou inseparáveis do alemão, prefixos verbais do latim e do russo e complemento verbal do chinês etc. Atentamos para a diferença do satélite formulado na acepção acima e satélite de coevento que é um elemento semântico, eventualmente, participante do EM e serve para especificar o MODO ou CAUSA do movimento. Interessam-nos, principalmente, os prefixos verbais latinos que o português herdou, pois demonstram que ainda há alguns resquícios do padrão LFS presentes no português.

#### 4.2 O PREFIXO *EX* COMO HERANÇA

Esse prefixo é mais frequente no português do que o prefixo *circum*. A herança deixada para o português é visível em alguns verbos em que o prefixo *ex* orienta a direção *de dentro para fora* ou MUDANÇA DE ESTADO.

evolver	expulsar	escapar
exaurir	expurgar	escarrar
excluir	extinguir	escoar
exonerar	extirpar	esconjurar



exorbitar	extraditar	escorraçar
expectorar	extrair	esgueirar
expelir	extraviar	espantar
exportar	exumar	espremer
exprimir	escamar	esvair
expropriar	escancarar	esvaziar

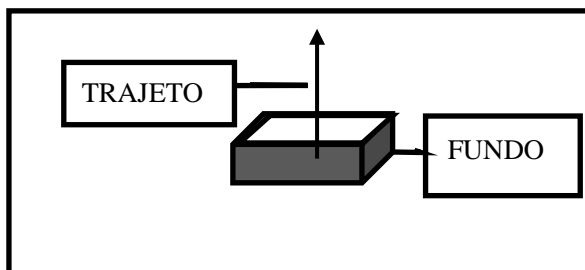
(59) A agência estatal Sana disse que o piloto *ejetou* do avião e que uma busca estava em andamento.  
<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,aviiao-de-caca-sirio-cai-no-leste-da-siria-diz-tv-estatal,915844,0.htm>

Quadro 29: estrutura do *framing event* - exemplo (59)

Uma FIGURA	O piloto
Um FUNDO	Avião
Um processo de ativação	MOVIMENTO expresso pelo verbo <i>ejetar</i>
Uma função de associação	TRAJETO expresso pelo verbo <i>ejetar</i>

No exemplo (59) temos os universais FIGURA e FUNDO e o processo de ativação e a função de associação representados pelo verbo *ejetar*. O verbo delinea o TRAJETO na orientação *de dentro para fora*. O MODO ou CAUSA do MOVIMENTO não estão explicitados.

Figura 7: TRAJETO *de dentro para fora*



Fonte: Elaboração do autor.

A figura (7) representa a orientação do TRAJETO, que aqui é *de dentro para fora*. Em português, o MOVIMENTO e o TRAJETO são lexicalizados no verbo; ao contrário de línguas como o latim e inglês, em que o MOVIMENTO está no verbo e o TRAJETO está num satélite do verbo.

Quadro 30: mapeamento sintático do macroevento em LFV - exemplo (59)

Evento principal	<i>Ejetar</i>
Evento subordinado	Não se aplica
Ativação	MOVIMENTO
Associação	TRAJETO

Nesse mapeamento, também podemos verificar que o evento principal está expresso no verbo *ejetar*, que lexicaliza MOVIMENTO e TRAJETO.

Quadro 31: componentes do TRAJETO - exemplo (59)

Vetor	Chegada	Não se aplica
	Passagem	Não se aplica
	Partida	Mover-se <i>de dentro para fora</i> . A preposição <i>de</i> codifica o vetor <i>partida</i>
Configuração		Orientação dentro para fora pressupõe, nesse caso, um recipiente
Dêitico	Em direção ao falante	Não se aplica
	Em outra direção	Não se aplica

Nesse exemplo, o subcomponente do vetor é a *partida*, pois o verbo *ejetar* indica uma orientação *mover-se de dentro para fora*. Esse verbo significa lançar para fora ou fazer sair; expelir, expulsar etc. Com essa orientação do TRAJETO e o FUNDO (avião), sabemos que a configuração geométrica é um recipiente. Podemos ampliar os componentes do TRAJETO, baseando-nos na proposta de Berthele (2004, p. 8, cf. seção 2.1.4.1) que propõe que codificações do TRAJETO na raiz verbal, considerando as preposições latinas, pertencem ao padrão LFV. Para Berthele (2004), então, ao verbo *ejetar* se aplica a fórmula:

$Ex = F$  se desloca para fora de  $G$

Onde *ex* é a preposição latina que corresponde à orientação *de dentro para fora*, *F* é a FIGURA que se desloca e *G* é FUNDO, o recipiente do qual a figura se desloca.

Quadro 32: atração gravitacional – exemplo (59)

*ex \*jetar*

A atração gravitacional do prefixo *ex* para um verbo inexistente em português *\*jetar* configura a seguinte cena: podemos especular que há uma lexicalização no prefixo *ex* e o verbo latino *jactāre* aportuguesado para a forma *\*jetar*, formando o verbo *ejetar*. Etimologicamente, *ejetar* é originário do verbo latino *ējēctāre*. Se há alguma atração gravitacional do prefixo *ex* em português não é para um núcleo *\*jetar*, que não existe. Conclui-se que o verbo *ejetar* está lexicalizado e que, portanto, o prefixo não é, nesse caso, um satélite.

(60) Doris Crockford manum cum Harrio novissime iunxit et Hagrid eos *per* cauponulam *eduxit* in aulam parvam et muretam ubi nihil erat nisi receptaculum sordium et nonnullae herbae steriles. (*Harrius Potter et philosophi lapis*, p. 56)

“Dóris Crockford apertou a mão de Harry uma última vez e eles passaram pelo bar e *saíram* num pequeno pátio murado, onde não havia nada exceto uma lata de lixo e um pouco de mato.” (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 62).

“Doris Crockford shook Harry’s hand one last time, and Hagrid *led* them through the bar and *out* into a small, walled courtyard, where there was nothing but a trash can and a few weeds.” (*Harry Potter and Sorcerer’s Stone*, p. 70).

Quadro 33: estrutura do *framing event* – exemplo (60)

Uma FIGURA	Hagrid, <i>Harrius</i>
Um FUNDO	Aula (pátio)
Um processo de ativação	MOVIMENTO expresso pelo verbo <i>dūcĕre</i>
Uma função de associação	TRAJETO expresso pelo satélite <i>ex</i>

No exemplo (61), as FIGURAS *Harrius* e *Hagrid* saem para um FUNDO *pátio*, mas é o agente *Hagrid* quem conduz a FIGURA *Harrius*. O processo de ativação é expresso pelo verbo *dūcĕre* (conduzir, levar, guiar), que lexicaliza MOVIMENTO e MODO, deixando a função de associação, o TRAJETO, ser expresso pelo satélite *ex*.

Quadro 34: mapeamento sintático do macroevento em LFS – exemplo (60)

Evento principal	<i>Ex</i>
Evento subordinado	<i>Dūcĕre</i>
Ativação	MOVIMENTO
Associação	TRAJETO

A sequência do passo (1) mostrado no quadro acima confirma que o evento principal é expresso pelo satélite *ex*. O evento subordinado é expresso pelo verbo *dūcĕre*, e a ativação e a associação são expressas pelo MOVIMENTO e TRAJETO, respectivamente.

Quadro 35: componentes do TRAJETO – exemplo (60)

Vetor	Chegada	Não se aplica
	Passagem	Não se aplica
	Partida	Mover-se <i>de dentro para fora</i>
Configuração		Orientação <i>de dentro para fora</i> indica, nesse caso, o recipiente <i>aula</i> (pátio)
Dêitico	Em direção ao falante	Não se aplica
	Em outra direção	Não se aplica

Aplicando a fórmula:

*Ex* = F se desloca para fora de G

A preposição latina *ex* orienta o TRAJETO no sentido de a FIGURA *Harrius* e *Hagrid* se deslocarem para fora de G, que é o FUNDO *cauponulam* (pequena taberna). Podemos notar que o EM na sentença (61) possui os vetores: passagem e partida. A preposição/prefixo *per* que significa *através de, por, por entre* e o prefixo *ex* que como já sabido indica direção *de dentro para fora*. Notadamente, essa sentença latina possui todos os requisitos do padrão LFS. O passo (3) conclui:

Quadro 36: atração gravitacional – exemplo (60)

*ex* → *dūcĕre*

Podemos verificar, claramente, que o prefixo *ex* especifica a direção do MOVIMENTO expresso pelo verbo *dũcẽre*. A atração gravitacional é evidente: de um constituinte lateral para um central.

- (61) Lyubomirsky, 46, nasceu em Moscou e *emigrou* aos nove anos para os EUA com os pais e o irmão, com ajuda da Sociedade Hebraica de Auxílio ao Imigrante.  
<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/04/1269687-pesquisadora-tenta-definir-o-conceito-defelicidade.shtml>

Quadro 37: estrutura do *framing event* – exemplo (61)

Uma FIGURA	Lyubomirsky
Um FUNDO	<i>Moscou</i>
Um processo de ativação	MOVIMENTO expresso pelo verbo <i>migrar</i>
Uma função de associação	TRAJETO expresso pelo satélite <i>ex</i>

Na estrutura do *framing event* temos a FIGURA *Lyubomirsky*, o FUNDO *Moscou*, o processo de ativação é representado pelo verbo *migrar* que, basicamente, significa *passar de uma região a outra*, e uma função de associação que é o TRAJETO *ex* expresso por meio de um satélite. Esse EM foge à tipologia prototípica do português, inserindo a sentença no padrão LFS.

Quadro 38: mapeamento sintático do macroevento em LFS – exemplo (61)

Evento principal	<i>Ex</i> na forma <i>e</i>
Evento subordinado	<i>Migrar</i>
Ativação	MOVIMENTO
Associação	TRAJETO

Seguindo a proposta de mapeamento sintático do macroevento, o evento principal é o satélite *ex*, o evento subordinado é o verbo *migrar*, a ativação é o MOVIMENTO e a associação é o TRAJETO.

Quadro 39: componentes do TRAJETO – exemplo (61)

Vetor	Chegada	Não se aplica
	Passagem	Não se aplica
	Partida	Mover-se <i>de dentro para fora</i>
Configuração		Orientação <i>de dentro para fora</i> pressupõe, nesse caso, um recipiente <i>Moscou</i>
Dêitico	Em direção ao falante	Não se aplica
	Em outra direção	Não se aplica

Aplicando a fórmula:

*Ex* = F se desloca para fora de G

A FIGURA *Lyubomirsky* se desloca para fora do FUNDO *Moscou* em direção aos EUA. O fato de a FIGURA se deslocar para os EUA não significa que os EUA são o FUNDO. O MOVIMENTO da FIGURA em relação a um ponto de referência é o FUNDO *Moscou* local de onde a FIGURA se desloca.

Quadro 40: atração gravitacional – exemplo (61)

<i>ex</i> → <i>migrar</i>
---------------------------

Na definição talmyana, satélite é aquele constituinte que está em uma relação de irmã para um verbo, dependendo dele como um núcleo. O prefixo *ex*, nesse caso, é um autêntico satélite por possuir essas

características. Os critérios de Pittman em relação à independência dos constituintes ou significado reforçam, ainda mais, essa constatação.

- (62) No mês passado a Rússia *expulsou* um funcionário da embaixada dos EUA em Moscou.  
<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/06/1296449-turquia-e-russia-reagem-com-furia-a-revelacoes-de-espionagem-no-g20.shtml>

Quadro 41: estrutura do *framing event* – exemplo (62)

Uma FIGURA	Funcionário da embaixada dos EUA
Um FUNDO	Moscou
Um processo de ativação	MOVIMENTO expresso pelo verbo <i>pulsar</i>
Uma função de associação	TRAJETO expresso pelo satélite <i>ex</i>

Nesse quadro, temos a seguinte configuração: a FIGURA é o *funcionário da embaixada dos EUA* que é expulso pelo agente *Rússia* de um FUNDO que é a embaixada americana em Moscou. O processo de ativação é expresso pelo verbo *pulsar*, a função de associação é expresso pelo prefixo *ex*.

Quadro 42: mapeamento sintático do macroevento em LFS – exemplo (62)

Evento principal	<i>Ex</i>
Evento subordinado	<i>Pulsar</i>
Ativação	MOVIMENTO
Associação	TRAJETO

O evento principal é expresso pelo prefixo *ex*, o evento subordinado é o verbo *pulsar*, a ativação é o MOVIMENTO e a associação é o TRAJETO.



Quadro 43: componentes do TRAJETO – exemplo (62)

Vetor	Chegada	Não se aplica
	Passagem	Não se aplica
	Partida	Mover-se <i>de dentro para fora</i> .
Configuração		Orientação dentro para fora pressupõe, nesse caso, o recipiente <i>Moscou</i>
Dêitico	Em direção ao falante	Não se aplica
	Em outra direção	Não se aplica

Aplicando a fórmula:

*Ex* = F se desloca para fora de G

O segundo passo aplicado à sentença (62) revela que o vetor é a orientação *de dentro para fora* codificado também pela preposição *da* (de + a) em *da embaixada dos EUA*. A fórmula especifica ainda mais a orientação do TRAJETO, uma vez que a preposição latina *ex* representa *de dentro para fora*, a FIGURA (o funcionário da embaixada) se desloca para fora do FUNDO, que é a embaixada dos EUA em Moscou.

Quadro 44: atração gravitacional – exemplo (62)

<i>ex</i> → <i>pulsar</i>
---------------------------

Nesse caso, temos um prefixo *ex* atraído para o núcleo, que é o verbo *pulsar*. O sentido do verbo *pulsar* é: impelir, impulsionar; latejar, palpar; arquejar. O verbo latino *pulsāre* significa: impelir, agitar, repelir; tocar, bater, ferir. Notamos que o prefixo *ex* especifica a direção do MOVIMENTO causado pela ação do verbo *pulsar*. Impelir e

impulsionar, por exemplo, não significam que a direção do MOVIMENTO seja *de dentro para fora*, mas a junção do prefixo *ex* ao verbo deixa clara a direção do TRAJETO. Essas características tornam esse prefixo um autêntico satélite, nas definições de Pittman e Talmy. Nesse sentido, é mais um exemplo em que o português desvia a sua tipologia.

- (63) A indústria brasileira *exportou* 777 mil toneladas de celulose em abril.

<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,exportacao-de-celulose-sobe-161-emabril,154895,0.htm>

Quadro 45: estrutura do *framing event* – exemplo (63)

Uma FIGURA	Celulose
Um FUNDO	Brasil
Um processo de ativação	MOVIMENTO expresso pelo verbo <i>portar</i>
Uma função de associação	TRAJETO expresso pelo satélite <i>ex</i>

Pode ocorrer alguma confusão na sentença (63) pelo fato de alguns considerarem a FIGURA como sendo a *indústria brasileira*. Mas relembando o esquema básico do EM, o objeto em situação estática ou em MOVIMENTO é a FIGURA. O objeto em movimento na sentença em questão é a celulose e não a indústria brasileira. Esse tipo de verbo faz parte daqueles que necessitam de um *agente* para a ação ser realizada. Embora Talmy (2000) fale de um tipo de agente que usa alguma parte do corpo ou um instrumento para movimentar a FIGURA, nesse caso a parte do corpo ou instrumento só são apreendidos metaforicamente. O FUNDO não está explicitado, mas sabemos tratar-se do Brasil pelo fato de o agente ser a *indústria brasileira*. O processo de ativação é expresso pelo verbo *portar* (levar, trazer, conduzir) e a função de associação é expressa pelo satélite *ex*.

Quadro 46: mapeamento sintático do macroevento em LFS – exemplo (63)

Evento principal	<i>Ex</i>
Evento subordinado	Verbo <i>portar</i>
Ativação	MOVIMENTO
Associação	TRAJETO

O satélite *ex* é o evento principal que orienta o TRAJETO como sendo *de dentro para fora*. O evento subordinado é o verbo *portar*, significando *levar, carregar, conduzir*. Vale ressaltar que o verbo latino *portare*, que originou o verbo português *portar*, significa, de acordo com os dicionários: *fazer passar, transportar, levar do porto*.

Quadro 47: componentes do TRAJETO – exemplo (63)

Vetor	Chegada	Não se aplica
	Passagem	Não se aplica
	Partida	Mover-se <i>de dentro para fora</i> .
Configuração		Orientação <i>de dentro para fora</i> pressupõe, nesse caso, um recipiente que só pode se tratar do Brasil, uma vez que o agente é a Indústria brasileira.
Dêitico	Em direção ao falante	Não se aplica
	Em outra direção	Não se aplica

Aplicando a fórmula:

*Ex* = F se desloca para fora de G

As FIGURAs são 777 mil toneladas de celulose que são deslocadas para fora do FUNDO *Brasil*.

Quadro 48: atração gravitacional – exemplo (63)

*ex* → *portar*

Aqui, se confirma mais um caso em que o prefixo se comporta como satélite. Temos um núcleo, o verbo *portar* que atrai o satélite *ex*, que especifica a direção do TRAJETO expresso pelo significado verbal.

(64) O papa Bento 16 *excomungou* Lei Shiyn, o novo bispo de Shantou, na China.

<http://search.folha.com.br/search?q=excomungou&site=online>

Quadro 49: estrutura do *framing event* – exemplo (64)

Uma FIGURA	Lei Shiyn
Um FUNDO	Propriedade = estado
Um processo de ativação	Transição do estado marcado pelo verbo <i>comungar</i>
Uma função de associação	MUDANÇA DE ESTADO expresso pelo satélite <i>ex</i>

A estrutura do *framing event* aplicada ao exemplo (64) nos dá a seguinte situação: temos uma FIGURA que é o bispo de Shantou, na China, o FUNDO é o estado da FIGURA, o processo de ativação é transição do estado e a função de associação é a MUDANÇA DE ESTADO, expresso pelo satélite *ex*. O verbo *comungar* significa receber o sacramento da eucaristia, ter as mesmas crenças religiosas, os mesmos princípios, participar, etc. Quando se acrescenta o prefixo *ex*, formando o verbo *excomungar*, ele toma outro sentido, que significa afastar da igreja, ou seja, o MOVIMENTO é mais metafórico, pois podemos interpretar como a transição de um estado (talvez de graça) ao estado

amaldiçoado, já que o verbo pode ser definido como “tornar maldito”, conforme consta em alguns dicionários.

Quadro 50: mapeamento sintático do macroevento em LFS – exemplo (64)

Evento principal	<i>Ex</i>
Evento subordinado	<i>Comungar</i>
Ativação	Transição
Associação	MUDANÇA DE ESTADO

O evento principal correspondente a MUDANÇA DE ESTADO é marcado pelo satélite *ex*, pois se trata do foco do evento. O evento subordinado ao evento principal é o verbo *comungar*, a ativação é a transição de um estado a outro e a associação é a MUDANÇA DE ESTADO. Vale lembrar que, para Talmy, a MUDANÇA DE ESTADO corresponde ao TRAJETO. Podemos fazer uma analogia como um movimento de um estado a outro. Nota-se que em relação à MUDANÇA DE ESTADO não há necessidade de aplicar o passo (2), mas aplicaremos o passo (3) para demonstrar que o prefixo é um satélite.

Quadro 51: atração gravitacional – exemplo (64)

<i>ex</i> → <i>comungar</i>
-----------------------------

Mesmo nesse exemplo, em que a questão não é de MOVIMENTO concreto, mas de um MOVIMENTO mais metafórico, os critérios de Pittman para definir um satélite, como independência ou significado, ou as definições de Talmy, como um constituinte que está em uma relação de irmã para o verbo, também se aplicam. O prefixo *ex* especifica metaforicamente o TRAJETO do verbo *comungar*.

No exemplo (59) temos uma confirmação do padrão tipológico LFV, pois o verbo *ejetar* se comporta no EM como o padrão central do português; os passos (1) e (2) aplicados a essa sentença ilustra claramente esse padrão do português. No exemplo (60) temos uma

sentença latina (LFS) que serve de comparação para os exemplos (61-63), em que podemos notar, por meio da aplicação dos passos (1), (2) e (3) que o EM se comporta diferentemente do padrão central do português, pois possui as mesmas propriedades do padrão LFS, ou seja, o evento principal é expresso por um satélite verbal, condição comum nesse tipo de padrão. É, portanto, mais um caso exemplar de que, em algumas ocorrências, o EM em português cruza a fronteira do seu padrão. Na sentença (64), temos mais um exemplo que confirma a mudança de padrão do português LFV para o padrão LFS. O verbo *comungar*, significando *receber o sacramento da eucaristia, ter as mesmas crenças, fazer parte* etc. toma o sentido diferente quando ligado ao prefixo *ex*, passando a significar *amaldiçoado, tornar maldito* etc. Corresponde a MUDANÇA DE ESTADO com as mesmas características do padrão LFS.

#### 4.3 O PREFIXO *IN* COMO HERANÇA

Assim como o prefixo *ex*, o prefixo *in* forma diversos verbos em português, sendo muito produtivo em casos em que envolvam deslocamento *de fora para dentro*. Não serão abordados, neste estudo, casos em que esse prefixo possui o sentido de privação ou negação.

Imergir	injetar	embrulhar
Imigrar	inseminar	empacotar
Impelir	inserir	empaiolar
Implodir	inspirar	empalhar
importar	insuflar	encaixotar
inalar	inundar	encestar
incorporar	invadir	enferrujar
infiltrar	embarcar	engarrifar
inflar	embainhar	engavetar
ingerir	embolsar	enjaular

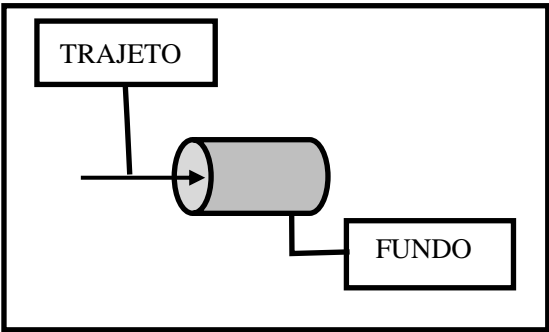
- (65) Ele *inseriu* na paciente um cateter por um vaso sanguíneo da virilha até o coração e *injetou* tinta nas artérias coronárias para torná-las visíveis no raio-X.  
<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/05/1284>

Quadro 52: estrutura do *framing event* – exemplo (65)

Uma FIGURA	Cateter, tinta
Um FUNDO	Vaso sanguíneo
Um processo de ativação	MOVIMENTO expresso pelos verbos <i>inserir</i> e <i>injetar</i>
Uma função de associação	TRAJETO expresso pelos verbos <i>inserir</i> e <i>injetar</i>

A sentença (65) possui dois verbos que nos dão a ideia de um TRAJETO cuja orientação é *de fora para dentro*. O verbo *inserir* significa cravar, introduzir, intercalar etc., e o verbo *injetar* é o antônimo do verbo analisado *ejetar*, cujo prefixo *ex* orienta a direção *de dentro para fora*. Em *injetar*, temos a ação de introduzir na cavidade do corpo, nos músculos etc., configurando um movimento *de fora para dentro*.

Figura 8: TRAJETO *de fora para dentro*



Fonte: Elaboração do autor.

A figura (8) representa a orientação do TRAJETO, ou seja, *de fora para dentro*. Como já mencionado diversas vezes, em português, o MOVIMENTO e o TRAJETO são lexicalizados no verbo. Temos um FUNDO que é o recipiente para o qual a FIGURA se desloca. Vale ressaltar que o prefixo *in* latino corresponde à partícula verbal *in* em inglês, cuja orientação do TRAJETO também é *de fora para dentro*.

(65) Quadro 53: mapeamento sintático do macroevento em LFV – exemplo

Evento principal	<i>Inserir, injetar</i>
Evento subordinado	Não se aplica
Ativação	MOVIMENTO
Associação	TRAJETO

O mapeamento sintático do macroevento no quadro 35 confirma que no padrão LFV o evento principal é dado pelo verbo.

Quadro 54: componentes do TRAJETO – exemplo (65)

Vetor	Chegada	Mover-se <i>de fora para dentro</i> .
	Passagem	Não se aplica
	Partida	Não se aplica
Configuração		Orientação <i>de fora para dentro</i> pressupõe, nesse caso, um deslocamento até recipiente
Dêitico	Em direção ao falante	Não se aplica
	Em outra direção	Não se aplica

*In* = F se desloca para dentro de G.

Aplicando a fórmula temos: *in* é a preposição latina correspondente à orientação *de fora para dentro*, F é a FIGURA que se desloca e G é o FUNDO, o recipiente para qual a FIGURA se desloca. As FIGURAS são o *cateter* e a *tinta* introduzidas no FUNDO que são os *vasos sanguíneos* e *artérias coronárias*. O vetor é a *chegada* expressa no verbo que significa se deslocar *de fora para dentro* de um lugar.



Quadro 55: atração gravitacional – exemplo (65)

*in \*jetar*

O exemplo (59) serve de base para esse exemplo. Não podemos considerar o prefixo *in* nesse caso como um satélite, pois, segundo os critérios de Pittman, não há um constituinte que possa ser rotulado de central, como um verbo, por exemplo. Segundo as definições de Talmy, para ser satélite, o constituinte tem que estar em uma relação de irmã para o verbo. Nesse caso não há verbo. O verbo *injetar* é originário do verbo latino *injēctāre*, mas em português não temos um verbo *\*jetar*, como temos *jactāre* em latim. Se não há um verbo para o prefixo se relacionar e depender, como um núcleo, não pode ser considerado satélite. Lembramos que para Sandmann (1988), o prefixo *in* é considerado um morfema.

No vocabulário português existem dois prefixos *in* – homônimos, um com significado negativo (incomum) e outro com o significado de ‘em, para dentro’ (incluir), o qual ocorre também sob a forma *en* – e é muitas vezes usado para formar derivações parassintéticas (enterrar). Com o significado ‘em, para dentro’, a forma *in* – provavelmente não é mais usada hoje para formação de palavras novas. (SANDMANN, 1988, p. 21).

Podemos verificar que, ainda que formalmente se possa separar o prefixo *in*, não há um núcleo no qual se apoie este elemento.

- (66) Simulacrum bracchium eius ita tetigit ut Harrius súbito rem horribilem senserit quasi id modo in hama *immersisset*<sup>112</sup> plena aquae glacialis. (*Harrius Potter et philosophi lapis*, p. 98-99).

---

<sup>112</sup> Mais que perfeito, 3ª pessoa singular do verbo *immērgere*.

“O fantasma lhe deu uma palmadinha no braço, produzindo em Harry a sensação horrível e repentina de que acabara de *mergulhar* num balde de água gelada.” (*Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 114).

“The ghost patted his arm, giving Harry the sudden, horrible feeling he’d just *plunged it into* a bucket of ice-cold water.” (*Harry Potter and Sorcerer’s Stone*, p. 122).

Quadro 56: estrutura do framing event – exemplo (66)

Uma FIGURA	<i>Harrius</i>
Um FUNDO	<i>Hama</i> (balde)
Um processo de ativação	MOVIMENTO expresso pelo verbo <i>mergĕre</i> (mergulhar, submergir)
Uma função de associação	TRAJETO expresso pelo satélite <i>in</i> na forma <i>im</i>

No quadro acima, temos a FIGURA *Harrius* que tem a sensação de se deslocar para um FUNDO *hama* (balde). Esse deslocamento ocorre por meio de um processo de ativação, que é o MOVIMENTO, e uma função de associação, o TRAJETO, expresso pelo satélite *in* na forma *im*.

Quadro 57: mapeamento sintático do macroevento em LFS – exemplo (66)

Evento principal	<i>In</i> na forma <i>im</i>
Evento subordinado	<i>Mergĕre</i>
Ativação	MOVIMENTO
Associação	TRAJETO

A sentença (66) se configura no padrão LFS, pois, no mapeamento sintático esquematizado no quadro (38), o evento principal é expresso por um satélite *in* na forma *im*, o evento subordinado é o

verbo *mergĕre*, significando *megulhar*, *submergir*, *afundar*, etc. A ativação é o MOVIMENTO e a associação é o TRAJETO.

Quadro 58: componentes do TRAJETO – exemplo (66)

Vetor	Chegada	<i>Mover-se de fora para dentro</i>
	Passagem	Não se aplica
	Partida	Não se aplica
Configuração		Orientação <i>de fora para dentro</i> indica, nesse caso, o recipiente <i>hama</i> (balde)
Dêitico	Em direção ao falante	Não se aplica
	Em outra direção	Não se aplica

Aplicando a fórmula:

*In* = F se desloca para dentro de G

A preposição latina *in* indica que o deslocamento é *de fora para dentro*. Sintetizando, a FIGURA (F) *Harrius* se desloca para dentro do FUNDO (G) *hama* (balde). Essa sentença do padrão LFS servirá de base para comparação da sentença em português que se configura com esse padrão tipológico. Vale ressaltar que há, em português, um verbo que traduziria morfológicamente o verbo latino *immergere*: trata-se do verbo *imersir*, que, no entanto, não tem a força expressiva do *mergulhar*, escolhido pelo tradutor. A fidelidade à forma sacrificaria o significado.

Quadro 59: atração gravitacional – exemplo (66)

<i>in</i> → <i>mergĕre</i>
----------------------------

O exemplo (66) possui as mesmas características dos exemplos (56) e (60). Não há dúvida de que o prefixo é um autêntico satélite ao gravitar em torno do verbo e especificar a direção do TRAJETO. O primeiro critério de Pittman, independência, e a definição de Talmy de que satélite é o constituinte que está em uma relação de irmã para um verbo, são suficientes para essa constatação.

(67) [...] a Venezuela *importou* 15,4 mil animais de reprodução neste ano.

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/vaivem/2013/06/1296726-apesar-da-compra-menor-da-venezuela-brasil-exporta-mais-gado-vivo-no-ano.shtml>

Quadro 60: estrutura do *framing event* – exemplo (67)

Uma FIGURA	15,4 mil animais de reprodução
Um FUNDO	Venezuela
Um processo de ativação	MOVIMENTO expresso pelo verbo <i>portar</i>
Uma função de associação	TRAJETO expresso pelo satélite <i>in</i> na forma <i>im</i>

Podemos fazer um paralelo da sentença (67) com a sentença (63) analisada. As FIGURAs são *15,4 mil animais de reprodução*, o FUNDO para a qual a FIGURA se desloca é a Venezuela. Ao contrário da sentença (63), na sentença (67) a orientação é *de fora para dentro*, sintetizado no satélite *in*.

Quadro 61: mapeamento sintático do macroevento em LFS – exemplo (67)

Evento principal	<i>In</i> na forma <i>im</i>
Evento subordinado	Verbo <i>portar</i>

Ativação	MOVIMENTO
Associação	TRAJETO

O evento principal é o prefixo latino *in* que funciona como satélite e que orienta o TRAJETO. O verbo *portar* é o evento subordinado, a ativação é o MOVIMENTO e a associação é o TRAJETO.

Quadro 62: componentes do TRAJETO – exemplo (67)

Vetor	Chegada	Mover-se <i>de fora para dentro</i>
	Passagem	Não se aplica
	Partida	Não se aplica
Configuração		Orientação dentro para fora pressupõe, nesse caso, um deslocamento até um recipiente
Dêitico	Em direção ao falante	Não se aplica
	Em outra direção	Não se aplica

*In* = F se desloca para dentro de G.

Aplicando a fórmula, *in* é a preposição latina correspondente à orientação *de fora para dentro*, F é a FIGURA, *15,4 mil toneladas de animais de reprodução*, e G é o FUNDO, a *Venezuela*, lugar para onde a FIGURA se desloca. O vetor exposto no quadro acima é a *chegada*, já que a FIGURA parte de um determinado local e chega até o FUNDO.

Quadro 63: atração gravitacional – exemplo (67)

<i>in</i> → <i>portar</i>
---------------------------

O prefixo *in* é um satélite por estar em uma relação de irmã para o verbo *portar*. A atração gravitacional do prefixo em relação ao verbo é forte, pois especifica a direção do MOVIMENTO. Podemos reforçar essa afirmação ao contrastar com o exemplo (63), em que a direção é *de dentro para fora* e aqui é *de fora para dentro*.

- (68) [...] 50,2 mil espanhóis *imigraram* para as cidades alemãs em busca de emprego.  
<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,europa-vive-maior-exodo-em-50-anos,152751,0.htm>

Quadro 64: estrutura do framing event – exemplo (68)

Uma FIGURA	50,2 mil espanhóis
Um FUNDO	Cidades alemãs
Um processo de ativação	MOVIMENTO expresso pelo verbo <i>migrar</i>
Uma função de associação	TRAJETO expresso pelo satélite <i>in</i>

Nesse quadro que estrutura o *framing event*, a FIGURA corresponde aos 50,2 mil espanhóis, o FUNDO são as cidades alemãs, o processo de ativação é o MOVIMENTO expresso pelo verbo *migrar* e a função de associação é o TRAJETO expresso pelo satélite *in*. No exemplo (67), temos mais uma ocorrência em português em que a língua foge à tipologia LFV, comportando-se como padrão LFS, como vimos ocorrer também nos exemplos (57), (58), (62), (63), (64). Vale lembrar que, no padrão LFS, o TRAJETO é expresso por um satélite que acaba por ser o evento principal no EM. Nesse padrão tipológico, o verbo é o evento subordinado que serve de apoio ao evento principal.

Quadro 65: mapeamento sintático do macroevento em LFS – exemplo (68)

Evento principal	<i>In</i> na forma <i>i</i>
------------------	-----------------------------

Evento subordinado	<i>Migrar</i>
Ativação	MOVIMENTO
Associação	TRAJETO

Segundo o quadro (44), o evento principal é o satélite *in*, o evento subordinado é o verbo *migrar*, a ativação é o MOVIMENTO e a associação é o TRAJETO. Até aqui, aplicado o passo (1) da análise, essa sentença tem as mesmas propriedades do padrão LFS.

Quadro 66: componentes do TRAJETO – exemplo (68)

Vetor	Chegada	<i>Mover-se de fora para dentro; aqui a preposição para codifica o vetor</i>
	Passagem	Não se aplica
	Partida	Não se aplica
Configuração		<i>Orientação de fora para dentro pressupõe, nesse caso, um recipiente, que são as cidades alemãs</i>
Dêitico	Em direção ao falante	Não se aplica
	Em outra direção	Não se aplica

*In* = F se desloca para dentro de G.

Aplicando a fórmula, temos a seguinte situação: a preposição *in* corresponde à orientação *de fora para dentro*, o F é a FIGURA, *50,2 mil espanhóis*, o G é o FUNDO, *cidades alemãs*, local para onde a FIGURA se desloca.

Quadro 67: atração gravitacional – exemplo (68)

<i>in</i> → <i>migrar</i>
---------------------------

Podemos contrastar esse exemplo com o (61): em ambos, o prefixo são autênticos satélites, pois se relacionam com o verbo que é o núcleo, especificando o TRAJETO. A direção do TRAJETO em (61) é *de dentro para fora* e, no exemplo (68), é *de fora para dentro*. Os critérios independência de Pittman e as definições talmyanas reforçam essa constatação.

A partir dessa análise, podemos começar a verificar que, assim como os prefixos *circum* e *ex* em algumas construções, o prefixo *in* podem fazer com que o português se desloque de sua tipologia LFV para a tipologia LFS. É possível atestar que as construções em que esse cruzamento de tipologia ocorre são raríssimas em português. O prefixo *in* em português é produtivo em construções de verbos complexos, como exposto no início dessa seção, mas raramente aparece em construções prefixo + verbo. Por meio das análises podemos verificar que, de fato, o português possui resquícios do padrão tipológico latino (LFS) ao permitir que se configure, embora raríssimas vezes, como um padrão tipológico distinto. A partir dessa constatação, já podemos responder as questões centrais desse estudo: os prefixos que formam diversos verbos de movimento em português podem ser considerados satélites e, decorrente disso, a língua portuguesa pode ser considerada uma língua com o padrão LFS ou LFV e LFS? O próximo item responderá a essas indagações.



## 5 CONCLUSÃO

Neste estudo examinamos algumas ocorrências em língua portuguesa que, inicialmente, nos fizeram questionar a qual padrão tipológico, de fato, pertencia o português: LFV, LFS ou a ambos os padrões. Para tanto, vimos a necessidade de descrever os padrões tipológicos propostos por Talmy (2000b), situando cada língua em seu padrão tipológico. Nessa tarefa, não foi possível ignorar as diversas críticas e reformulações propostas por alguns autores à teoria talmyana, mas a nossa abordagem procurou circunscrever-se o mais fielmente possível à teoria do autor, por acreditarmos que ele respondeu às críticas e reformulações, defendendo o seu ponto de vista de forma coerente com o que propôs.

Assim, no capítulo (1) apresentamos o padrão tipológico proposto por Talmy e, nessa abordagem, incluem-se vários itens, como algumas características de lexicalização, o que o autor considera evento, macroeventos e integração de eventos. Reproduzimos os esquemas de estrutura conceptual de *framing event*, mapeamento sintático nas línguas com padrão LFV e LFS, esquemas esses essenciais para a nossa análise, baseada nessas estruturas que as línguas são agrupadas em padrões distintos. Outro item essencial para este estudo foi representado pelos *componentes do TRAJETO*. Nessa parte expomos, sempre por meio de exemplos retirados do nosso *corpus*, os componentes vetor, configuração e dêitico, que compõem o universal TRAJETO. Para melhor entendimento desse item, recorremos a Kewitz (2009), Cifuentez Ferez (2008), Betherle (2004) e Wälchli (2001). Optamos por utilizar a complementação dos *componentes do TRAJETO* proposto por Talmy, baseando-nos na reformulação de Berthele, por acreditarmos que o esquema desse autor permite uma melhor visualização do universal TRAJETO. A partir daí, começamos a abordar a tipologia de Talmy, que separa as línguas do mundo em dois padrões tipológicos: LFV e LFS.

Embora pretendamos ser fiel à tipologia talmyana, optamos por expor alguns críticos dessa teoria, a fim de discutir e circunscrever o nosso trabalho no âmbito da tipologia de Talmy. Matsumoto (2003), o primeiro dos críticos abordados por nós, propõe uma reformulação da teoria do padrão tipológico de Talmy. Esse autor aborda a teoria sob três pontos de vista diferentes: na primeira abordagem, para Matsumoto, o padrão tipológico das línguas depende da riqueza de verbos de modo e verbos de trajeto presentes na língua; na segunda abordagem, o autor

propõe tratar o verbo como uma categoria sintática e não lexical e, finalmente, na terceira abordagem, volta-se para a diferença na natureza dos verbos de modo de movimento. Dessa maneira, o autor centra-se na segunda perspectiva para reformular a tipologia de Talmy, passando a considerar o verbo como categoria sintática e, assim, minimizar o que ele chama de “confusão em torno do conceito de satélite”. Em nosso entender, o autor desfigura a teoria talmyana e não alcança o objetivo proposto, que era o de acabar com as dificuldades encontradas na teoria, principalmente no conceito de satélite.

Outro autor que propôs reformular a tipologia talmyana foi Dan Slobin (2004, 2006). Baseando-se em narrativas de cunho infantil, esse autor verificou, segundo seus estudos, que a tipologia em LFS e LFV não dava conta de todas as línguas, razão pela qual criou um terceiro padrão LFE. Essa terceira tipologia criada por Slobin tem por finalidade abarcar línguas com verbos seriais, verbos genéricos e verbos bipartidos. Nessa tipologia, o MODO e TRAJETO são expressos por categorias gramaticais equivalentes. Neste estudo, abordamos as críticas de Matsumoto e de Slobin, a fim de mostrar outros pontos de vista acerca da tipologia talmyana e de situar nosso estudo na teoria de Talmy que, em nosso entender, dá conta das nossas indagações, uma vez que o autor responde às críticas.

Talmy (2008), no texto *Main Verb Properties*<sup>113</sup>, refutou a tipologia LFE de Slobin e pontuou alguns princípios que permitem desmistificar certas críticas em torno de seu trabalho. De fato, os argumentos que servem de base para os autores criticarem a tipologia de Talmy centram-se na constatação de que não é fácil atribuir o estatuto de verbo principal em algumas sentenças. Nesse sentido, alguns autores afirmam que não está claro qual constituinte pode ser rotulado de verbo principal e qual constituinte pode ser rotulado de satélite. Acreditamos que o texto *Nuclear structures in linguistics*, de Pittman (1948), responderia facilmente a essas indagações; no entanto, Talmy responde, ele mesmo, a esses críticos de forma convincente. Em primeiro lugar, Talmy refuta o padrão LFE, justificando que os autores utilizam apenas o par TRAJETO e coevento, deixando os universais FIGURA, MOVIMENTO e FUNDO de fora de suas análises. Em segundo lugar, o autor aponta que os críticos tomam o TRAJETO como unitário e não constituído de três partes: vetor, configuração e dêitico. Esses dois pontos apontados por Talmy já são, em princípio, um sólido argumento

---

<sup>113</sup> Propriedades do verbo principal (Tradução nossa)

para refutar a criação do padrão LFE, mas o autor oferece alguns critérios para a identificação do verbo principal nas línguas baseados na morfologia, sintaxe, padrões de coocorrência, tamanho da classe, fonologia e semântica. Em nosso estudo, reproduzimos a aplicação de Talmy desses critérios em inglês para demonstrar como atribuir o estatuto de verbo principal em uma sentença de uma determinada língua. Por meio de exemplos de Talmy, foi possível demonstrar que a língua Atsugewi, rotulada por Slobin como padrão LFE, na visão de Talmy possui de fato o padrão LFS.

No item 2.1.6 (Esquema do EM), apresentamos os universais semânticos que compõem o EM, e, por meio de exemplos retirados do *corpus Harry Potter e a pedra filosofal*, demonstramos o funcionamento desse esquema segmentando uma sentença e ilustrando cada um dos verbos de movimento, tornando mais fácil a visualização desse esquema.

Em seguida, iniciamos a discussão sobre o padrão LFS e o conceito de satélite que, como já mencionado, provoca inúmeras críticas à tipologia talmyana. O nosso ponto de partida para o estudo desse conceito é o texto *Nuclear structures in linguistics* de Pittman (1948). Em nossa leitura dos textos de Talmy, não encontramos nada que diretamente remeta ao texto de Pittman, mas notamos uma clara inspiração nos critérios propostos por esse autor na formulação do conceito talmyano de satélite. Isso se deve ao fato de que Pittman propõe critérios para melhor definir CIs. Em seguida, mostramos o conceito de satélite definido por Talmy, exemplificando por meio de segmentações das sentenças que mostraram as disposições dos universais semânticos e o local ocupado pelo satélite na sentença. Após essas demonstrações, apresentamos nossas considerações a respeito do conceito de satélite talmyano.

Os estudos de Beavers et al. (2010) oferecem uma nova perspectiva sobre as opções disponíveis para a codificação do EM nas línguas. Embora sejamos fiéis à tipologia talmyana, essas críticas são interessantes de ser abordadas por ter como pano de fundo o fato de que as línguas podem se configurar como um padrão tipológico distinto que é o que propomos demonstrar em nosso trabalho. Beavers et al. tentam anular a definição de satélite de Talmy e propõem que os SPs sejam incluídos no conceito de satélite, para, dessa maneira, ampliar a gama de opções para a codificação do EM nas línguas. Zlatev et al. (2010) também questionam o conceito de satélite, ao comparar a funcionalidade de algumas partículas suecas com partículas verbais em inglês. Por fim,

Talmy explica o que para ele significa satélite como coevento. Como pudemos observar, alguns autores propõem considerar como satélites o que Talmy define como “estando em uma relação de irmã para o verbo”.

Apresentamos uma ocorrência em inglês que mostra que essa língua de padrão LFS pode se configurar como padrão LFV. Talmy justifica que isso ocorre devido a empréstimos latinos presentes no inglês e que, portanto, não seria sistemático na língua. Terminamos essa parte mostrando o padrão tipológico LFS aplicado ao latim.

O padrão LFV foi abordado em seguida com exemplos em português retirados do *corpus*. Por meio de segmentação, também mostramos o lugar ocupado por cada um dos universais semânticos e o que se entende por satélite de coevento proposto por Talmy. Alguns exemplos serviram de base para ilustrar casos em que o EM ocorre por meio de um *agente* e alguns casos em que o MOVIMENTO do verbo não necessita da intervenção de um *agente* para ser realizado. Nesse ponto do estudo, fica claro a qual padrão tipológico, de fato, pertence o português, mas a seção seguinte, que trata do estudo dos prefixos latinos, começa a configurar a questão sobre o fato de os prefixos que formam alguns verbos em português serem considerados satélites, pondo a tipologia em xeque.

O estudo diacrônico dos prefixos foi baseado, principalmente, em Romanelli (1964). Esse autor fez um estudo sistemático de 43 prefixos latinos, dentre os quais elegemos três para o nosso estudo. Os prefixos *circum*, *ex*, e *in* foram os escolhidos em razão de detectarmos algumas construções em que em português funcionam como um típico satélite na definição talmyana. Nessa parte do trabalho, abordamos, também, gramáticos históricos como Said Ali (1971) e Coutinho (1969), além dos mais contemporâneos como Cunha & Cintra (2001), Bechara (2005) e Azeredo (2008). Os autores mantêm o mesmo sentido para os prefixos e, dessa forma, situamos cada um desses prefixos quanto a seu sentido básico.

Kopecka (2004), em sua tese de doutorado, indagou sobre o fato de o francês possuir uma tipologia híbrida, argumentando que alguns prefixos funcionam como satélite em francês. Para o seu trabalho, a autora comparou os prefixos do polonês e do francês e chegou à conclusão de que os prefixos em francês que funcionam como satélite são suficientes para inserir a língua nos padrões LFS e LFV. Por essa razão, consideramos que nosso estudo se aproxima desse trabalho da autora, pois também questionamos se o português pode ser configurado com um padrão híbrido.

Iacobini e Fagard (2011) abordam, igualmente, o fato de várias línguas cruzarem a fronteira e se apresentarem com um padrão tipológico distinto; mas, para esses autores, o mais importante é descrever como ocorre a mudança de um padrão tipológico a outro. Nesse sentido, esses autores começam a responder as nossas questões, pois se as línguas mudam de um padrão tipológico a outro, significa que existe uma evolução de um padrão a outro. Se o português possui resquícios de um padrão tipológico pertencente ao latim, no curso da evolução, o português possui em seu DNA resquícios dessa tipologia. Os autores afirmam que essa evolução foi um processo complexo alcançado de diferentes maneiras pelas línguas românicas. Iraide Ibarretxe Antuñano (2009) também contribui para responder a nossa questão, pois seus estudos centram-se na diferença intratipológica presente nas línguas. Se Iacobini e Fagard afirmaram que a evolução do padrão tipológico das línguas foi alcançada de diferentes maneiras e Ibarretxe-Antuñano afirma que existem diferenças intratipológicas nas línguas, o fato de alguns críticos questionarem a tipologia baseando-se no argumento de que as línguas diferem no modo de codificar o EM não se sustenta.

Na análise que fizemos, baseados em esquemas de estruturas de *framing event* e mapeamento sintático do macroevento, pudemos situar cada ocorrência em um padrão tipológico. Foi possível verificar que em alguns casos o português se encaixa plenamente no padrão tipológico LFS, que é distinto de seu padrão prototípico, mas as poucas ocorrências não tornam o português uma língua com padrões híbridos, tampouco o situa no padrão LFS. Chegamos, pois, à conclusão de que essas ocorrências se devem ao fato de que, por ser formado do latim, o português herdou algumas características que fazem com que possua, de fato, resquícios do padrão tipológico LFS da língua mãe. Em relação ao fato de que prefixos que formam diversos verbos de movimento em português são satélites, temos as seguintes constatações. Se o prefixo é separável do verbo como *circum- navegar*, *ex-pulsar*, *ex-portar*, *i-migrar*, podemos considerá-los satélites, pois nas definições talmyanas e nas definições de Pittman são autênticos satélites. Porém, se os prefixos são inseparáveis e se lexicalizaram, esvaziando o sentido dos verbos como nos exemplos, *circundar*, *invadir*, não podem ser considerados satélites, pois são centrais e não podem ser segmentados em centrais e laterais para funcionar como satélite. A partir do momento que a noção de trajetória, expressa por prefixos, fundiu-se com verbos, ou nomes está claro que evoluíram para o padrão LFV. Esses prefixos agregados a

verbos e nomes podem no máximo ser considerados *configuração*, uma vez, que fornece geometricamente a dimensão do FUNDO.

A questão que fica é como o falante de português poderia interpretar verbos formados por prefixos em suas respectivas orientações como *ao redor*, *de dentro para fora* e *de fora para dentro* e não notar que a orientação desses TRAJETOS é feita pelos prefixos. Observações dessa natureza poderiam contribuir para o aprimoramento do ensino da língua e para a compreensão de dados textuais, no que se refere à escrita e leitura do português.

## REFERÊNCIAS

ALI, Manuel Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática latina**: curso único e completo. 29 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BATORÉO, Hanna. Jakubowicz. **Expressão do espaço no português europeu**: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. FCT e Fundação Calouste Gulbenkian, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, 2000. [Dissertação de Doutoramento, Lisboa: FLUL, 1996], p. 356-384.

\_\_\_\_\_. Expressão do movimento em água (AQUA-motion) no português europeu: contribuição para tipologia lexical. In **Linguística**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 167-277, 2006.

\_\_\_\_\_. Cognitive and lexical characteristics of motion in liquid medium: AQUA-motion verbs in typologically different languages. In **Psychology of Language and Communication**. v. 12, n.2, 2008. <<http://versita.metapress.com/content/9ktt155655779372/fulltext.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2011.

BEAVERS, Joh; LEVIN, Beth; THAN, Shiao Wei. The typology of motion expressions revisited. **Journal of Linguistics**, v. 46, n. 2, p. 331-377, 2010. <<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=7802269>>. Acesso em: 20 mai. 2012.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2005.

BERTHELE, Raphael. The typology of motion and posture verbs: A variationist account. In B. Kortmann (Ed.), **Dialectology meets Typology**. Dialect Grammar from a Cross-linguistic Perspective. Berlin/New York, 2004, p. 93-126. <

[http://doc.rero.ch/record/17245/files/berthele\\_motion\\_verbs\\_dialectology\\_typology\\_postprint.pdf](http://doc.rero.ch/record/17245/files/berthele_motion_verbs_dialectology_typology_postprint.pdf)>. Acesso em: 16 jan. 2013.

CESA, Nazaré, N. B. **A preposição Até como elemento integrador de eventos: uma abordagem cognitiva**. 2013. 104 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2013.

CIFUENTES-FÉREZ, Paula. **Motion in English and Spanish: A Perspective from Cognitive Linguistics, Typology and Psycholinguistics**. University of Murcia, 2008.

<

<http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/10816/CifuentesFerez.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 jan. 2013.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 4. ed. rev. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1969.

CROFT, Willian et al. Revising Talmy's typological classification of complex events. In: BOAS, Hans. **Contrastive construction grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2010, p. 201-235.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar Latino/Português**. 3ª Ed. Rio de Janeiro, 1962.

IACOBINI, Claudio & FAGARD, Benjamin. A diachronic approach to variation and change in the typology of motion event expression. A case study: From Latin to Romance. **Cahiers de Faits de langue**, Paris, n. 3, p. 151-172, 2011.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide. 2009. Path Salience in Motion Events. In **Crosslinguistic Approaches to the Psychology of Language: Research in the Tradition of Dan Isaac Slobin**. Ed. Elena Lieven et al. New York: Psychology Press, 2009, p. 403-414.

KEWITZ, Verena. **Gramaticalização e Semanticização das preposições a e para no Português Brasileiro (sécs. XIX e XX)**. Tese de doutorado em Filologia e Língua Portuguesa, FFLCH, USP, São



Paulo, 2007. <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-01122009-101905/pt-br.php>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. **A representação do movimento no português paulista**. Filol. lingüíst. port., n. 13(1), p. 89-125, 2011. <[http://www.fflch.usp.br/dlcvlport/flp/images/arquivos/FLP13\\_1/kewit\\_z.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcvlport/flp/images/arquivos/FLP13_1/kewit_z.pdf)>. Acesso em: 20 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. **A noção de deslocamento no Português Paulista**: uma abordagem cognitiva. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa. Anais do VI Congresso Internacional da Abralín: Ideia, 2009. v. 1. p. 2297-3006. <<http://abralin.org/site/publicacao-em-anais/abralin-joao-pessoa-2009/>>. Acesso em: 20 de mai. 2012.

KOPECKA, Anetta. **Étude typologique de l'expression de l'espace**: localisation et déplacement em français et em polonais. Thèse pour obtenir le grade de Docteur de l'université em Sciences du Langage, Faculté des Lettres, Sciences du Langage et Arts, Université Lumière Lyon 2. Lyon, 2004, p. 105-214. <[http://theses.univ-lyon2.fr/documents/lyon2/2004/kopecka\\_a/pdfAmont/kopecka\\_a\\_chapitre03.pdf](http://theses.univ-lyon2.fr/documents/lyon2/2004/kopecka_a/pdfAmont/kopecka_a_chapitre03.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2013.

MATSUMOTO, Yo. Typologies of Lexicalization Patterns and Event Integration: Clarifications and Reformulations. In A Festschrift for Masaru Kajita. S. Chiba et al. (Eds.) **Empirical and Theoretical Investigations into Language**. Tokio, Kaiakusha, 2003. p. 403-418. <<http://www.lit.kobe-u.ac.jp/~yomatsum/papers/typologies2.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2012.

MESQUITA, Roberto Melo & MARTOS, Cloder Rivas. **Gramática pedagógica**. 28 ed. reformulada e ampliada. São Paulo: Saraiva, 1999.

MOURA, Heronides Maurílio Melo & DAMÁZIO, Paula Regina Scoz Domingos. **A preposição em no espaço**: um jogo de linguagem e cognição. In: Cambrussi, Morgana; Aragão Neto, Magdiel. (Org.). **Léxico e gramática**. 1ed. Curitiba: CRV, 2011, v. 1, p. 89-102.

\_\_\_\_\_. Frames e alternâncias sintáticas: como o metafórico depende do literal. In: \_\_\_\_\_. MOTA, Mailce Borges; SANTANA, Ana Paula (org.). **Cognição, léxico e gramática**. Florianópolis: Insular, 2012, p. 19-46.

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento:** a língua como uma janela para a natureza humana. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PITTMAN, Richard Saunders. Nuclear Structures in linguistics. **Language**, v.24, n. 3, p. 287-292, 1948. <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/410363?uid=3737664&uid=2129&uid=2134&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21102470931641>>. Acesso em: 15 mai. 2013.

ROMANELLI, Rubens Costa. **Os prefixos latinos:** da composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1964.

ROWLING, Joanne Kathleen. **Harry Potter and the Sorcerer's Stone.** New York (NY): Scholastic Press, 1998.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter e a pedra filosofal.** Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro (RJ): Rocco, 2000.

\_\_\_\_\_. **Harrius Potter et philosophi lapis.** Tradução de Peter Needham. London/New York: Bloomsbury. 2003.

SANDMANN, Antonio José. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo.** Curitiba: Scientia et Labor, 1988.

SANTOS SARAIVA, Francisco Rodrigues dos. **Novíssimo Dicionário Latino/Português etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, bibliográfico.** 11 ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHULTZE-BERNDT, Eva. **Simple and complex verbs in Jaminjung.** A study of event categorisation in an Australian language. 2000. 610 p. Ph. D. Dissertation – Katholieke Universiteit Nijmegen, Netherlands. (Published as MPI Series in Psycholinguistics 14). 2000. <<https://www.escholar.manchester.ac.uk/uk-ac-man-scw:51136>>. Acesso em: 19 abr. 2013.

SLOBIN, Dan Isaac. Two ways to travel: Verbs of motion in English and Spanish. In: Masayoshi Shibatani and Sandra A. Thompson (Eds.), *Grammatical Constructions: Their Form and Meaning*. Oxford: Clarendon Press. 1996b.

\_\_\_\_\_. **Verbalized events**: A dynamic approach to linguistic relativity and determinism. In: Susanne Niemeier and René Dirven (Eds.), *Evidence for Linguistic Relativity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2000, p. 107-138.

\_\_\_\_\_. The many ways to search for a frog: Linguistic typology and the expression of motion events. In: Sven Strömquist and Ludo Verhoeven, eds., **Relating Events in Narrative**: Typological and Contextual Perspectives. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. 2004, p. 219-257.

\_\_\_\_\_. What makes Manner of motion salient? Explorations in linguistic typology, discourse and cognition. In: M. Hickmann y S. Robert (Eds.), **Space in Languages**: Linguistic Systems and Cognitive Categories. Amsterdam / New York, John Benjamins, 2006. P. 59-82.

TALMY, Leonard. **Semantic Structures in English and Atsugewi**. Ph. D. Dissertation, University of California, Berkeley, 1972. <<http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/talmy/talmyweb/Dissertation/toc.html>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

\_\_\_\_\_. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. In: Timothy Shopen, ed., **Language Typology and Syntactic Description**, Vol. 3: Grammatical Categories and the Lexicon. Cambridge: Cambridge University Press. 1985, p. 57-149

\_\_\_\_\_. **Path to realization**. Proceedings of the Seventeenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society. Berkeley Linguistics Society, University of California, Berkeley. 1991, p. 480-519

\_\_\_\_\_. **Toward a Cognitive Semantics**. Cambridge, MA: MIT Press. 2000b

\_\_\_\_\_. **Main verb properties (substantially revised over original version)**, 2008. <<http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/talmy/talmyweb/Recent/main-verb.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2013.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino/Português**. 3 ed. Porto: Marãnus, 1945.

WÄLCHLI, Bernhard. (2001). A typology of displacement (with special reference to Latvian). **Sprachtypologie und Universalienforschung**, v. 54, n. 3, p. 298-323, 2001.

ZLATEV, Jordan; BLOMBERG, Johan; DAVID, Caroline. Translocation, language and the categorization of experience. In: In: V. Evans & P. Chilton (Eds.). **Language, Cognition, and Space: the state of the art and new directions**. London: Equinox Publishing, 2010, p. 389-418.